REVISTA DA SEMANA

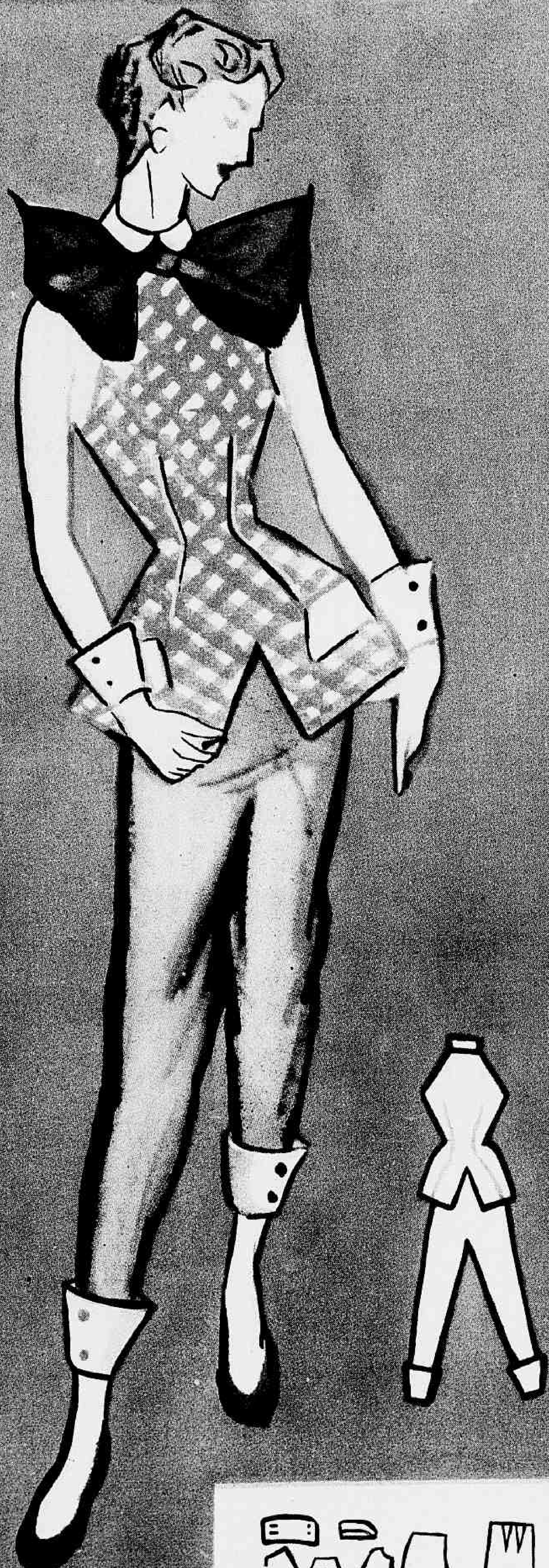
N. 8 19-2-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

ÚLTIMAS SUGESTÕES PARA O CARNAVAL



BANDEIRA: ESTA É A MINHA ÚLTIMA "CHANCE"

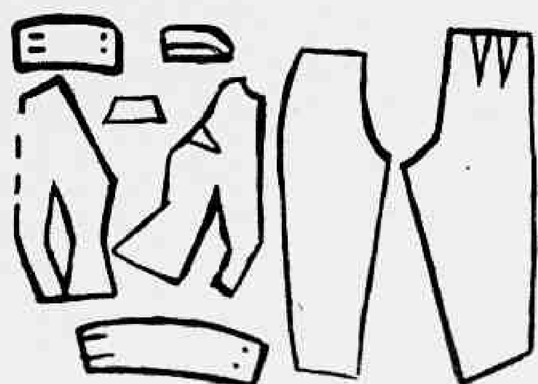
AINDA HÁ TEMPO PARA VOCÊ BRINCAR NO CARNAVAL



Estamos às vésperas do Carnaval, mas ainda há tempo para você fazer sua fantasia. Lauritzen Bern criou êsses modelos simples e originais, que podem ser confeccionados em poucas horas, sem prejuízo da beleza e do sucesso com que você pode brilhar nos três dias de folia.

Quem estava indecisa se fazia, ou não, uma fantasia encontra nessas sugestões um belo estímulo para aderir aos folguedos de Momo, que não gosta de ver os seus adeptos desuniformizados, isto é, com os mesmos trajes do ano inteiro... (Desenhos de LAURITZ BERN).

● PEPITA — Por baixo da gola, grande laço vermelho. Punhos com enfeites de botões. Pode ser executada nas mesmas côres que apresentamos, ou em outras de sua preferência, formando os contrastes adequados.



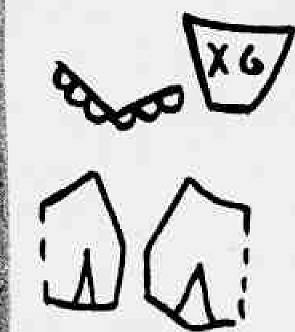
● SOMBRINHA — Fantasia de cetim, com enfeite na cabeça em formato de sombrinha, armada com arame. O resto do conjunto é de fácil execução, conforme o modêlo. Muito prática, pode ser feita nas côres de sua preferência.

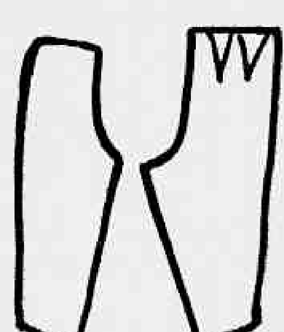


● CARMEM — Cintura bem ajustada com uma larga faixa de dois laços. Decote de franjas. Saia bem rodada e comprida, com as mesmas franjas do decote.



● COQUETE — Colête de sêda bem justo. Corpinho de opala dentro do colête. Partindo dessa base, você pode enriquecê-la com os detalhes que desejar.





Um presente que não é de grego



★ Não vem num Cavalo de Tróia essa «Grega» belíssima que é Esther Williams. Ela aparece aqui expondo tôda sua beleza e simpatia em trajes típicos da Grécia milenar. Sua presença nesta página constitui um belo presente que não é de grego... pois representa uma sugestão de fantasia que pode bem ser aproveitada pelas nossas folianos. Trata-se de uma Grega de luxo, muito própria para os bailes de Carnaval, que exigem roupas ligeiramente refrigeradas.. (Foto Metro Goldwyn Mayer).

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 8 — Rio de Janeiro — 19-2-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
ASSISTENTE .... Wilson Barbosa
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Vinicius Lima, Lúcio Cardoso, Pedro Müller, Grande Otelo, Paulo de Andrade Lima, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS
«Prometeram-me pancada porque...» 6/8
A Câmara elegeu seu presidente... 11/15
Estou cansado de fazer teatro no Brasil 18/19
No tempo antigo Carnaval tinha disto? 26/27
São Paulo (Quatrocentão e tudo) cai no samba 30/31
Jorge Guinle fala de artistas, «jazz» e couve à mineira 36/37
Arpoador: Porta de ouro do turismo nacional 40/43
Carmem Miranda recolhe novas gírias cariocas 44/45
O ex-tenente Bandeira rompe o silêncio 49/52

● SEÇÕES
Canção do Asfalto 9
Puxe pelo cérebro 10
Flash Paulista 14
Semana em Revista 15
Teatro e Música 17
Por êsse mundo de Deus 20/21
Semana Astrológica 22
Champanhota 23
Femininas 32/33
Literária 34
Black-Beer 46
Palavras Cruzadas 48
Correio da Revista 48
A Revista há cinqüenta anos 48
A figura em foco 53

● HUMORISMO
O Riso dos Outros 46
Fortuna 54/55

● LITERATURA
Carnaval dos Cães — Adalgisa Nery 5
Fronteira da Vida — Wilson Barbosa 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres 28/29

● CAPA
Carnaval — (Foto Ferreira Lima)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

CARNAVAL DOS CÃES

● Há pessoas tão carnavalescas que até o fim da vida guardam o mesmo entusiasmo da mocidade. E' uma espécie de único programa do ano, esperar os dias de Momo. Conheço uma senhora que foi em moça uma devotada a êsses folguedos. Mas a sua alegria não passava do prazer de vestir várias e ricas fantasias. Privava-se de muitos confortos a fim de economizar para ter mais o que gastar no Carnaval. O ano inteiro confeccionava trajes de baianas, odaliscas, rainha de várias coisas e vários reinos e nas ante-vésperas de Momo iniciava o seu programa de exibições.

E assim divertia-se vestida em roupas orientais ou trajes típicos sempre gastando nêles muito dinheiro. Lembro-me de a ter visto muito séria, compenetrada, levando uma riquíssima fantasia de princesa indu, coberta de jóias cintilantes acompanhada da solenidade que convém a uma nobre descendente, com movimentos medidos, como se estivesse realmente na pomposa côrte da Índia e não apenas fantasiada.

Hoje, cansada e mesmo enfêrma, não mantém por várias razões aquêle enxoval carnavalesco para satisfazer a sua vaidade e a sua inocente alegria. Entretanto transfere o seu prazer para os oito cães vira latas que acolhe na sua vida de solteirona sem ninguém.

● Nos quatro dias de Momo podemos ver, passando pelo jardim da sua casa modesta, os animais fantasiados desde pela manhã, bastante contrafeitos nas golas engomadas de um pierrot, na saia armada de uma bailarina e com o focinho coberto por um pequeno véu oriental. Sentada numa cadeira de balanço, ela observa os seus cães fantasiados. Tenho impressão de que sua felicidade é a medida justa da infelicidade dos pobres animais. Uma vez por outra, levanta-se e espalha confetes entre os «foliões» atormentados. Depois senta-se risonha sob um trançado de serpentinas armado por ela mesma entre as árvores tristes do seu modesto jardim.

● Assim diverte-se a antiga carnavalesca na sua solidão de hoje. Enquanto a sua alegria é maior e mais vibrante nesses quatro dias, os pobres cães mergulham no pavor silencioso. Sentem que o castigo é fatal nesse período e aceitam as fantasias com uma grande tristeza no olhar. Quarta-feira de cinzas, livres do carnaval imposto pela sua dona, os animais descobrem que podem latir, pular, correr e viver como bichos e dentro do silêncio e do cansaço dêsse dia para todos os foliões humanos, o único lugar onde a algazarra é ensurdecedora e incompreensível para os que não conhecem os hábitos da velha carnavalesca, é a casa dos cachorros de D. Amanda.

ADALGISA NERY

REVELA MÁRIO FILHO:

"PROMETERAM-ME PANCADA PORQUE FUI



"PANFLETÁRIO EU SEMPRE FUI, MAS PANFLETÁRIO DENTRO DO ESPORTE".

O BRASILEIRO NÃO ESTÁ PREPARADO PARA PERDER, NEM COMO CLUBE, NEM COMO CIDADE, NEM COMO PAÍS... — ESCREVENDO DOIS ANOS SEGUIDOS SÔBRE O MARACANÃ — A BATALHA DO CAMPEONATO MUNDIAL DE BASQUETEBOL — O DESPORTISTA DO ANO TEM HORROR À POLÍTICA

Reportagem de MILTON SALLES

Fotos de ARNALDO VIEIRA

MÁRIO Filho (êle gosta de ser chamado assim, sem o Rodrigues no meio, que é só para os documentos importantes ou para o expediente do jornal que dirige) pode ser considerado o pai da moderna crônica esportiva, ou se quiserem por menos, o jornalista que deu maior vivacidade ao noticiário do gênero, interessando, prendendo e ganhando leitores. Mas, quando foi isso? Mário Filho enche o cachimbo com cheiroso fumo, acende-o calmamente e esclarece:

— Foi em 1928. Eu pràticamente começava minha carreira na imprensa, ao lado do meu saudoso pai. Aliás, convém esclarecer que o velho Mário Rodrigues queria que eu fôsse repórter parlamentar, fazendo a cobertura de tudo quanto acontecesse na Câmara. Bati pé e disse que não. Achava que não havia nenhum cronista esportivo de boa qualidade na ocasião e queria era escrever sôbre esportes. Tanto fiz que acabei convencendo o velho e, um dia, surgiu a valente «Crítica» com duas páginas diárias sôbre futebol. Sôbre o futebol e outros esportes. Porém 90 por cento quase só de futebol, com biografias de craques famosos, noticiário completo de tôdas as atividades, curiosidades, etc.

Enquanto vai falando, suas mãos riscam o ar, se contorcem, se espalmam, sobem, descem como se fôssem um complemento de suas palavras:

— Dois anos depois, em 1930, quando meu pai morreu, dirigi o jornal de março a outubro. Fiquei tão horrorizado com a política devido aos fatos que presenciei, que assumi comigo mesmo o compromisso de jamais me envolver em política e de nunca fazer um jornal que focalizasse qualquer acontecimento político. E até hoje êsse compromisso continua de pé.

— Não quis ser panfletário como o seu pai?

Pisamos nos calos de Mário Filho:

— Panfletário eu sempre fui. Mas panfletário dentro do esporte. Aliás, confesso que só me sinto bem numa campanha! E dentro do esporte, para o qual transferi tôda minha capacidade de panfletário, tenho lutado em favor de causas que considero memoráveis.

Mário Filho faz uma pausa. Suas mãos, que até então tinham feito milhões de arabescos invisíveis, descansam sôbre a secretária atulhada de papéis, flâmulas e bronzes. Seus olhos brilhantes fixam o repórter. E pergunta:

— Você duvida?

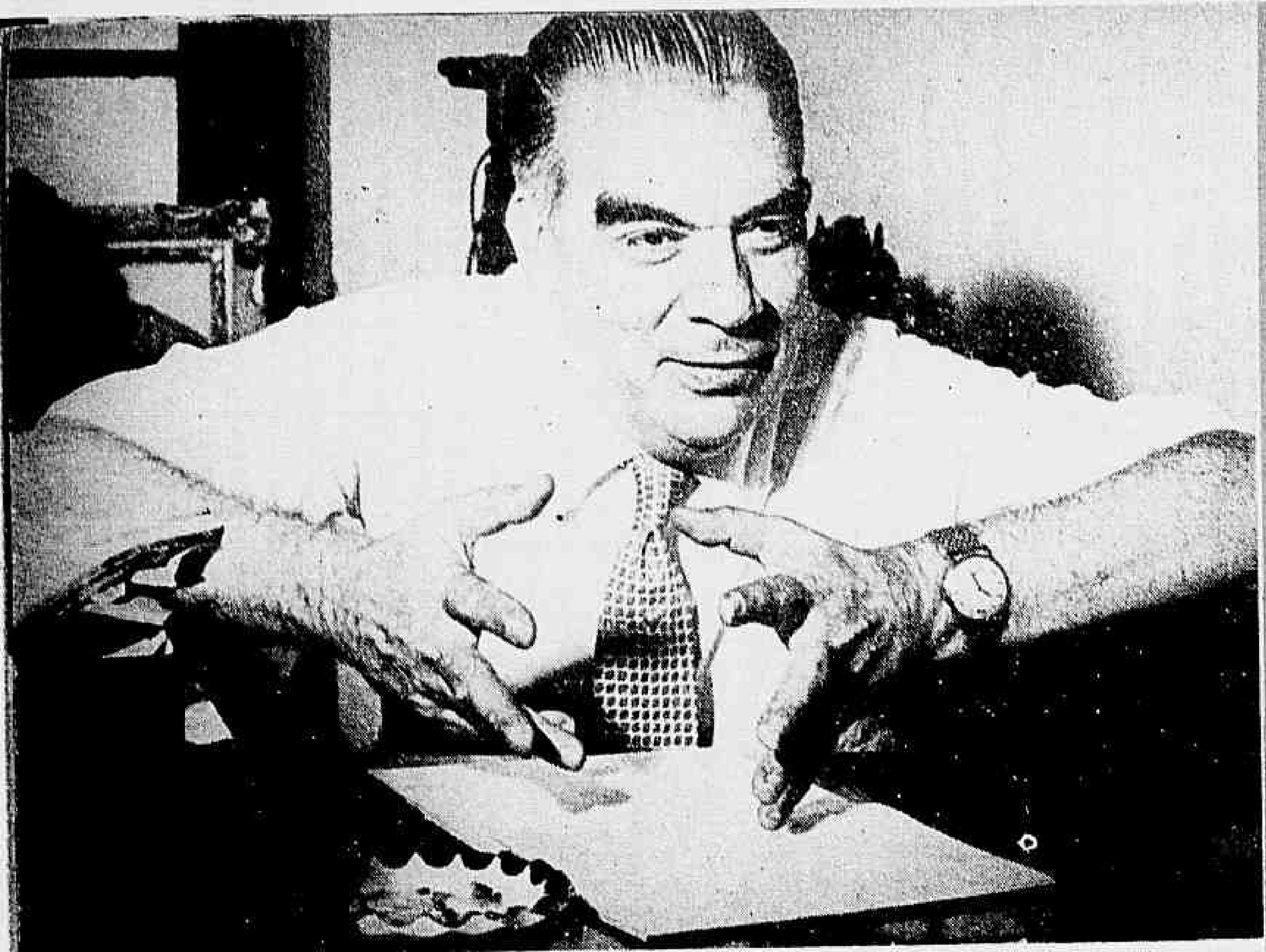
— Como panfletário, que não tem papas na língua para dizer o que pensa, fiz a campanha do profissionalismo em nossa terra. A coisa começou em 32, quando o jogador Moacir Siqueira de Queiroz, o famoso Russinho, um dos donos do time do Vasco da Gama, deu-me uma entrevista corajosa. Dizia êle (nessa ocasião eu já estava dirigindo a seção esportiva de «O Globo») que recebia dinheiro para condução, embora muitas vêzes não precisasse dêsse dinheiro e a quantia fôsse geralmente grande. Assim, concluía o Russinho, um jogador limpo e honesto, «eu não sei se sou amador ou profissional». A entrevista, que trouxe a público segredos que os clubes escondiam àvaramente, quase causou um abalo sísmico na ocasião. Foi ela o ponto de partida para o profissionalismo.

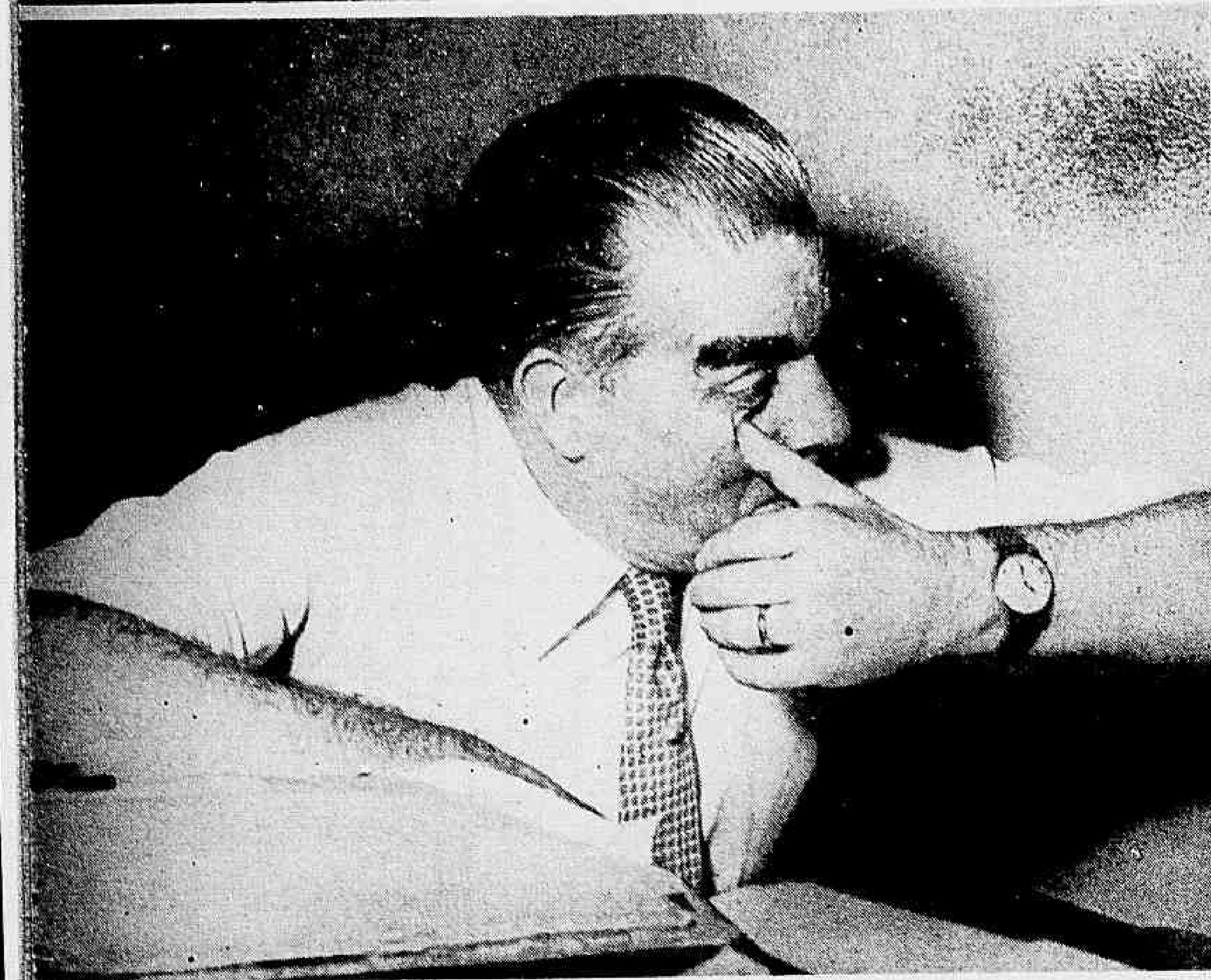
— A profissionalização do futebol veio logo?

— Que esperança, rapaz! Não veio assim da noite pro dia, calmamente. Lutei entre os que desejavam acabar com o falso amadorismo e pelejei com tôdas

CONTRA O AMADORISMO NO FUTEBOL











Outra parada dura que tive foi do Estádio do Maracanã. Escrevi dois anos sôbre o assunto e tirei cêrca de duas mil fotografias.

Mário Filho

as fôrças para a implantação do profissionalismo mais britânico. Os clubes, porém, não queriam a inovação mas acabaram aceitando-a em 33. O fato deu origem a uma série de problemas que não foram convenientemente solucionados e alguns até hoje permanecem. Interessante, porém, é que defendi com tanto ardor a causa da implantação do profissionalismo no futebol, que chegaram até a me prometer pancada, veja só!

Mário Filho recorda, talvez, cenas de vinte e poucos anos atrás, balança a cabeça significativamente e ri, enquanto acende pela milésima vez o cachimbo que teima em permanecer apagado.

— Outra parada dura que tive (conta o diretor do «Jornal dos Esportes») foi a do Estádio do Maracanã. O general Mendes de Moraes, então prefeito desta capital, estava certo de que iria contar com as simpatias gerais. Desde o primeiro momento fiquei do seu lado pois alcancei a grandeza de sua iniciativa. No fim, meu caro, que decepção! Fiquei mais ou menos sòzinho com o general. Muita gente que prometera apoio, foi saindo de fininho e meteu o pau na obra grandiosa. Durante os dois anos de construção do Estádio, estive lá diàriamente. Assumi o compromisso de só escrever sôbre o monstro de cimento armado que se ergue no Maracanã. E escrevi mesmo, como não me deixa mentir a coleção do meu jornal. Tem mais: durante os dois anos da construção do Estádio, mandei bater 32 chapas fotográficas por dia. Mandava tirar diversas cópias e distribuía-as por todos os órgãos de publicidade. No mês de janeiro de 50 quando, por simples curiosidade, fui fazer um balanço de quantas chapas eu mandara bater, recebi um impacto: tinham sido tiradas nada menos de 2.000 fotografias desde o lançamento da pedra fundamental da grande praça de esportes até a sua construção final. Dou-me por satisfeito, hoje em dia, por ver que tudo aquilo que fiz graciosamente, sem visar um real de lucro, valeu a pena.

Mário Filho faz nova pausa. Agora cita uma campanha recente em que estêve envolvido:

— O que vou contar foi quase um fruto do enfraquecimento do espírito de iniciativa no esporte pela subvenção oficial. Aliás, entre parêntesis posso dizer que a subvenção perverteu o nosso esporte. Bem, a Confederação Brasileira de Basquetebol, planejando realizar o campeonato mundial de bola ao cesto no Brasil, perguntou ao presidente Eurico Dutra se podia candidatar-se. Tendo resposta afirmativa, ganhou o direito de realizar o certame. No princípio de 54, se não me engano, Getúlio prometeu que ajudaria. Mas aconteceu aquilo que todos sabem e, na ocasião da realização do campeonato, o presidente Café Filho estribado na austeridade do Govêrno, disse que não poderia ajudar. Ora, se o Brasil não realizasse o certame jamais poderia ser sede de coisa nenhuma, pois, como se sabe, por não ter levado a efeito as Olimpíadas em 1908, a Itália até hoje não teve o direito de patrocinar em sua casa campeonatos de envergadura. Diante dessa ameaça, eu, que me considero um panfletário pacificado, que já não descomponho ninguém, lancei-me à luta. Meti-me na história da venda das cadeiras por 3.000 cruzeiros cada uma e consegui passar 301. O resultado não poderia ter sido melhor: o campeonato mundial de basquetebol foi realizado com pleno êxito e obtivemos o segundo lugar.

Os olhos de Mário Filho ainda cintilavam sob suas espêssas sobrancelhas. O entrevistado agora tira gostosamente umas baforadas do cachimbo (conseguiu mantê-lo aceso algum tempo!) como se aguardasse uma pergunta. Aproveitamos a ocasião e lançamos:

— Qual é o maior mal do esporte brasileiro?

A resposta vem na ponta da língua:

— Só há um: nós infelizmente nos habituamos a ver na derrota a desonra irremediável. O carioca, por exemplo, inventou a história do gôzo no futebol, dando-se ao luxo, no princípio, de mandar coroas e telegramas de pêsames aos seus adversários derrotados. Isso lògicamente trouxe verdadeiro horror à derrota. Mas, apesar de tudo, já devíamos ter aprendido, diante de tantos insucessos. Entretanto, a derrota é desgraça nacional. Infelizmente ainda não estamos preparados para perder, nem como clube nem como cidade nem como país. Todos os males decorrem daí.

— Os juízes estrangeiros são melhores do que os nacionais?

— Nessa questão de arbitragem os de fora têm mais experiência de atuar à vontade. Os nossos estão muito dentro do ambiente. O ideal, para resolver de uma vez por tôdas essa questão de juízes, é que os árbitros estrangeiros fôssem rápidos. Viessem aqui atuar e fôssem logo embora, desconhecendo as paixões clubísticas. A propósito, quero dizer que eu só chamaria juiz inglês e nunca um latino. Agora o que não adianta é a discussão depois dos jogos. Pra que tudo isso? A lei consente que o juiz erre...

Como se sabe, Mário Filho, que no ano que passou foi eleito o desportista de 54, é, também, membro do Conselho Nacional de Desportos. Quisemos saber então se o CND vinha cumprindo sua finalidade. Mário Filho foi franco:

— Procura cumprir. O mal dêsse órgão, como tantos outros que existem por aí, é a burocracia. Aliás, no Brasil quase tudo é difícil... Mas, sem puxar a brasa para a minha sardinha, posso dizer que o CND é composto de bons rapazes bem intencionados.

— Alguma decepção no esporte, Mário?

— Acho que os dedos das mãos não dariam para contá-las, mas tenho suportado tudo com muito bom humor. Imagine que chegaram a dizer que eu queria mandar no esporte e que vivia do esporte. Felizmente os que me conhecem sabem que o negócio é justamente o contrário: sempre vivi para o esporte e a minha escolha, por demais honrosa, de Desportista do ano de 54, corrobora isso, não é verdade?

Mário Filho fêz a pergunta e não procurou obter resposta. Arruma seus papéis («Vou para Teresópolis, fugindo do calor»), apaga o cachimbo (que já estava apagado por si mesmo) e prepara-se para descer. Antes, porém, oferece um dos seus livros ao repórter («O negro no futebol») e promete uma novidade sensacional. Qual é, Mário?

— Estou acabando de escrever um novo livro: «Interpretação do futebol». Nesse livro respondo a uma pergunta que nunca se fêz: «Por que é que o futebol pegou?»

O repórter quis saber detalhes da coisa, mas o Desportista do ano afastou-se célere em direção do elevador, que por sinal só tinha uma vaga e o levou Edifício Pernambuco abaixo.

OS MELHORES DE 54

Aconteceu no dia 27 p. p. a eleição dos melhores de 54 sob o patrocinio da Revista do Rádio na sede da A.B.R. como vem acontecendo todos os anos. Presidindo a mesa os presidentes Manoel Barcelos e Alziro Zarur da A.B.R. e A.B.C.R., respectivamente, procedeu-se à votação por meio de voto descoberto. Em seguida procedeu-se à apuração em ambiente 100 por cento democrático com a anulação de alguns votos de categorias trocadas, dando ao final depois de várias reclamações do presidente Manoel Barcelos por causa dos cafés que o presidente Alziro Zarur bebeu, o seguinte resultado:

Cantora	*Ângela Maria*
Cantor	*Nelson Gonçalves*
Novelista	*Moisés Weltman*
Animador	*Cezar de Alencar*
Locutor Esportivo	*Luiz Mendes*
Cômico	*Antônio Carlos*
Rádio Repórter	*Rubens do Amaral*
Rádio Atriz	*Olga Nobre*
Rádio Atôr	*Floriano Faissal*
Produtor	*Lourival Marques*
Locutora	*Lucia Helena*
Locutor	*Heron Domingues*
Compositor	*Herivelto Martins*



Êste foi o abraço, o beijo veio logo depois, junto com lágrimas que travaram minha voz...

NOTICIÁRIO

Carlos Machado a propósito de uma notícia apressada do moço Maria — Se eu não tiver o Naite andei o Monte Carlo ou o Casablanca p'ra montar os meus shows, armo um circo e vou lançar o **circo-boite.** Palavra que eu tô desejando que isto aconteça, tá?

* * *

Na esquina de Evaristo da Veiga, o China da Flora, velho brigador do Samba, dando notícias da cabocla Flora Mattos que anda aí nos pratos das emissoras cantando para o carnaval: **Até que enfim, samba; e Coitado do Xavier, marcha.**

Tudo bem claro e feliz. Boa tarde China née João Batista...

Boa tarde Flora grande... Lembranças à Flausina...

* * *

Pitta Lima, é o nome do empresário proprietário da boite Casino da Pituba, em Salvador, Bahia. Me disse o Bambi, aquêle bailarino exótico, do show «Esta vida é um carnaval» que o Dr. Pitta Lima é um pai para os artistas que vão trabalhar lá. O artista só tem dia marcado p'ra começar depois não pára mais...

* * *

Laurinha Ribeiro do rádio de S. Paulo tem o melhor quadro musical do malogrado filme paulista «Aí vem o general». A pobre da Emilinha canta fora de sincronismo e o Blecaute o nosso bom Blecaute bebe cerveja e cai duro. Diabo! Não entendi nada...

* * *

Araci de Almeida, dia 1 de fevereiro, no Casablanca, ilhada pelo ótimo Fernando Lôbo não pôde (?) cumprimentar ninguém. Protestos da Nancy Wanderley e do papai aqui. Um abraço Araci-garoa...

* * *

Conheci direito a Odaléa... Era, não é mais a secretária do presidente de todos os radialistas. Bancou assim mal comparando o Roberto Alves com os ministros... Na minha opinião perderam os dois.

Estreou a 3 dêste oficialmente na T. V. o Trio de Ébano, simpático conjunto composto por Nilo Chagas — Elizabet Carla — Batista de Souza. A moça estêve fraca em comparação à outra componente de S. Paulo. Acontece porém que é jovem e ainda pode progredir muito. E' questão de fôrça de vontade...

* * *

Recebi uma relação de discos da Musidisc, do Nilo Sérgio. Agradeço, porém, a secção de discos é de outro colega...

* * *

Esta linda foto é de MIGUEL do Levertimentos da Rádio Mairink junto com o amigo aquêle que aposta e sempre entra bem... O Miguel é que é grande...

* * *

O brôto terrível, Chico Anísio, em pesoa já desceu do Promenade hotel e veio «comendo a bola»... Já organizou show p'ro subúrbio com a moça Wanderley, o papai, a Zilda do Zé e só que é p'ro dividendo ser maior...

* * *

Gilda de Barros (5 sílabas) a que não é de carnaval, é agora do cast Mairink-Mundial. O secretário que acidentalmente toca trombone disse que a moça pretende ficar só na Mundial... **GRANDE OTHELO**



Zé Trindade e o papai



Gilda de Barros



Trio de Ébano

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* **Gesteira**

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

suíço
e famoso no mundo inteiro



RADO

o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Denário era uma antiga moeda:
— **Alemã?**
— **Romana?**
— **Portuguêsa?**

2—Onde surgiram os primeiros fantoches teatrais:
— **China?**
— **França?**
— **Itália?**

3—Gioconda, célebre quadro de Leonardo da Vinci, foi pintado em:
— **11 meses?**
— **3 anos?**
— **4 anos?**

4—Carlos Gomes nasceu no ano de:
— **1801?**
— **1839?**
— **1850?**

5—Onde morreu Tôrres Homem:
— **Rio de Janeiro?**
— **Paris?**
— **Madri?**

6—O primeiro Tzar da Rússia foi:
— **Ivan III?**
— **Ivan IV?**
— **Ivan VI?**

7—O primeiro jornal editado em Veneza foi em:
— **1666?**
— **1566?**
— **1564?**

8—Ku-Klux-Klan significa:
— **Mulher chinesa?**
— **Sociedade norte-americana?**
— **Homem guerreiro?**

9—D. Pedro I casou-se no ano de:
— **1819?**
— **1805?**
— **1821?**

10—O patriota brasileiro que fugiu da prisão disfarçado de padre foi:
— **José Bonifácio?**
— **Gonçalves Lêdo?**
— **Joaquim Nabuco?**

11—Von Behring recebeu o Prêmio Nobel de:
— **Física?**
— **Literatura?**
— **Medicina?**

12—A tiragem do jornal americano «Grand-Trunk Herald» em 1862 era:
— **1500 exemplares?**
— **800 mil exemplares?**
— **400 exemplares?**

13—Noé morreu com a idade de:
— **98 anos?**
— **950 anos?**
— **260 anos?**

14—Paganini deu seu primeiro recital com:
— **9 anos?**
— **15 anos?**
— **11 anos?**

15—Thomas Edson era de nacionalidade:
— **Inglêsa?**
— **Americana?**
— **Mexicana?**

CLASSIFICAÇÃ: — Resposta 0, estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3, cultura inferior — selvagem; de 4 a 6, cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11, cultura superior — universitário; de 12 a 15, um sábio; tôdas as 15, um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — romana; 2 — china; 3 — 4 anos; 4 — 1839; 5 — Paris; 6 — Ivan IV; 7 — 1566; 8 — Sociedade norte-americana; 9 — 1819; 10 — Gonçalves Lêdo; 11 — Medicina; 12 — 400 exemplares; 13 — 950 anos; 14 — 9 anos; 15 — Americana.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 15ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado .... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 481 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.



JMA FOTO SIGNIFICATIVA — Danton Coelho e Armando Falcão, pouco antes da realização das eleições para a Mesa da Câmara, estiveram abraçados em longa e secreta conferência. Os inimigos de ontem (estiveram na iminência de um duelo, caso «Última Hora») são grandes amigos de hoje. Coisas da política!....

A CÂMARA ELEGEU SEU PRESIDENTE

Tendo pela primeira vez no Plenário um deputado «colored» — presente também o governador do Ceará e o mais jovem deputado desta legislatura, sr. Eider Varela — Mistura de raças e os surpreendentes abraços dos ex-inimigos Danton Coelho-Armando Falcão — Luthero não olhou para Lacerda que deu origem a um incidente — Quase havia briga no Palácio Tiradentes para começar a sessão.

Reportagem de ALVARENGA JÚNIOR

Fotos da EQUIPE da REVISTA DA SEMANA

EM sua terceira sessão preparatória, (dia 3) a Câmara Federal, sob a presidência do sr. Carvalho Sobrinho, elegeu seu novo Presidente, o deputado Carlos Luz, no mais disputado pleito já realizado naquela Casa.

Presentes 313 deputados, dentre os quais os srs. Carlos Lacerda, Luthero Vargas, Euvaldo Lodi, foi anunciada a eleição do presidente, tendo o sr. Fernando Ferrari sugerido, (e o sr. Carvalho Sobrinho concordou), que a sessão fôsse suspensa por 15 minutos para que os deputados presentes pudessem munir-se das necessárias cédulas. Reaberta a sessão (começara às 14,30) precisamente às 15 horas e 10 minutos, deu o sr. Carvalho Sobrinho início a chamada dos deputados, começando pelo estado do Amazonas.

Após a votação que decorreu normalmente, foi iniciada a contagem dos votos pelos deputados Lopo Coelho e Adail Barreto, constatando-se que o sr. Carlos Luz havia superado seu adversário Raniere Mazzilli (candidato oficial do PSD) que obteve 125 votos contra 171 do deputado

A CÂMARA ELEGEU SEU PRESIDENTE



Mazzilli, o candidato derrotado, fotografado pouco antes das eleições. Cumprimentou o antagonista vitorioso ao tomar conhecimento da derrota



Heitor Pereira Filho, o único deputado «colored» da Câmara. Eleito pelo P.T.B. do Paraná, é um dos homens mais cultos da atual Legislatura.



O mais jovem deputado, sr. Eider Varela, é um grande amigo do Presidente da República. Eider tem apenas 31 anos de idade. Parabéns!

Carlos Luz. Foram ainda encontrados na urna 3 votos para o sr. Artur Bernardes e 14 cédulas em branco. Em seguida foi procedida a eleição para os demais postos da Mesa, tendo sido eleito para a primeira vice-presidência o sr. (175 votos) Flores da Cunha; segundo vice-presidente, (287 votos) Godoi Ilha; primeiro secretário (298 votos), Barros de Carvalho; segundo secretário (225 votos), Benjamin Farah; terceiro secretário (294 votos), José Guimarães e finalmente foi eleito quarto secretário com 304 votos, o sr. Rui Santos. Foram ainda eleitos os suplentes, notando-se que na luta aberta U.D.N.-P.S.D., o partido do brigadeiro Eduardo Gomes levava quase sempre apreciável vantagem.

MARINHEIROS DE PRIMEIRA VIAGEM

Numa Casa de tão grandes responsabilidades como o é a Câmara Federal, o mais curioso é o nervosismo dos debutantes políticos, êste ano bem numerosos. Alguns há que longe de terem aquêle ar patriarcal de membro do Congresso, tímidos e desajeitados, recordam vereadores de São João de Meriti. Por exemplo, para êles, provincianos que pela primeira vez vêm ao Rio, Tenório Cavalcante constitui atração. Por isso mesmo ouvimos perguntas das mais curiosas feitas pelos «marinheiros de primeira viagem» ao sr. Tenório:

— V. Excia. usa mesmo metralhadora e tem realmente quase uma centena de marcas de balas pelo corpo?

Eram os deputados do tipo apadrinhados, eleitos de favor por êste ou aquêle Estado, remanescentes do voto de cabresto dos coronéis do sertão. Mas, para compensar êsse lado negativo, alegrava jornalistas presentes o fato de, pela primeira vez, Carlos Lacerda e Luthero Vargas estarem frente a frente. Além disso, entre os debutantes havia também homens de grande cultura e oradores de qualidades excepcionais. Além dêstes, havia outros que davam ao ambiente a característica de nossa raça, e que faziam crer que a nossa Democracia, não obstante certas tendências golpistas, só agora está se aproximando da maturidade política. E tanto é verdade que, a exemplo do que se vê nas ruas, também na Câmara Federal, tomando lugar na bancada do P.T.B. do Paraná, se achava o professor Heitor Pereira Filho, o único deputado «colored». Mais adiante (P.S.P. de São Paulo) havia um homem de olhos apertados, filho de japonêses: deputado Tanura, homem formado na Universidade de São Paulo. Enfim, nesta legislatura, o Brasil caminha com o sangue caldeado paralelamente a política...

DANTON COELHO-ARMANDO FALCÃO

O lado político pròpriamente, na terceira sessão da Câmara Federal, foram os abraços e cochichos trocados pelos ex-inimigos Armando Falcão e Danton Coelho, que no caso «Última Hora» quase trocavam tiros. Nessa oportunidade, o melhor amigo de Falcão era Lacerda que nesse dia olhava com desprêzo para o antigo companheiro de jornada. Enquanto isso, Ivete Vargas, a bonita representante de São Paulo, mostrando talento e formosura, dizia para Carlos Lacerda quando êste fazia seu discurso inaugural:

— V. Excia. é de um cinismo revoltante!

Bruzzi Mendonça, comunista, disse também horrores para o diretor da «Tribuna da Imprensa», e os ânimos chegaram a tal ponto que Lacerda chegou a convidar uma meia dúzia para brigar lá fora, na praça 15. Mas, pensando bem, que acontecerá nesta legislatura, onde homens que se detestam estarão frente a frente, diàriamente?...



Pouco antes do memorável pleito, os deputados ainda discutiam as coveniências dêste ou daquele candidato, conforme se pode ver pela foto.



Deputado Tanura, olhos apertados, é o único representante do povo descendente dos povos do sol nascente. Caladão, mas observador..



Falcão e Danton, novamente. Os dois ficaram mais de uma hora discutindo amigàvelmente. A Câmara ficou admirada com tanta intimidade.



CARLOS LUZ, o vitorioso, desembarcando para a vitória, às 14 horas do dia 3 do corrente. Discreto, não acreditava em sua eleição, fazendo após a posse um belo discurso. Obteve 171 votos, vitória significativa no pleito mais disputado.



Lutero Vargas, nem sequer olhou para Lacerda que por sua vez fingiu não enxergar o filho do ex-presidente da República. Dias virão, ainda...



Armando Correia, do Pará, e Lopo Coelho, dois bons amigos. O representante do P. S. D. do Pará é homem de partido. Votou em Mazzilli.



Ivete Vargas, no primeiro dia desafiou Lacerda: «Vossa Excelência é um difamador, etc., etc.» Tão delicada e tão atrevida a jovem deputada.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU



Carlos Luz: vitória fácil sôbre Mazzilli.



Castilho Cabral: Boa escolha de Jânio.



Cunha Bueno: «chapéu de palha» no govêrno

● A AUSÊNCIA DO SR. CAIO DIAS BATISTA na formação do govêrno do sr. Jânio Quadros foi, sem dúvida, a maior surprêsa política que Piratininga nos ofereceu nos últimos dias. Como é sabido, foi o sr. Caio Dias Batista um dos articuladores da candidatura do atual chefe do executivo bandeirante, tendo mesmo arrastado uma boa parte da máquina do PTB em seu favor. Também é conhecido o «trabalho» eficiente do antigo Secretário de Viação nos três dias que antecederam o pleito de outubro, trabalho êsse que redundou numa espetacular «virada» de diretórios pessedistas, que largaram Prestes Maia em benefício de Jânio. O sr. Caio Dias Batista (e muitos de seus amigos) tinham como coisa certa a indicação de seu nome para a pasta da Viação. Como tal não aconteceu, espera-se um rompimento entre êle e o Governador. Ademais, a esta hora já estariam de relações estremecidas.

● BEM IMPRESSIONADO O GOVÊRNO Federal com o governador Jânio Quadros, foi o que circulou depois da entrevista do presidente Café Filho com o chefe do executivo bandeirante.

● GARCEZ CANDIDATO? Fala-se (com insistência) que o sr. Lucas Nogueira Garcez, cujo nome é olhado com simpatia pelas nossas Fôrças Armadas, seria também o candidato do sr. Jânio Quadros ao Catete. O ex-governador, como se sabe, está viajando pela Argentina, devendo regressar dentro de 10 ou 15 dias.

● CASTILHO CABRAL na Pasta do Trabalho foi uma das mais acertadas escolhas do novo govêrno paulista. Homem de grandes méritos e de desassombrada coragem, deve-se a Carlos Castilho Cabral a atmosfera de dignidade com que foram levados a efeito os diversos inquéritos a que presidiu, na Câmara Federal. Tribuno de grande eloqüência e jurista de renome, além de estudioso apaixonado dos problemas sociais de nosso país, o deputado Castilho Cabral terá agora oportunidade de servir a seus coestaduanos num dos mais importantes setores do govêrno de seu Estado.

● NÃO CONSTITUIU SURPRÊSA a escolha do nome do deputado Sylvio da Cunha Bueno para a Secretaria do Govêrno de São Paulo. O companheiro de chapa do sr. Prestes Maia vem de ser um dos mais destacados valores da nova geração política do Brasil e um dos mais ardorosos defensores da linha municipalista. Com Mário Eugênio e outros, forma no primeiro «team» da turma do «chapéu de palha».

● CONDECORADO LUCIANO GUALBERTO. O govêrno francês agraciou com a Legião de Honra, no grau de «Grande Oficial» o Sr. Luciano Gualberto, ex-presidente da VASP.

● MAZZILLI (como não podia deixar de ser) PERDEU A ELEIÇÃO. Há quem afirme estar S. Paulo esquecido pelos homens que governam o Brasil. Nada mais errado e mais injusto. O que existe em realidade é um total esquecimento dos homens de Piratininga pelas artes da política. Como, então, indicar agora o nome de Mazzilli **de tal** à presidência da Câmara dos Deputados, no momento justo em que o chefe da nação prepara-se para viajar a Portugal passando, conseqüentemente, o cargo ao presidente daquela Casa Legislativa? E o Ulisses Guimarães, onde foi parar? Assim a coisa não vai. E não venham dizer que Juscelino não cumpriu a palavra, uma vez que a palavra foi empenhada e cumprida. O candidato, isto sim, é que valia pouco como expressão política capaz de conduzir o leme do Palácio Tiradentes.

A CÂMARA ELEGEU



LACERDA chegou quieto e calmo, mas acontece que foi muito hostilizado. Resultado: chamou gente para brigar na praça Quinze. Ivete quase ia...

UMA LUTA DE GIGANTES

No dia da eleição da Mesa que presidirá os trabalhos desta Legislatura, o mais curioso era a cabala feita pelos corredores. Danton era o mais ativo, Mazzilli, certo da vitória, respondia às perguntas de seus colegas com um toque de ironia, e, ao que se diz, já teria inclusive escrito o discurso de posse... Mas, nesse negócio de política, com voto secreto, estando em jôgo interêsses de poderosas agremiações políticas, numa luta de gigantes cujos resultados teriam conseqüências morais de grande efeito, uma coisa é certa: vence o mais político, o mais hábil, o que melhor cabala. Cabala que não foi criada apenas para o eleitor comum, e Carlos Luz venceu porque estava amparado por homens mais afeitos às lides políticas, pois sua candidatura já estava preparada (em sigilo) 40 dias antes do pleito.

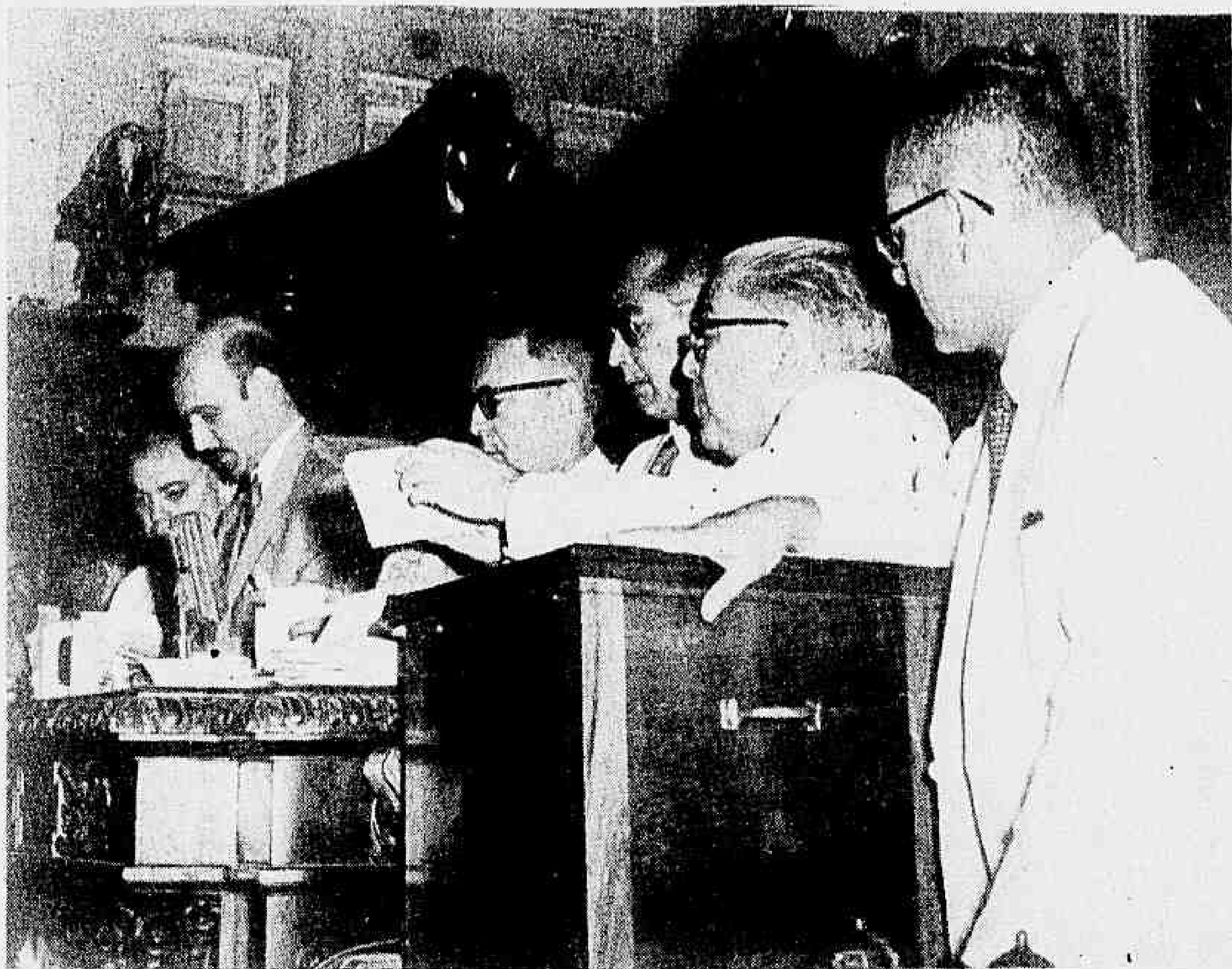
UM CASO À PARTE

Nesse negócio de política, no Brasil, há um caso que poderia servir de exemplo. Refiro-me ao P.S.D. do Pará, chefiado pelo senador Magalhães Barata. (Seu candidato ao Govêrno daquele Estado será o deputado Lameira Bitencourt). Sua bancada, composta de 4 deputados, dos quais destacamos Armando Correia e Teixeira Gueiros, era a única da qual os «cabos eleitorais» não se aproximavam, pois seria perder tempo. Bancada 100% partidária, obedece à orientação do partido sem discussão. Daí a observação de Paulo Sarazate, Governador eleito do Ceará: «Aquêles 4 votos são do Mazzilli».



Nos corredores do Palácio Tiradentes, a cabala era intensa. Discutia-se a valer, procurando mostrar as boas e más qualidades dos candidatos.

SEU PRESIDENTE



A mesa que presidiu as eleições, vendo-se ainda Lopo Coelho convidado para proceder a apuração, durante a qual se conduziu muito bem.

O MAIS NOVO E O MAIS VELHO

Outro lado pitoresco da Câmara Federal, é que no início de cada Legislatura, surge logo nos primeiros dias o deputado mais jovem que desta vez é um simpático rapaz de 31 anos, dr. Eider Varela, pupilo do presidente Café Filho. O dr. Eider, não obstante a idade, promete ser um dos bons elementos da atual bancada do Rio Grande do Norte. Pois bem, fácil foi saber qual era o mais novo deputado, porém, quando êste repórter quis saber qual o mais idoso parlamentar, eis a resposta:

— Velhos, sòmente no Senado Federal podem ser encontrados. Nesta Casa só existem jovens tais como o dr. Mangabeira e seu colega Eider Varela...

MULHERES NO PARLAMENTO

A srta. Ivete Vargas, (engordando de ano para ano) continua bonita e muito ativa. Foi a primeira pessoa a hostilizar Carlos Lacerda que lhe deu respostas moderadas, porém objetivas. Ivete é uma jovem irrequieta, nunca fica mais de 10 minutos num lugar, dando à Câmara, com aquêle seu aspecto de colegial reprovada nos exames, um ar de tolerância, rosa matizada entre muitos cactus, jasmins e ciprestes outonais...

Ivete tem agora uma companheira. Trata-se da senhora Nita Costa, educadora, espôsa de um general de nosso Exército, conhecida pela sua sisudez e certamente acabará amiga de Ivete. Dessa maneira, nos momentos de descanso, em nossa Câmara Federal, ouviremos comentários sôbre moda, e outros assuntos femininos.



Fim da história: Carlos Luz cumprimentado pelos colegas, vendo-se em primeiro plano o senhor Horácio Laffer, ex-homem forte do Catete.

Semana em Revista

PAULO DE ANDRADE LIMA

● CANDIDATO — Se o sr. Nereu Ramos fôr candidato ao govêrno de Sta. Catarina, as probabilidades do deputado Jorge Lacerda, candidato ao mesmo pôsto, se tornarão bastante precárias. Mas se Nereu desiste, a vitória de Lacerda são favas contadas. Não há outro candidato com fôrça e popularidade suficientes para enfrentá-lo e, muito menos, derrotá-lo.

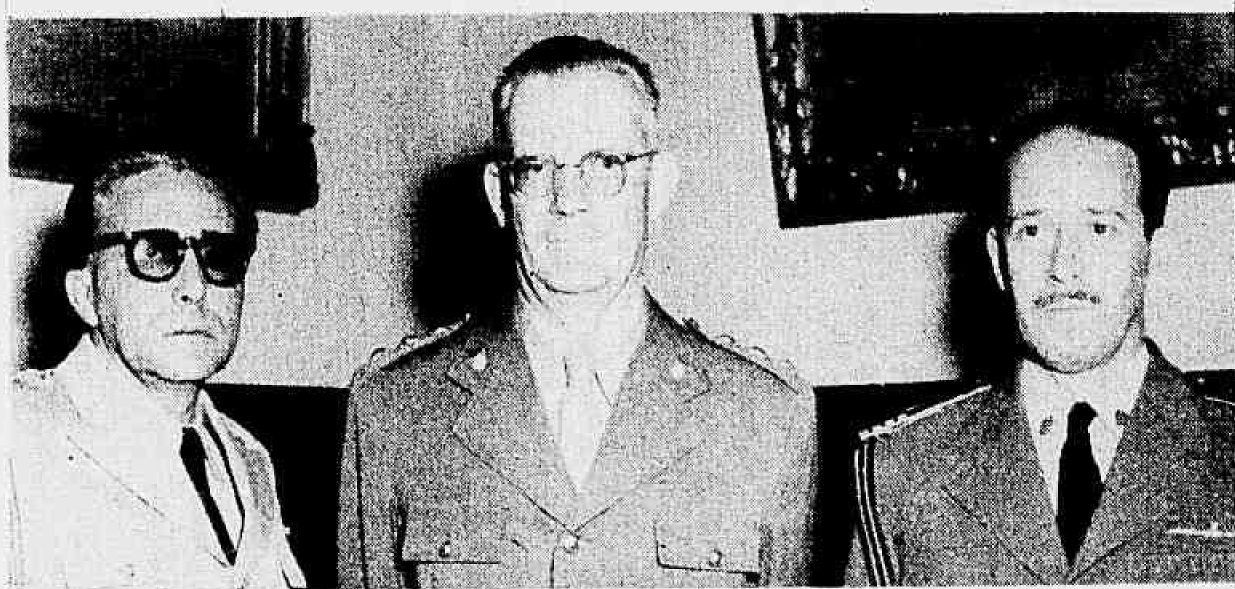


Senador Nereu Ramos: Vitória certa em Santa Catarina

● A GREVE DA PANAIR — O noticiário em tôrno da greve da Panair anunciou que a situação marcha para uma pacificação definitiva. E a satisfação é geral porque, afinal de contas a Panair do Brasil é, por assim dizer, um pouco do patrimônio do nosso país. Sem falar na sua grande rêde interna em virtude da qual, em certos pontos do nosso território, ela fêz trabalho de pioneira, cumpre seja destacado o serviço da Panair no estrangeiro onde suas agências são, de fato, centros de propaganda de nossa pátria. A paz que ali começa a se restabelecer, dentro do princípio da cooperação e da autoridade, é motivo de satisfação não apenas para os diretores (sempre empenhados no melhoramento dos serviços) mas também para os empregados e, de um modo geral, para o Brasil que reconhece o valor e a utilidade da emprêsa.

● CÊRCO — Os deputados do PTB, na Câmara dos Deputados, estão dispostos a impedir que Carlos Lacerda desempenhe, com liberdade, o seu mandato. O «cêrco» foi planejado muito antes da instalação da atual Legislatura e conta com dois comandantes aguerridos: o Deputado Brizola e a srta. Ivete Vargas. A tática da «linha» é a de lançar o tumulto no plenário sempre que o diretor da «Tribuna da Imprensa» fôr à tribuna. Prevenida disso, a UDN está providenciando a formação de um bloco de deputados para o contra-ataque. Baleeiro será o seu chefe.

● A MAC-CANN FÊZ VINTE ANOS — No dia 1º de fevereiro a Mac-Cann Erickson do Brasil fêz vinte anos de funcionamento em nosso país. Foram os seus trabalhos entregues a Armando de Moraes Sarmento que, então, contava 22 anos de idade. E a emprêsa de publicidade veio crescendo até atingir à ótima situação atual. Com escritórios no Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Pôrto Alegre, a Mac-Cann conta com cêrca de 230 funcionários, prestando à clientela tôda a série de serviços que a organização pode oferecer. Como diretor-gerente da Agência em causa, empresta permanentemente sua inestimável assistência à Mac-Cann o jornalista e escritor Emil Farhat.



Coronel Ernesto Geisel, ao centro, por ocasião de sua posse

● O NOVO SUB-CHEFE DO GABINETE MILITAR — O Coronel Ernesto Geisel, agora nomeado para a Sub-chefia do Gabinete Militar da Presidência da República, (em substituição ao Coronel Rodrigo Otávio que foi nomeado Ministro da Viação) é natural do Rio Grande do Sul, pertence à arma de Artilharia e tem todos os cursos com as mais altas distinções. Foi Secretário Geral do Estado, no Rio Grande do Norte, quando tenente, em 1931; de 1933 a 1934 exerceu as funções de Secretário da Fazenda, Viação e Obras Públicas do Estado da Paraíba. Foi quando Major Adido Militar do Brasil junto à nossa embaixada no Uruguai.



UMA GRANDE ATRAÇÃO DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

DIV. PRA9

reunindo
• ORQUESTRA •
• RÁDIO-TEATRO •
• NARRADORES •
• GRANDES EFEITOS MUSICAIS •

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
'AS 21,30 HORAS

sob o patrocínio de
CASSIO MUNIZ
SENADOR DANTAS, 70/74

"FRANKEL"

De ANTÔNIO CALLADO (no Teatro Dulcina)

BRUTUS PEDREIRA

● O Pequeno Teatro de Comédia está apresentando, às segundas-feiras, no teatro Dulcina, a segunda peça que nos dá Antônio Callado. Não acredito que «Frankel» seja, o que poderíamos chamar, uma peça de câmara, isto é, uma peça íntima, para teatro pequeno. Evidentemente ela deve ter lucrado no Duse, mas deve-se levar em conta outros fatôres. Também não é peça de grande montagem, que esteja pedindo algum Municipal. Sua história, entretanto, falando de revolta de índios, síntese cósmica, numa linguagem brilhante às vêzes e, de certo modo, enfática, não precisa da simplicidade e do aconchego de uma sala de pequenas proporções para ser melhor ouvida. Creio mesmo que teatros do porte do Dulcina sejam ideais para ela, que não tem a grandeza de uma «Cidade Assassinada». Discordo dos que dizem que o espetáculo foi fraco porque a peça «exige» palco pequeno. Muito ao contrário: foi o espetáculo que prejudicou a peça. E o que mais prejudicou o espetáculo foi a falta absoluta de ritmo, a gratuidade da iluminação e a insegurança da maioria dos intérpretes. Insegurança na composição dos tipos, quase todos mal esboçados, sem maleabilidade, sem naturalidade nenhuma. Quase todos representando durante a «fala», e enchendo as pausas com gestos duros e vazios, dando, às vêzes, a impressão de «desligados» da cena. Por mais naturais, entretanto, que conseguissem ser os atores com a maquilagem pesado que lhes deram, não conseguiriam nunca o contato ideal com o público.

● De todos os intérpretes Ganzarolli foi o que mais se identificou com o personagem; diz bem o seu texto, não tem os defeitos da maioria e, se ainda lhe falta certo desembaraço em cena corre por conta da estréia e da pouca experiência. Depois dêle destacamos, Luciana Peota, a que de todos é mais esforçada, mais «atriz», a que procura agarrar-se e fazer alguma coisa. Luciana entretanto deixa de fazer muita coisa que acreditamos seja capaz. Não deve se esquecer de que tôda repetição perde o efeito. Ao encaixotar seus livros, no início da peça, a todo momento, olha para a lombada, como se lesse seus títulos. Isto, que poderia ser um detalhe na composição da sua «Estela», repete-se tanto que o público acostuma-se a ouvir uma mulher conversando, ao desencaixotá-los, ela repete tudo novamente. Rildo Gonçalves impetuoso e agressivo sem transição nenhuma, constantemente «dizendo» e «representando». Nelson Mariani empertiga-se o tempo todo à procura de seu personagem, e faz com as sobrancelhas o que Luciana faz com os livros: desperdiça detalhes. Faltou-lhe pêso para o papel. Maurício Lozinsky, o mais fraco de todos, dando a impressão que obrigaram-no a entrar em cena e que não quer e não tem nada o que fazer ali. Perdeu-se várias vêzes, principalmente quando devia «ouvir» Estela ou Roberto. Os cenários de Jayme Zettel e José Carlos prejudicados por uma iluminação absurda, de mau gôsto, e sem imaginação. Sentimos que o primeiro espetáculo do Pequeno Teatro de Comédia tenha sido fraco, cansativo, monótono e sem o brilho e o sucesso que tôda estréia, e todo grupo novo que surge, espera, precisa e merece ter. Que a experiência seja aproveitada, pois, o que é mais alentador na vida é a possibilidade que temos todos nós, em todos os sentidos, de nos reabilitarmos sempre. Vamos sair para outra.



MARIA CLARA MACHADO — que dirige o grupo de amadores O Tablado, foi convidada para tomar parte no próximo cartaz dos Artistas Unidos. Atriz consciente, estudiosa, vai entrando na pele de «Blanche de La Force», seu personagem na peça de Bernanos: «O Diálogo das carmelitas». Pela primeira vez participa de um elenco de profissionais.



BENEDITO CORSI — do Teatro Brasileiro de Comédia, apontado por alguns críticos como a revelação de Ator Profissional de 54, pela sua excelente interpretação no «Pedido de Casamento», de Tchekov. Está no elenco de «Paiol Velho», que Ziembinski está ensaiando para substituir «Pega-Fogo».

NOTICIÁRIO

TEATRO NA FRANÇA — Fazem sucesso atualmente em Paris as peças: «Port-Royal», de Montherlant, direção de Jean Meyer, muito elogiada pela crítica. «Les sorcières de Salem», adaptação do «The Crucible», de Arthur Miller, feita por Marcel Aymé, e dirigida por Raymond Rouleau, com Simone Signoret e Ives Montand. «La condition humaine», também uma adaptação, feita por Thierry Maulnier. Trata-se do conhecido romance de Malraux. No elenco estão Marcelle Tassencourt e Jean Paredes. «Affaire vous concernant», de Jean Pierre Conty, uma comédia policial com Jacques Dumesnil e Jaqueline Porel. «La main passe», de Feydeau, direção de Jean Meyer, com Micheline Presle, Jean Brochard e Elina Labourdette. «As



O ator GERALDO GAMBOA que de volta ao Rio já está atuando com sucesso na Boite Stud do Téo, ao lado de Celeste Aída e Lia Mara, no show «Carnaval no fogo».

três irmãs», de Tchekov, com a cia. de Sacha Pitoeff. O Teatro Nacional Popular, de Jean Villar, continua com seus cartazes: «Mêre courage», «Cid», «Lorenzaccio», «Cinna», «Ruy Blas» e «Le prince de Hombourg». Madeleine Robinson impressiona em «Adorable Julia», de Sauvajan, tirada de Somerset Maugham. Suzane Flonn faz, a mais de um ano, «L'Alouette», de Jean Anouilh (no elenco Marcel Peres). Valentine Tessier faz «Seigneur San-Gor». Jeanne Moreau, Elvire Popesco, e Jean Marais repetem a «Máquina Infernal» de Cocteau. Barroult leva «La cerisaie» e remonta «Hamlet». No Petit Marigny, dirigida por Granval, a peça de Ugo Betti «Irene Inocente». Pierre Fresnay continua com «Les cyclones», de Jules Roy. Tania Balachova faz um Pirandello — «La vie que je t'ai donné». Mady Berry e Jean Mercure estão na peça de Graham Green — «Living Room». Oscar Wilde é homenageado no seu centenário com duas versões do seu conhecido «A importância de ser constante».

FESTA NO GINÁSTICO — Amigos e admiradores de Cacilda Becker e Ziembinski farão inaugurar no hall do Teatro Ginástico duas placas de bronze, como homenagem aos dois grandes artistas pelo êxito de suas atuações na presente temporada do Teatro Brasileiro de Comédia, no Ginástico. Vale a pena lembrar que a carreira artística de ambos está ligada à história do Ginástico — foi no seu palco que Cacilda e Ziembinski receberam aclamações do público brasileiro.

O CANTO DA COTOVIA — Continua em cartaz no Teatro Maria Della Costa, em São Paulo. O sucesso do primeiro espetáculo de Gianni Ratto no Brasil vai se tornando clamoroso. A peça, que ia sair de cartaz, voltou por imposição do público. Atualmente, a preços populares, só se consegue localidade com dias de antecedência.

WALTER PINTO FALANDO SÉRIO SEM SORRIR:



"ESTOU CANSADO DE FA

O REVERSO DE UM HOMEM QUE SÓ APARECE SORRIDENTE NAS FOTOGRAFIAS — NADA DE GARÔTAS FORA DO PALCO PORQUE É CASADO E MUITO FELIZ — DESILUSÃO COM TEATRO, CRÍTICOS E TENTATIVA NO CINEMA — HISTÓRIA SECRETA DO CONHECIDO REVISTÓGRAFO BRASILEIRO

Reportagem de **ALDNEY PEIXOTO**

UMA legenda cerca o nome de Walter Pinto, a de Ziegfeld brasileiro, o que não significa pouco, sobretudo ao se pensar que esta lenda e esta carreira realmente sensacionais foram construídas em poucos anos.

Indivíduo dinâmico, perfeito idealizador e realizador, vem dando ao gênero de teatro que explora um cunho altamente satisfatório. Isto se deve, indubitàvelmente, ao conhecimento profundo que possui do setor, e às tendências que traz no sangue, já que é filho de um homem que também se consumiu à frente do teatro de revistas. Empresário dos mais audaciosos, Walter Pinto tem permanecido indiferente às críticas, esforçando-se apenas para dar ao seu teatro aquilo que êle julga necessário. Não se esconde que Walter Pinto nos dá a aparência de um homem ligeiramente suficiente... Êle o é, mas isto é perdoável em quem vem vencendo com tanto brilho.

INÍCIO DE CONVERSA

— Walter, gostaria que você nos dissesse alguma coisa sôbre a vida de seu pai.

— Foi êle, Manoel Pinto, quem fêz a companhia de Margarida Max. E é preciso que se diga que tinha coisas belíssimas. Conservo em meu poder ainda, fotos e quadros de revistas do seu tempo, sendo fácil notar a beleza que já havia nelas, notando-se, evidentemente, que a época era outra, outras as vestimentas. Entretanto, no todo é uma coisa deslumbrante, e que me emociona muito, ainda hoje. Indagamos como ocorreu o início de sua carreira.

— A Companhia estava em «deficit» em São Paulo. Tomei a direção de tudo e estreei a 31 de Dezembro com a peça «E' disto que eu gosto». Lutei com muitas dificuldades, mas isso não me abateu o ânimo. Havia naquela época um fenômeno: o público não ia ao teatro porque êste era fraco, e o teatro não progredia porque não havia público. Era um círculo vicioso difícil de ser rompido. Até que...

O RECREIO

Perguntamos há quanto tempo existia o teatro Recreio:

— Já tem sessenta anos feitos. Nele estrearam, entre outros, Apolo Correia e Gilda de Abreu. Hoje, esta casa tem um saguão forrado de mármore, poltronas estofadas e refrigeração perfeita. Pois sabe como continua chamado, por certa crítica sem nenhuma capacidade de mudar o estilo? «O velho casarão da rua D. Pedro», ou «O pardieiro da rua D. Pedro». Isto é que me levou às reformas radicais que fiz...

O HOMEM E A LENDA

— Walter, a lenda que corre a seu respeito, diante dos carros, iates e outras coisas que possui, e das belíssimas francesas que vai buscar à Europa, é de que, no fundo, você é um grande farrista...

— Não misturo negócios com amor. Sei que me julgam um grande farrista e acho graça nisso. Sou casado e tenho uma vida no lar perfeitamente feliz. Não freqüento «boites», nem faço vida noturna. Por isto é que cultivo o meu iate. Quanto às pequenas, se as procuro é por dever exclusivamente profissional. Repito, sou feliz em casa. E não bebo, não tenho nenhum vício, pode escrever isto. No máximo, quando

Walter Pinto sai pela mesma porta em que entram milhares de espectadores do seu teatro.



vou à Europa, tomo um vinho tinto. Estamos certos quanto a êste ponto? Gosto de esportes. Pratico quase todos, só detesto o futebol. Nunca pisei no Maracanã. E nem pisarei, pode estar certo.

De novo houve uma breve pausa. Aproveitamos o ensejo para percorrer o teatro. Queríamos ver as recentes inovações. Êle prontificou-se a nos acompanhar, enquanto falava.

TEATRO PRÒPRIAMENTE DITO

— É uma pena, continuou, mas tudo no teatro é difícil. Necessitamos de apoio, como em tudo, mas no teatro mais do que em tudo, senão não se adianta ter planos.

— Mas o Govêrno não tem apoiado as Artes? Ainda agora...

— Ainda agora apóia iniciativas como as de São Paulo, a Bienal, etc. Mas aquilo é um capítulo à parte, sustentado por milionários que desejam ver o nome no jornal. Nessa matéria, ou o indivíduo é muito avançado e pode compreendê-la, ou tem algodão no cérebro. Esta é a minha opinião. Quanto ao apoio ao teatro, não há. E não há por motivo muito simples: o teatro não dá margem a «bolas», subornos ou «jabaculês»; portanto não adianta, no Brasil só interessam as coisas que enchem os bolsos. Isso, e neste mesmo tom, eu já disse ao sr. Antonio Balbino, então Ministro da Educação.

A CRÍTICA

Quase sem interrupção, como se o acionasse uma mola interior, Walter Pinto vai continuando:

— Outro capítulo muito triste é o da crítica. Tôda pessoa que vence no Brasil é àrduamente combatida. Nossa crítica não é bem feita, e felizmente para todos nós, não tem a menor atuação sôbre o público. Posso falar porque acompanho tudo o que se escreve a meu respeito, e tenho sido tratado até de cabotino. Dentro de minha vida profissional, é possível. Fora disto, não.

CINEMA

— E nunca tentou o cinema?

— Sim e não. No Brasil, o cinema ainda é muito limitado, completamente monopolizado pelo exibidor. Já tentei o cinema, sim. Certa vez, fiz uma peça «Nem te ligo», com um prólogo cinematográfico, onde Oscarito, da tela, falava com Pedro Dias. Mas não adiantou, a crítica nem reparou no meu esfôrço. Um dia, talvez, quem sabe, talvez faça cinema. Aliás estou cansado, e penso desistir de tudo. Não quero mais fazer teatro, não quero mais nada. A crítica não me compreende e eu acho inútil o meu esfôrço.

ZER TEATRO NO BRASIL"

PREDILEÇÕES E SIMPATIAS

— Gosto de ler, mas não muito. Aprecio Eça de Queiroz. Gosto de teatro sério e talvez o faça um dia. Considero Pedro Bloch um grande autor. E Nelson Rodrigues também me agrada.

— E os internacionais?

— Temos aqui grandes autores e não ficamos devendo nada aos estrangeiros. A situação do teatro é que não é boa, antes continua má como sempre. Getúlio decretou leis, mas na realidade nada fêz. No entanto, deveu muito ao teatro Recreio, como a grande maioria de nossos políticos. Ao Recreio e ao nosso teatro em geral.

Terminávamos, e íamos pedir a Walter Pinto que se deixasse fotografar, quando êle, ciosamente, esclareceu:

— Sim, mas só tiro fotografias sorrindo. Você comprende, se apareço sério, os inimigos dizem logo: «Os negócios do Walter vão mal, êle até parece que está chorando...»



Um dos colaboradores de Walter Pinto ajusta com êle planos de uma nova montagem.

Por êsse *Mundo* de Deus

● DESCOBERTA

Lili Kardell é uma graciosa criatura que foi recomendada a um produtor de Hollyood pelo príncipe Axel da Dinamarca, conseguindo logo firmar um contrato com a Universal, pois se trata de uma bela descoberta. A menina tem talento...





● AVA GARDNER MOBILIZA A IMPRENSA

Apesar do seu comportamento um pouco irriquieto, chegando a causar alguns escândalos internacionais, Ava Gardner continua sendo um bom assunto para a imprensa. Sua chegada em Roma, procedente de Tóquio foi das mais ruidosas. Embora fugisse muito dos jornalistas, não conseguiu escapar ao batalhão de fotógrafos que a dominou.





• FATALIDADE

Reginald e Maureen De Baggis, depois do incêndio que lhes destruiu a casa e causou a morte de cinco filhos do casal, salvando-se apenas o caçula da família. A tragédia de Reginald e Maureen abalou e comoveu tôda a cidade de Massachussetts.

• ÚLTIMO TESTE

Para interpretar o papel de Maria Madalena no filme bíblico «O Galileu», foram chamadas à Califórnia as artistas Nicole Maurey, Miriam Verbeck e a italiana Gia Scala, que foi aprovada. Gia aparece na foto acima quando realizava o seu último teste.



• ACUSADA

PARIS — Esta à direita, é Silvia Paul fotografada durante o rumoroso processo do crime de morte contra Jeanne Perron. Silvia é a principal acusada no caso.

• CAMPEÃO

MILÃO — Êste é o campeão «Alpino», de propriedade do aviador Piero Rota, considerado um dos mais belos cães pastôres existentes nos dias atuais. «Alpino» vem sendo premiado em numerosas exposições há cêrca de 6 anos. E' originário da Ásia, tem 62 centímetros de altura e 39 Ks.



CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY



DUAS ESTRELAS



O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 19 E 25 DE FEVEREIRO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A situação melhorou consideràvelmente. Os melhores influxos planetários lhe encherão a semana, dando-lhe possibilidades em todos os setores de atividade, o profissional inclusive.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Vênus continua brilhando no seu destino, influenciando consideràvelmente a personalidade. Aproveite tão excelente oportunidade para a realização dos seus justos propósitos e dos seus desejos.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Sua vida sentimental continuará mal astralizada. Não se aventure em tal sentido. Não obstante, o setor dos negócios e das especulações lhe dará o máximo de possibilidades, no curso da semana.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Quem não arrisca não alcança, diz o provérbio. O leitor poderá arriscar-se durante a semana em causa, pois sua parte da fortuna estará previtalizada justamente pelo astro que lhe governa o destino.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Não terá necessidade de correr para alcançar o que deseja. Os acontecimentos virão ao seu encontro e a boa sorte passará vagarosamente à sua porta. Os melhores dias para especular serão 19, 21 e 24.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A colheita continuará ainda na próxima semana, pois o estado do céu não se modificará, no caso do leitor. Os influxos que o beneficiaram tanto, na semana a findar, farão o mesmo na que se inicia.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Desenvolva seu espírito de cooperação. Só, isolado, nada conseguirá na vigência da semana em foco. Junte suas fôrças à fôrça de alguém se quiser conseguir algo do que deseja. No seu caso pessoal, os influxos serão hostis.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A ambiência dos astros não aconselhará mudanças ou inovações durante os próximos oito dias. Suas desfavorrabilidades irão até 26 do corrente. Dê tôda atenção ao que fizer e reexamine os projetos em execução.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Haverá em todos os setores de concurso do seu horóscopo, influxos inharmônicos. Dêsse modo ainda não poderá contar com a cooperação da sua **entourage** ou de estranhos, a ela. Os piores dias serão 22 e 23.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Uma notícia muito favorável lhe dará alegria e fundadas esperanças quanto à realização dos seus ideais. Seja otimista e confiante, certo de atrair, assim, uma soma maior de felicidade.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Será cômoda sua posição no decurso da semana. Haverá um forte conjunto de circunstâncias, favoráveis aos seus negócios e às atividades profissionais. Seu esfôrço, seja qual fôr, será bem remunerado.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Essa sua tendência para a bohemia, para as noitadas alegres e para as libações, estará muito aumentada no curso da semana. A natureza instintiva manifestar-se-á, reclamando seus direitos. Ponha o espírito de sobreaviso, contra os reclamos da matéria.

OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro,	19	—	Eulalio	—	Joana
"	20	—	Juscelino	—	Arnóbia
"	21	—	Euzébio	—	Darcira
"	22	—	Felipe	—	Eloisa
"	23	—	Sinésio	—	Alice
"	24	—	Otacílio	—	Otávia
"	25	—	Sérgio	—	Eliana

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Fevereiro,	19	—	0º - 4' - 14"	(Signo dos Peixes)
"	29	—	1º - 4' - 41"	(" " ")
"	21	—	2º - 5' - 13"	(" " ")
"	22	—	3º - 5' - 41"	(" " ")
"	23	—	4º - 6' - 4"	(" " ")
"	24	—	5º - 6' - 30"	(" " ")
"	25	—	6º - 6' - 52"	(" " ")





Carmem Miranda, aplaudindo «Fantasia & Fantasias». Aparecem ainda a sra. Sarita Coelho e o sr. Murilo de Almeida. À direita, numa reunião social, a sra. Paulo Antunes e o sr. José Williamsens Júnior. (Fotos Rio Magazine)

Príncipe, duquesa, artistas e alguns pebleus

● *No balanço rápido da semana, encontramos, movimentando-a, a chegada, dia 9, da Duqueza de Devonshire que será hóspede do casal Carlos Eduardo de Souza Campos. Outra visita ilustre será a do Príncipe Ali Khan que viria cobrar os cavalinhos que vendeu. Finalmente, a presença dos artistas americanos, principalmente, Elaine Stewart e Walter Pidgeon completa o quadro dos elementos que têm provocado comentários e movimento em Sociedade. Ah! Ia me esquecendo de Petrópolis que depois de muito mergulho na piscina e "drinks" na beira da mesma promete um Carnaval excelente que se iniciará com a festa da Sra. Odete Monteiro, dia 12. No dia seguinte, grande almôço em casa da Sra. Irene Guinle que está com idéia de fazer sua festa carnavalesca, no sábado. Depois de Rei Momo, recolhem-se as "cigarras" que voltam a ser pacatos chefes de família que, aliás, nunca deixaram de ser, no sentido exato, se bem que não tão pacatos.* PETER

● **Cabo Frio está brilhando** — Se bem que o sol faça «for-faits» algumas vêzes, continua concorridíssimo o fim da semana e, em alguns casos a semana tôda, em Cabo Frio. Grandes pescarias e iates cruzando em todos os sentidos. São hóspedes constantes daquelas praias os casais Joaquim Guilherme da Silveira e Alberto Proença de Faria e o sr. Raimundo de Castro Maia, que pescou um merlin.



● **O CARNAVAL DO «HIG-LIFE» — O «Hig-Life» promete uma grande sensação na decoração de seu próximo Carnaval. Teremos painéis como «El Patio», «Le Coq d'Or» e outros recantos.**

★ **Quitandinha movimenta-se** — Aos domingos, a gente moça do «Society» concentra-se no chá dançante do «Quitandinha». Neste dia, podem ser vistas as Srtas. Leila Bergalo, Ilde Garaváglia, Nono Seve, Baby Medicis, Marina Miranda Freitas, Maria Otília Riper, José Rodolfo (Chuvisco) Câmara, Fernando Augusto, Neri Cardoso e Vitorio Romanelli.

★ **Carnaval na Hípica** — Realizou-se na Sociedade Hípica Brasileira a grande festa carnavalesca, patrocinada pelos Srs. Celmar Padilha, Luiz Barroso e Eurico Campos. Foi muito animada, com uma apresentação da Escola de Samba de Mangueira.

★ **Continua «chuviscando»** — O primeiro número da revista social «Chuvisco» tem agradado bastante, se bem que seus organizadores não tenham conseguido o resultado que desejamos. Prometem uma grande melhora para o próximo número.

★ **O Xá e a sogra** — A grande surprêsa do almôço (200 talheres) foi a entrada, de braços dados, do Xá da Pérsia com a sua ex-sogra a Rainha-Mãe Nazli, do Egito. Tratava-se de uma homenagem feita pela Sra. Arthur Cameron, espôsa do magnata do petróleo, no Texas. Nesta ocasião, serviu de «hostess» a Sra. Cobina Wright, aparando as dificuldades do protocolo.

★ **Um livro muito útil** — Agora mesmo darei um pulo na mais próxima livraria, a fim de adquirir o novo «Nossa Sociedade», livro organizado pelas Sras. Maria Helena Nobre e Maria Luiza Mello. E' essencial para nós que escrevemos sôbre Sociedade, uma vez que resolve uma série de dúvidas.

★ **Na piscina do casal Homero Silva** — O casal Homero Souza e Silva já tinha fama de receber bem. Deixam todos à vontade. Agora, êle está sendo indicado como o melhor «barman» de Petrópolis. Os domingos em casa dêles têm sido dos mais concorridos.

★ **Arte antiga na «Vimarte»** — Numa tarde de segunda-feira, a casa «Vimarte», de propriedade do Sr. Roberto Carvalho, organizou uma exposição com um certo sabor antigo, tôdas as peças executadas em vime. O eficiente decorador reúniu, em seu «cock-tail», as Sras. Tereza Souza Campos, Maria Celina Simon, Elsie Lessá, srs. João Henrique, Enio Moreira e Carlos de Laet, entre muitos outros.

★ **Miss Belezoca Internacional** — Pela segunda vez, reunem-se cronistas e colunistas mais ou menos sociais, na ABI, para determinar detalhes dos primeiros passos que serão dados para a escolha de Miss Brasil que concorrerá, como fêz Martha Rocha, ao título de «a mais bonita do mundo». Na presidência, Herbert Moses, o mais jovem de vivacidade dos jornalistas brasileiros.

★ **Alguns «big-shots» no Rio** — Encontram-se no Rio, hospedados no Copa, os Srs. Lamberto Micangeli e Bernardo Tavlor. O primeiro é diretor da Panair em Roma e, o segundo, diretor em tôda América Latina dos discos Columbia. São velhos amigos da praia de Copacabana.



FRONTEIRA DA VIDA

Conto de **WILSON BARBOSA**

Desenho de **DAREL**

DECIDI suicidar-me num sábado para ser sepultado no domingo, facilitando, assim, aos meus amigos que desejassem ir ao meu entêrro sem prejuízo de horas de trabalho. Meu suicídio foi muito bem planejado de modo que o médico chamado às pressas, atestou como causa-mortis envenenamento por intoxicação alimentar. Com isso minha família ficou livre do escândalo de um suicídio, sofrendo apenas o golpe daquela morte inesperada.

Logo depois que eu expirei, entre lágrimas e lamentações dos que cercaram meus rápidos momentos de agonia, transportaram meu corpo para uma capela, porque defunto não tem direito a sala de apartamento. Verdadeiros e falsos amigos foram chegando com manifestações de sentimentos, sinceros alguns, fingidos muitos. Em espírito eu estava presente a tudo, participando sem que percebessem de todo aquêle movimento em tôrno do meu corpo. Felizmente, vestiram-me a roupa de minha preferência, de acôrdo com a recomendação da viúva.

— Vistam o terno prêto, de listinhas, que ficava muito bem nêle...

Vendo o meu corpo sôbre a mesa, não me decepcionei. Não ficara um defunto tão feio, apesar de muito feio haver sido em vida. Parecia «estar dormindo», conforme repetia minha mãe em desespêro. De fato, não fôssem os aparatos fúnebres que me rodeavam, dir-se-ia que eu estava imerso num sono profundo. Os lábios naturalmente unidos, as pálpebras de cílios longos completamente cerradas, enfim, todo o rosto coberto de uma naturalidade que só mesmo a palidez da morte comprometia.

Apenas duas coisas não me agradavam no meu cadáver: o nó da gravata e o jeito do penteado, coisas que só o próprio sabe fazer a contento. Embora o meu espírito pudesse dar os retoques desejados, achou melhor deixar tudo como estava. Imaginem se mãos invisíveis corrigissem o penteado e refizessem o nó da gravata, que pânico não provocariam! Achei bem melhor não espantar ninguém, preferi ser um defunto normal.

As flôres e as coroas começaram a enche ra capela. Nada como a morte para a gente receber homenagens e ser considerado um ótimo sujeito. Alguns sinceramente, muitos por fingimento, todos eram unânimes em elogiar o defunto de corpo presente.

— Bom amigo, alma nobre, um santo, coitado...

Entre as numerosas coroas, chegou uma enorme, de flôres naturais, letras douradas na faixa roxa apregoando as «saudades eternas do maior amigo». Quanta hipocrisia, meu Deus! Quem dizia isso era um sujeito que sempre me detestou cordialmente, nunca fôra meu amigo, metera-se na política e preparava-se para ser candidato a qualquer coisa. Com aquela coroa, a mais bonita de tôdas, o solidariedade que foi oferecer à minha família, ficando todo o tempo de cara triste junto do meu cadáver esperava conquistar os votos de parentes meus e de raros amigos mais sentimentais. Cínico! Fiquei tão revoltado com o golpe do abutre que atirei a coroa ao chão. Colocaram-na no lugar e eu tornei a atirá-la ao chão. Mais uma vez a apanharam, recompondo piedosamente flôres amassadas, e ainda eu a fiz cair por terra.

Alguém comentou com espanto.

— Parece incrível, está num lugar tão seguro! Só mesmo derrubada a propósito...

Deixei, então, a maldita coroa sossegada. Estava lançado o meu protesto de espírito revoltado.

* * *

Agora, preciso revelar porque me suicidei. Confesso, profundamente arrependido, que me matei por amor. Não vou entrar em detalhes porque a história não interessa a ninguém. Podem me chamar de fraco, imbecil ou covarde, mas o fato é que não encontrando uma solução para o meu caso desertei da vida naquela tarde de sábado. Ainda o dia de minha morte foi escolhido, também, por causa da mulher amada. Passávamos longe um do outro os fins de semana, despedimo-nos na sexta-feira e eu decidi morrer naquele sábado de dúvidas e angústias incontroláveis. Quando ela viesse a saber de minha loucura eu já estaria sepultado, poupando-lhe o sacrifício de ir ao meu entêrro e, talvez, ter de derramar algumas lágrimas comprometedoras em presença de outros.

Tudo aconteceu conforme eu havia planejado. Marcina (acabei revelando o nome) só teve conhecimento do ocorrido na têrça-feira seguinte, quando um companheiro de trabalho lhe informou pelo telefone:

— Êle morreu, o entêrro foi domingo...

Marcina sentiu um pouco, é verdade, mas conseguiu sufocar o pranto e murmurou tristemente:

— Coitado, tinha tantos sonhos na vida...

Daí em diante começou a minha angústia maior, continuei sofrendo mais ainda além da fronteira da vida, onde me refugiara pensando livrar-me de todos os tormentos. Depois do meu entêrro em que houve alguns discursos, repletos de elogios de beira de túmulo, proferidos em tons convencionalmente tristes, eu deixei o cemitério e fiquei acompanhando certas pessoas a que em vida estivera muito ligado. Via meus filhos brincando como se nada de mais tivesse havido, perguntando, vez por outra, quando o pai voltaria da viagem. Pobres filhos! Ficariam esperando por mim inùtilmente, até compreenderem que essa viagem não tem regresso. Via as pessoas da família, que viviam comigo sob o mesmo teto, cuidando da nova arrumação da casa, procurando detalhes ornamentais que apagassem qualquer lembrança do morto. Via, também, minha mulher, soltando suspiros longos, às voltas com figurinos e costureiras. Estava cuidando do problema fundamental depois de minha morte, os novos vestidos para ostentar a sua resignada viuvez de vinte e quatro anos...

Agora, em espírito, poderia acompanhar os passos de Marcina, adivinhar-lhe os pensamentos. Oh, meu Deus, como foi inútil morrer por ela! Desertei da vida para afastar-lhe um problema, para deixá-la em paz no seu caminho de mulher honrada, porém, estava vendo completamente perdido o meu supremo sacrifício.

O amor que ela tantas vêzes me jurara, não passava de uma aventura leviana, um desejo efêmero que desapareceu no malôgro daqueles encontros infelizes. Seus gestos e suas palavras continuavam queimando minha alma. Não poderia esquecer aquêles momentos em que ela, dedos macios emaranhados nos meus cabelos, sussurava aos meus ouvidos.

— José Luís, José Luís, eu te quero tão bem...

E agora, os mesmos dedos de fada cofiando o bigode do outro, a mesma voz repassada daquela aparente sinceridade.

— Osório, Osório, eu te quero tão bem...

O outro que surgiu em meu lugar substituia-me com vantagem porque era bonito e tinha dinheiro, podia dar-lhe tudo, menos um amor igual ao meu. O novo romance de Marcina continuava cada vez mais intenso, para angústia do **meu espírito que a tudo assistia sem fôrças para qualquer influência.** Ouvia as **conversas dêles, acompanhava-os aos encontros,** e como sofria, meu Deus! Cada vez que Marcina repetia para o amante aquelas juras que tantas vêzes me fizera, minha alma sentia-se numa fogueira de dor e desespêro, queimada pelo remorso do suicídio estúpido.

E os meus filhos, coitados! Como sentiam a saudade do pai, como reclamavam minha ausência, como perguntavam pelo regresso daquela viagem sem fim! Com que dor e arrependimento minha pobre alma arrastava-se pelo espaço, ferindo-se na comovente saudade dos meus filhos, queimando-se na dolorosa futilidade de Marcina!

Agora, muito tarde, já sei que não vale a pena morrer por amor. Não há paixão, não há problema sentimental que justifique o suicídio. Posso afirmar com experiência pessoal, ou melhor, com convicção espiritual, porque já fui além da fronteira da vida, já vaguei pelo mundo misterioso da morte. Reconheço agora que só Deus tem o direito de eliminar nossa vida como bem entender, num colapso violento, num desastre de lotação, ou num leito de hospital. Nessa minha dolorosa incursão pelo outro lado da vida, pude ver quanto sofrem os suicidas!

* * *

Embora não fôsse um espírito mau, resolvi cometer algumas perversidades para vingar-me da ingratidão de Marcina. Deliberei fazer com que o marido, que não queria perdê-la para sempre, descobrisse o que ela andava fazendo e tomasse medidas violentas. Para que êle desconfiasse e passasse a investigar o procedimento da mulher, bastou que lhe repetisse ao ouvido algumas vêzes: «Marcina tem outro homem, tem outro homem...» Pronto, o pobre marido não teve mais sossêgo. Fêz sindicâncias, recolheu informações comprometedoras e passou

a viver à procura da prova definitiva. Eu era o seu grande e invisível aliado, ajudava-o em tudo com um prazer sádico, esperando gozar o desfecho da tragédia, que lhe estava auxiliando arquitetar.

Marcina era hábil, inteligente, sobretudo muito discreta, não sendo fácil ao marido conseguir a prova desejada. Só mesmo eu conseguia ver e ouvir tudo, acompanhando-a a todos os seus encontros com Osório, sendo testemunha dos seus beijos insaciáveis, aquêles mesmos beijos que foram o abismo de minha vida.

Finalmente, depois de longa e impaciente espera, chegou para Saraiva o momento definitivo. Com o cuidado de sempre, Marcina e Osório marcaram mais um encontro, porém, dessa vez não foram bem sucedidos. Guiado por mim, Saraiva, que andava seguindo todos os passos da mulher, viu-a nessa tarde entrar no mesmo edifício em que Osório entrara minutos antes. Ficou na dúvida, não sabia para que andar, para qual apartamento dirigir-se, mas eu guiei-lhe os passos, soprei-lhe ao ouvido o que lhe parecia misteriosa intuição.

Caminhou resoluto, entrou no elevador e saiu no andar exato, acariciando, nervoso, o cabo do revólver. Bateu na porta, ninguém atendeu, bateu com mais fôrça, com violência, furioso, disposto ao extremo do arrombamento. Diante da situação irremediável, abriram a porta, desenhando-se uma fatia de luz no corredor, aos pés de Saraiva, que os fulminou com um olhar sanguinário, deixando-os imóveis, estarrecidos, humilhados, sem a menor reação, à espera do castigo. Tive pena de Marcina, revi-me no lugar de Osório e achei que o verdadeiro dono da mulher é sempre aquêle que a tem nos braços.

Saraiva ia descarregar a arma sôbre os dois, levou o dedo ao gatilho e apontou primeiro para Marcina. Não poderia ver morrer assim tão brutalmente quem, apesar de tudo, merecia um destino melhor. Naquele instante resolvi ser um espírito de paz, segurei a mão de Saraiva, desfiz a pontaria e as balas, desfloradas desvairadamente, perderam-se tôdas nas paredes do apartamento.

* * *

Com o despertador tilintando aos meus ouvidos ressuscitei às seis horas da manhã cheia de sol. As mãozinhas macias de minha filha mergulhadas nos meus cabelos tornaram maior ainda a alegria dessa verdadeira ressurreição. No quarto inundado pelo sol louro da manhã não existe Saráiva nem Osório, mas flutua a visão adorável de Marcina, dedos macios como os dedinhos de minha filha, emaranhados nos meus cabelos revoltos.

— Papai, levanta, levanta paizinho...

— José Luís, José Luís, eu te quero tão bem...



Os saudosistas (Ah, meu tempo...)

afirmam que o Carnaval está

desaparecendo aos poucos...

Mas, com franqueza:

NO TEMPO ANTIGO



CARNAVAL TINHA DISTO?



O ASSUNTO é batido: Carnaval de verdade era o de antigamente, senhores! Tempinho bom das batalhas de confete com os confetes de verdade; o lança-perfume a mil e quinhentos a bisnaga de sessenta gramas; a serpentina aos milhões de quilômetros, envolvendo todos os automóveis de uma ponta a outra da Avenida; os préstitos das grandes sociedades entrando e saindo na mesma Avenida sob os aplausos da multidão que não «torcia» pelo Flamengo, mas pelos Democráticos, Fenianos ou Tenentes do Diabo; as máscaras e as fantasias, emprestando um colorido magnífico à cidade...

E por aí adiante.

Mas — convenhamos — seria o Carnaval de antigamente, tão maravilhoso como se diz, hoje, ao pêso da saudade que tudo embeleza? Os velhotes respondem pela afirmativa e as revistas daquele tempo, também. O Carnaval carioca há cinqüenta anos, foi assim comentado por um dos articulistas da «Revista da Semana», em sua edição de 12 de março de 1905:

«Os teatros, em sua maioria, desde sábado dos primeiros dias da semana que expira, foram transformados em salões de «bals masqués». Havia nêles uma confusão babélica, uma concorrência extraordinária, fantasiados de tôdas as espécies, pierrots e colombinas deitando idílios, clowns e palhaços em um desperdício contínuo de «você me conhece?» dançarinas decoradas deixando aparecer o colo ofegânte e braços cinzelados — consagrações a Momo e à Folia! Percorremos vários: nuns uma atmosfera asfixiante, pela aglomeração enorme de gente, noutros um ambiente mais saturado, em que se evolavam essências mil, nas esteiras deixadas pelos pares elegantes, em giros vertiginosos das danças carnavalescas. Assim, em todos, um perene descortino de apoteoses do gôzo e do prazer, que alegrava grandemente, que fazia vibrar as moléculas do mais spleenético dos mortais, aliás,

Nem o Pierrot morreu: Ele continua saudoso de Colombina e traído pelo atrevido Arlequim...

Hoje — como nos "bons tempos" — o Carnaval vive o seu "climax" nas casas de espetáculos. (Havia "Êste Rio Moleque" há cinquenta anos?)



sentindo-se correr nas veias o sangue do americano dos trópicos».

Abstraído um pequeno exagêro de literatura, tudo muito igual, nos bailes dos teatros, ao que hoje nêles acontece. Mas na capa do mesmo número, a «Revista» publicava uma caricatura de Raul, exibindo o Zé Povo, ostentando, nos dedos, os cordelinhos das «máscaras políticas que nos intrigam todo o ano». E lá estavam Rodrigues Alves, Passos e outros figurões ilustres da época... antecessores das «figurinhas» de hoje. Em outra página, Amaro do Amaral caricaturava a Folia, em diálogo com Zé Povo. O diálogo era êste:

Folia — Anda, uma vez mais prepara-te para afivelar a máscara e fingir que estás satisfeito...

Povo — Sim, não há remédio, uma vez que estou desmascarado...

Não parece que a legenda foi feita para satirizar o momento atual? Só que as máscaras são outras.

Também há cinqüenta anos as coisas não andavam boas, no campo da política. Outra página da «Revista da Semana» era ocupada por uma «charge» de Bambino: S. M. o Carnaval desembarcava no Rio, trocando os pés pelas mãos, de cara debochada e cartola empinada, e dizia:

— Apesar do estado de sítio, bravos ao velho que estará na rua três dias...

Quer dizer: Estado de sítio em pleno Carnaval.. Isso no ano de 1905.

Comentário do folião carioca, meio século mais tarde:

— Eu, hein?

Donde se conclui que o Carnaval não melhorou nem piorou: transformou-se, apenas. E aí está, sob alguns aspectos decadente, sob outros muito mais rico. Havia bailes de gala no Municipal, há cinqüenta anos? «Shows» carnavalescos de repercussão internacional nas boites? Festas íntimas — ou quase íntimas — nas vivendas dos milionários, com banhos à fantasia nas piscinas e outras maravilhas?

Vamos, portanto, gozar o nosso Carnaval tal como o temos em nossos dias, deixar o Passado em paz, e o barco correr. Quem folhear as revistas de hoje, dentro de meio século, que julgue por conta própria. Quanto a nós... «tem nêgo bêbo aí»?



Cabrochas de 1955, que não perdem em confronto para as suas vovòzinhas. (Melhorou muito à contribuição das morenas para o Carnaval carioca!)

FÁTIMA - Revelação dos três Pastôres

Por MÁRIO SALGUEIRO

Desenho de RAMÓN

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo, ou em parte)

(CAPITULO V)

— Mas há senhoras muito mais bonitas do que aquela menina...

— E' mais bonita que qualquer pessoa que eu visse.

Concluído o interrogatório do Francisco, chamei de parte a Jacinta, que andava a brincar na rua com as outras crian- ças, fi-la sentar-se num banquinho ao pé de mim e subme- tia-a também a um interrogatório, logrando obter dela res- postas completas e minuciosas como as do irmão.

— Tens visto Nossa Senhora no dia treze de cada mês de maio para cá?

— Tenho visto.

— Donde é que ela vem?

— Vem do céu, do lado do sol.

— Como está vestida?

— Tem um vestido branco, enfeitado a oiro e na cabeça um manto também branco.

— De que côr são os cabelos?

— Não se lhe vêem os cabelos que estão cobertos com o manto.

— Traz brincos nas orelhas?

— Não sei, porque também não se lhe vêem as orelhas.

— Qual é a posição das mãos?

— As mãos estão postas à altura do peito, com os dedos voltados para cima.

— As contas estão na mão direita ou na esquerda?

A esta pergunta a criança responde primeiro que estavam na mão direita mas em seguida, devido a uma insistência propositada e capciosa da minha parte, mostra-se perplexa e confusa, não sabendo precisar bem qual das mãos corres- ponde àquela com que a Aparição segurava o rosário.

— Que foi que Nossa Senhora recomendou à Lúcia com mais empenho?

— Mandou que rezássemos o têrço todos os dias.

— E tu reza-o?

— Rezo-o todos os dias com Francisco e com a Lúcia.

Meia hora depois de terminado o interrogatório de Jacin- ta Marto, aparece Lúcia de Jesus. Vinha, como já disse, du- ma pequena propriedade de sua família, situada a dois qui- lômetros de distância, onde tinha estado a vindimar. Mais alta e mais nutrida que as outras duas crianças, de tez mais clara, robusta e saudável, apresenta-se diante de mim com um desembaraço que contrasta singularmente com o aca- nhamento e a timidez excessiva de Jacinta. Singelamente vestida como esta, a sua atitude não denota e o seu rosto não traduz nenhum sentimento de vaidade, nem tão pouco de confusão.

Sentando-se a um aceno meu, numa cadeira, ao lado, presta-se da melhor vontade a ser interrogada sôbre os acontecimentos de que ela é a principal protagonista, sem embargo de se sentir visivelmente fatigada e abatida, mer- cê das visitas incessantes que recebe e dos inquéritos re- petidos e prolongados a que é submetida.

Filha de Antônio dos Santos, de cinqüenta anos de idade, e de Maria Rosa, de quarenta e oito anos, tem um irmão e quatro irmãs, todos mais velhos do que ela: Maria, de vin- te e seus anos, já casada, Teresa, de vinte e quatro, Ma- nuel, de vinte e dois, Glória de vinte, e Carolina de quinze. Completou dez anos de idade em 22 de março do corrente ano. Tinha oito anos quando fêz a sua primeira comunhão. A mãe, tipo da mulher cristã e de boa dona de casa, en- trega-se às lides domésticas, procurou sempre inspirar aos filhos o santo temor de Deus e levá-los ao cumprimento de todos os seus deveres morais e religiosos. Altamente preo- cupada com os sucessos que atraem a todo o momento as atenções de milhares de pessoas para a sua pobre habita- ção, até pouco ignorada do mundo, nota-se desde logo que o seu espírito hesita, numa ansiedade inquieta, entre a es- perança de que a filha realmente privilegiada com a apari- ção da Virgem e o receio de que ela seja vítima duma alu- cinação, que lhe traga desgostos e cubra de ridículo tôda a sua família. A uma pergunta minha acêrca da piedade da sua Lúcia, responde que não acha nela nada de extraordi- nário neste particular, vendo-a rezar da mesma forma e com o mesmo fervor que antes das aparições, exatamente como fazem as suas irmãs. Dou princípio ao interrogarório da vidente:

— E' verdade que Nossa Senhora te tem aparecido no local chamado Cova da Iria?

— E' verdade.

— Quantas vêzes já te apareceu?

— Cinco vêzes, sendo uma em cada mês.

— Em que dia do mês?

— Sempre no dia 13, exceto no mês de agôsto, em que fui prêsa e levada para a vila (Vila Nova de Ourém) pelo senhor administrador. Nesse mês só a vi alguns dias de- pois, no sítio de Valinhos.

— Diz-se que a Senhora te apareceu também o ano pas- sado. Que há de verdade a êste respeito.

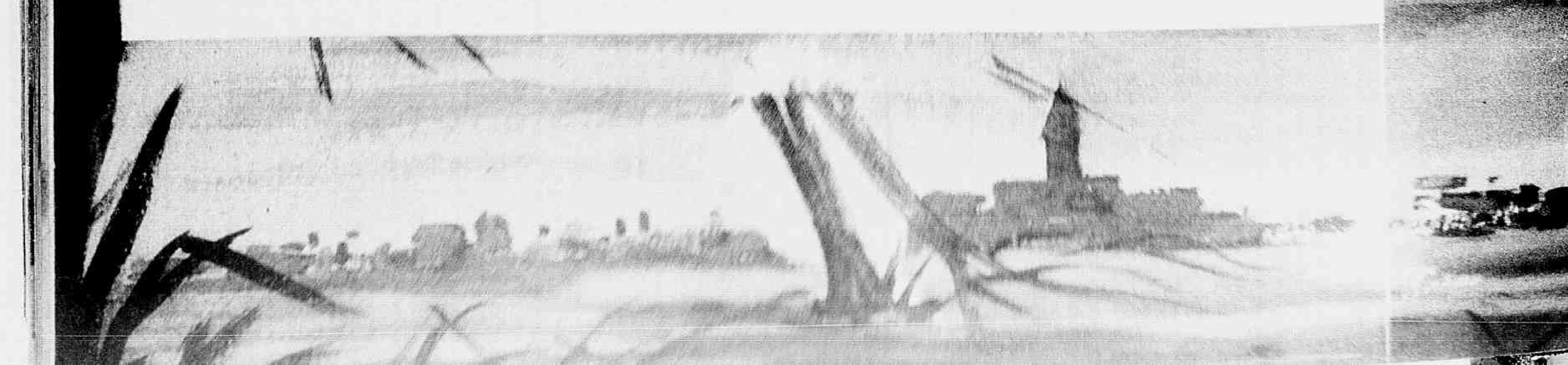
— O ano passado nunca me apareceu, nem antes de maio dêste ano; nem eu disse isso a pessoa alguma, por- que não era exato.

(Continua na página 39)

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

● RESUMO DA PARTE PUBLICADA

As primeiras notícias das *aparições de Fátima*, **que se es-** **palharam por todo Portugal**, *foram consideradas pelas au-* **toridades como** «*exploração da ignorância do povo*». *Con-* **firmando sempre o que** *haviam presenciado, os Pastorinhos* **recusavam-se a revelar o** *segrêdo que a Virgem lhes trans-* *mitira*, sendo até detidos, fato que causou grande reação do *povo* e *da imprensa*. Apesar dos acontecimentos da Cova *da Iria* serem presenciados por inúmeras pessoas, Lúcia, *Francisco* e Jacinta continuavam sendo interrogados insis- *tentemente para* o Inquérito Paroquial de Fátima. O cônego *Manuel Nunes* Formigão desanimado por não ver fato al- *gum que o impressionasse*, continuou suas investigações, no *propósito de esclarecer* os acontecimentos da Cova da Iria.





SÃO PAULO (quatrocentão e tudo) CAI NO SAMBA

"Meninão" tomou conta dos paulistas com um "show" milionário — Artistas de vários Estados da Federação estiveram presentes, com tempêro baiano e ritmo carioca — Outros detalhes

Texto de HELIO ABREU

TODO mundo em São Paulo comenta as loucuras de Maio e de todo o ano de Alvaro Luiz Assunpção que, cansado de freqüentar as boites dos outros resolveu fazer a sua própria. Ensaiou a mão no «Feitiço» e quando viu que era capaz de maiores vôos, meteu os peitos e inaugurou a boite que tem o seu nome: «Meninão».

O local tinha «caveira de burro» e quem se aventurava a abri-lo ao público acabava fechando a porta e saindo para outra. Mas o «Meninão» pouco se importou com o fracasso de seus antecessores. Apresentou Ângela Maria e foi um sucesso artístico e financeiro. Depois apresentou o famoso ballet internacional «Dar-



O moço Caymmi e Dorinha Duval: um baiano e uma paulista, duas raças de quatrocentos anos.



Ângelita Martinez e Dorinha Duval, quatro pernas que animam qualquer «show».

Angelita Martinez não precisa de legenda para dizer que ela é fabulosa. E' mesmo.



vas and Julia» e foi quando os amigos vendo o êxito artístico e o fracasso financeiro aconselharam o «Meninão» a desistir da idéia.

— Não vou fechar a boite, mas vou fechar o comércio; teria êle dito no Jóquei Clube.

E fechou mesmo. Foi em casa de Clóvis Graciano e pediu ao pintor uma apresentação para o moço Caymmi. E apresentando-se ao «cantor dos mares da Bahia» convidou-o na hora para entrar no próximo show. Depois foi a casa de Araci de Almeida, munido de uma apresentação dada pelo baiano, e também convidou-a para entrar no espetáculo. Dali foi a Pôrto Alegre procurar o Lupiscínio Rodrigues (munido de uma carta de Araci) para o mesmo fim. No avião ia Jorge Veiga, que foi contratado a 3.000 metros de altura entre São Paulo e o Rio Grande do Sul. Com quatro ases na mão, pensou um pouco, e arranjou dois coringas: a fabulosa Angelita Martinez e a agitadíssima Dorinha Duval. E para «cozinhar» o bôlo, foi buscar à rádio Record Carlos Maria de Araújo, um português sabido em diversas artes que, com ano e meio de Brasil, é, por incrível que pareça, o produtor de programas da Araci, do Caymmi e de outros maiorais do samba. E Carlos Maria, inspirado naquela famosa receita do «quem quiser vatapá» do samba de Caymmi, apresentou um roteiro antes nunca visto.

E o resto é como nos contos de fadas: o show vai em frente, o público faz fila à porta da boite, e vai da valsa, aliás, vai do samba...



Lupiscínio Rodrigues trouxe de Pôrto Alegre a beleza dos seus grandes sambas.



Araci de Almeida prescinde de apresentação. Todos sabem que é o samba em pessoa.



Dorival Caymmi: suas canções foram o tempêro baiano do «show» do «Meninão».

Variedades

★ *AS BANANAS VÃO ENCARECER?* — *As bananas estão ameaçadas de encarecer, nas feiras, quitandas e mercados do Rio, porque o transporte, que é feito por vagões da Central do Brasil, de Mangaratiba (uma das zonas que mais bananas produz para o D. F.), vai subir de 1.900 cruzeiros para 2.800 cruzeiros, por vagão. Eis um assunto para ser estudado pela valente e operosa Associação das Donas de Casa, antes que seja um caso consumado. Mais vale prevenir...*

★ *AS MULHERES DO NOVO CONGRESSO DOS EE. UU.* — *Pouco a pouco as mulheres norte-americanas vão conquistando cargos políticos. Este ano o Congresso norte-americano conta com 17 mulheres: 16 deputadas e 1 senadora, a Sra. Margaret Chase Smith, representante do Estado de Maine, pelo Partido Republicano. Uma das deputadas é representante do Hawai. Muitas delas foram reeleitas, outras exercem pela primeira vez o mandato. E' um número recorde de mulheres no Congresso, em tôda a história dos EE. UU.*

★ *MÃE PRETA* — *Uma das mais tocantes cerimônias, no movimentado IV Centenário da capital paulista, foi a inauguração, no dia 23 do corrente no largo do Paissandu, de um monumento à Mãe Preta, homenageando, assim, as tão dedicadas babás de antigamente, verdadeiras mães de criação, às quais muito devem em ternura e sacrifício muitas de nossas gerações.*

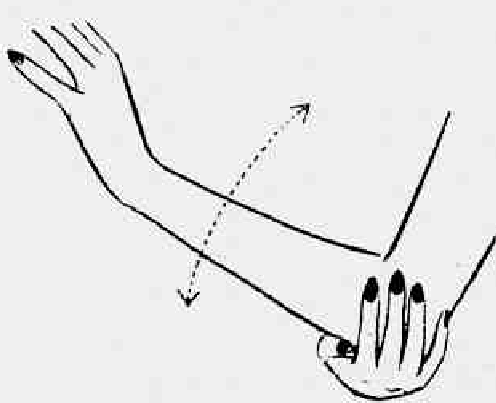
★ *A PRIMEIRA MULHER AVIADORA* — *Em meados de janeiro passado faleceu em Londres, num hospital, a primeira mulher que voou sózinha num avião: Jeanne Heryeu, heroina da aviação francesa, pois serviu no exército como capitão de aviação durante a Primeira Guerra Mundial. Depois daquela guerra seguiu para os EE. UU., onde foi encarregada da instrução dos pilotos da esquadrilha de polícia de Nova York, casando-se, então, com um norte-americano. Esta mulher extraordinária, que teve na aviação um papel excepcional, dado o seu sexo, faleceu com 65 anos, em consequência de... uma queda em seu apartamento.*

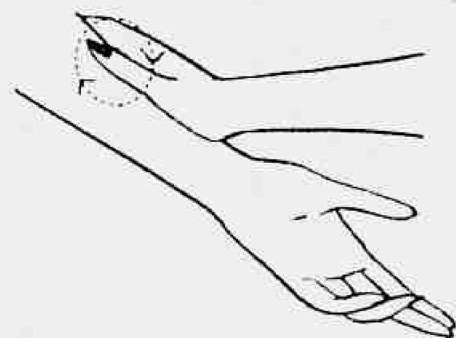


UM POUCO DE BELEZA

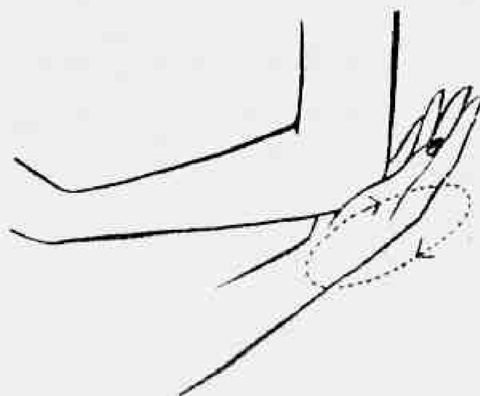
A BELEZA DOS BRAÇOS

● Os braços constituem importante fator de beleza feminina — podem ser melhorados imensamente com massagens diárias, que você mesma poderá praticar pela manhã antes de sair para o trabalho, ou de iniciar as lides caseiras. Siga as nossas explicações, ilustradas pelos esquemas:



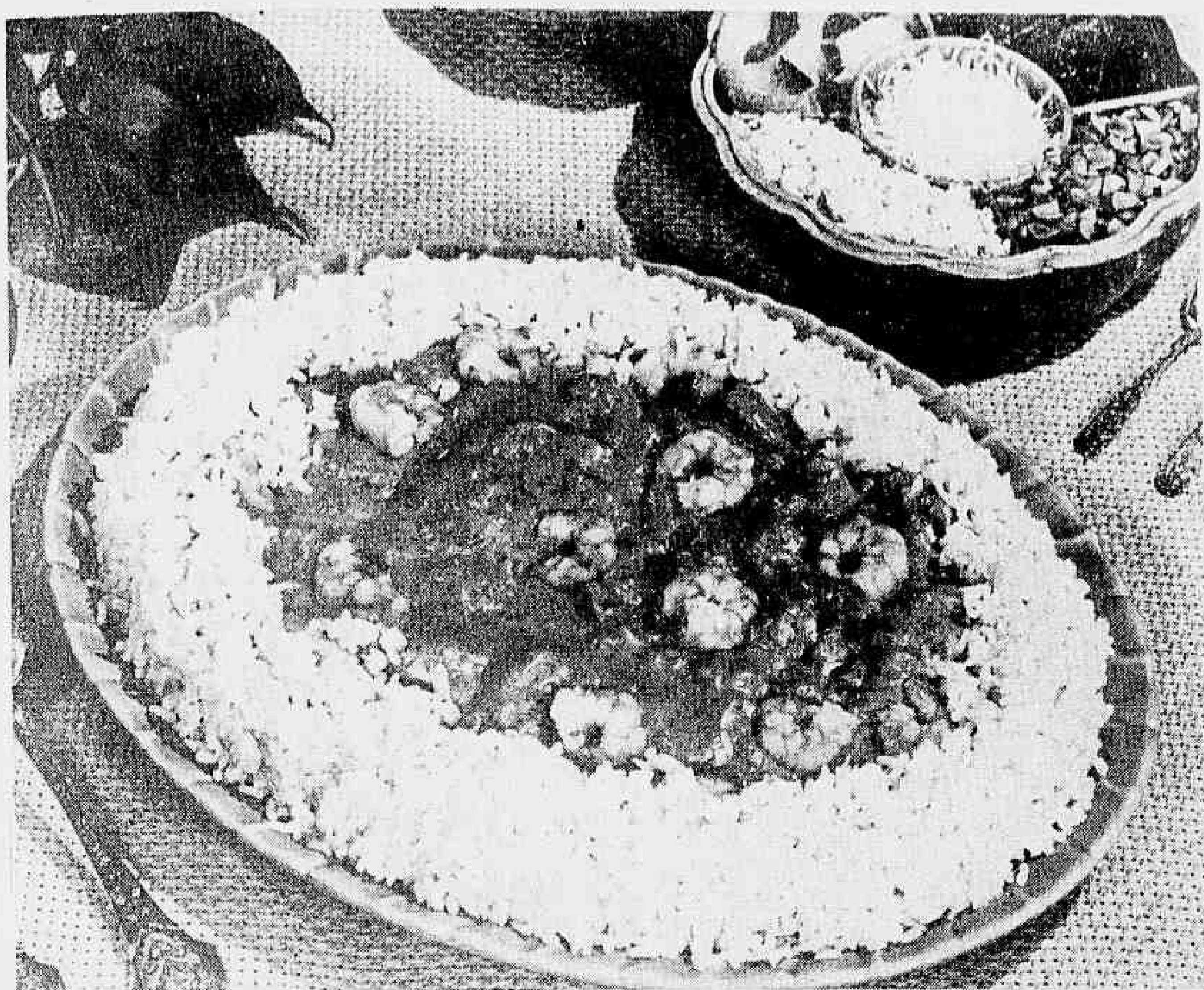


1) Apoie o cotovelo na palmo da mão. Deixe o braço cair, enquanto massageia com **os dedos** da mão. Levante de novo, ajudado por esta. Repita o movimento até sentir o braço repousado. Depois faça o mesmo com o outro braço. Partindo do pulso para os cotovelos, massageie o braço com movimentos circulares do polegar e dos dedos, alternadamente. Ao fazer a massagem procure **sentir** o músculo que percorre o braço.





3) Com um pouco de creme na palma das mãos esfregue o cotovelo, em movimentos circulares. Ótimo para amaciar. **4)** O mesmo movimento circular deve ser continuado até os ombros, sempre trabalhando alternativamente com os polegares e os dedos. Nos ombros use também uma loção ou creme.



WFEK-END NA COZINHA

● Domingo de verão, com o sol bonito e quente a brilhar lá fora, sugere na mesa um prato do mar. Experimente a receita de hoje e verá o acolhimento entusiasta que terá por parte de tôda a família. Complete o cardápio com uma boa salada de legumes.

ARROZ COM CAMARÃO

1 — Numa frigideira, derreta 1/4 de xícara de manteiga ou óleo de boa qualidade. Junte 1/4 de xícara de farinha de trigo e tire do fogo, acrescentando em seguida 3 colheres das de chá de pimenta da Guiné ou pó de carril. 2 — Devagar, e mexendo sempre, junte 2 xícaras de leite a essa mistura da frigideira, em fogo brando, até formar um môlho não muito denso. Tempere-o com sal, pimenta do Reino e gengibre. Acrescente o camarão (já cozido, fresco ou em lata). 3 — Arrume numa travessa, cinco xícaras de arroz já cozido (cozinhe em água e sal, sem tempêro, e depois de pronto, ainda quente, misture com 3 colheres das de sopa de manteiga). Ponha no centro do arroz a mistura de camarão — como mostra a fotografia.

A receita foi calculada para servir 4 ou 5 pessoas.

Notinhas Úteis



★ *MANCHAS DE FERRO QUENTE — Se o ferro estava muito quente e deixou na roupa uma dessas manchas amareladas, use água oxigenada, se o tecido é branco. Molhe as partes amarelecidas com água oxigenada dissolvida em um pouco dágua pura. Ponha ao sol. Depois enxagüe com água fria.*

★ *CREME PARA SORVETES — Eis uma receita rápida e saborosa: desmanche em banho-maria 250 gramas de chocolate, 2 pastilhas de hortelã-pimenta e 3 colheres das de sôpa de creme de leite. Deixe esfriar. Sirva sôbre sorvete de creme.*

★ *NÃO FORCE O GÊLO... que se formou em tôrno do congelador de sua geladeira, a fim de apressar o degêlo da mesma. Tenha calma, e espere que derreta por si, de outra forma poderá arranhar e estragar o congelador.*

★ *RISCOS NOS MÓVEIS — Os riscos nos móveis envernizados (e como são freqüentes em casas que têm criança!) desaparecem se os esfregarmos com uma mistura de azeite e parafina. Depois se dá polimento com uma camurça macia ou uma flanela.*

★ *POLTRONAS DE VELUDO — Quando o veludo de suas poltronas estiver amassado, umideça com vapor dágua. Em seguida passe uma escôva macia. Deixe secar completamente antes de se sentar outra vez na poltrona.*

★ *LENÇOS ENCARDIDOS — Ferva-os numa panela com água, acrescentando 3 colheres de sôpa de sal de cozinha. Ficarão brancos outra vez.*



SUGESTÃO PARA O SEU LAR

● **Eis duas interessantíssimas peças para a decoração de um apartamento de linhas modernas. O bufê é, na realidade, composto de duas peças: a parte inferior com portas de correr, dividida em dois corpos com prateleiras e gavetas internas, possibilitando bastante espaço para roupas e louças, etc. A prateleira superior, com 4 gavetinhas engenhosamente planejadas, poderá conter talheres e outras peças miúdas, e, na bela vitrina com porta de vidro serão arrumadas peças artísticas de porcelana. O biombo é uma novidade: esteirinha de palha fina, enquadrada em molduras de pau marfim. Uma peça destas é sempre útil num apartamento pequeno, pois possibilita oportunas separações.**

Crônica

HOMENAGEM

● Carlos Ribeiro, possìvelmente o mais jovem dos editôres brasileiros, foi homenageado outro dia com um grande almôço em que compareceram ministros, patentes militares e o que de mais eminente existe em nossa literatura. A homenagem foi justa, pois se Carlos Ribeiro sòmente agora se envolve com o difícil problema de editar, há muitos anos no entanto que se dedica ao comércio dos livros. Há muitos anos, pròpriamente, não — a expressão é falha. De tão longe quanto possa me lembrar, identifico a figura de Carlos Ribeiro à rua São José e aos livros velhos. Não era mais do que um menino quando o vi pela primeira vez, na velha Quaresma, servindo, mostrando, tirando o pó dos alfarrábios.

Não se improvisou portanto, nem montou banca de repente, conquistando o mundo dos livros com a audácia de um curioso. Antes de ser o importante dono da Livraria São José, possìvelmente a última das grandes livrarias que conservam ainda a tradição do «sebo», indiferente às seduções fáceis do disco avulso, impregnou-se êle, totalmente, de tudo o que se refere a livros — e como era de esperar, acabou pegando a paixão da edição. A doença não é nova, e dos atacados ilustres, é costume citar-se o caso de José Olympio, também se convertendo em editor, depois de um longo trato com os livros.

Carlos Ribeiro tem editado pouco e tem editado bem. Não se aventura, não é afoito, conhece o terreno em que pisa. Da Quaresma herdou êle os «Poemas da Angústia Alheia», tradução de Gondim da Fonseca, que eu li no tempo em que havia um trecho de Claudel. Que, aliás, num tempo em que eu não sabia francês, muito me impressionou. Depois editou a «História do Brasil» de João Ribeiro e mais recentemente o «Mafuá do Malungo», de Manuel Band eira. Por êsses dias nos promete um ensaio de Lêdo Ivo sôbre a erótica na obra do autor de «Libertinagem». Como se vê, o editor está ativo. Esperemo-lo pois, um dia dêstes, numa grande livraria, com vitrines iluminadas e outros jantares ilustres. De acôrdo, Eneida? LÚCIO CARDOSO

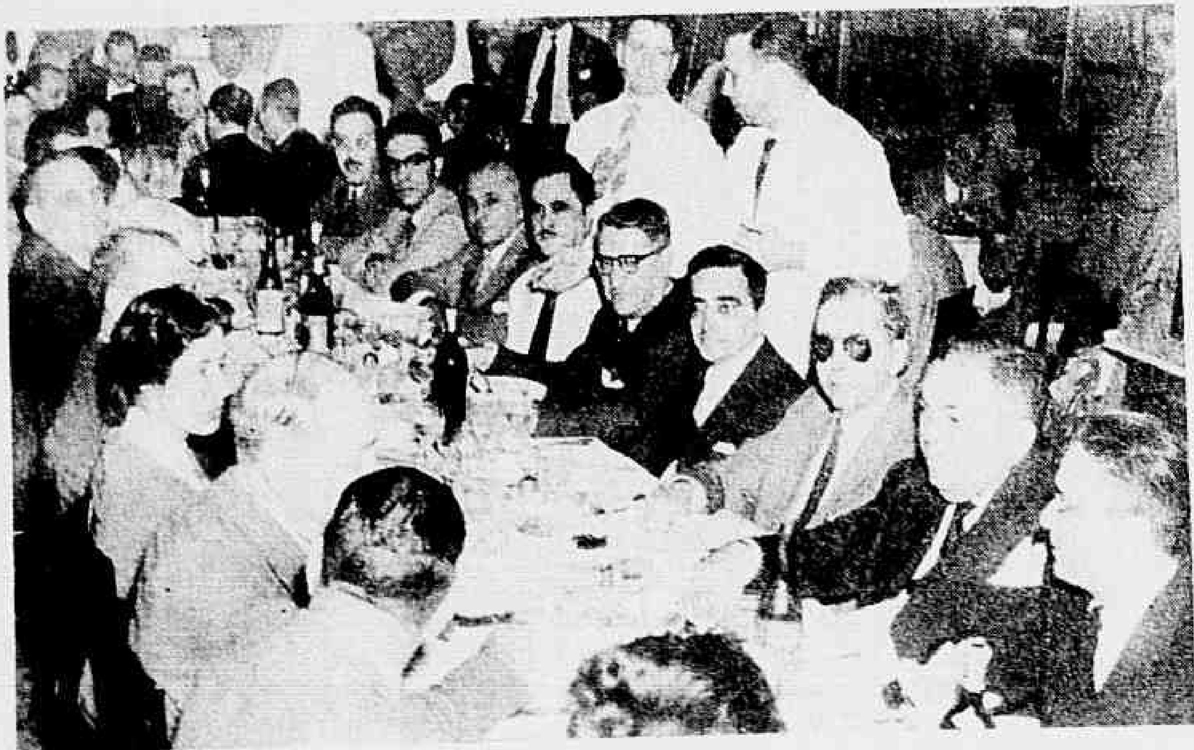
O QUE ÊLES DIZEM

● *Adalgisa Nery, nossa brilhante cronista, escreve com assiduidade sôbre política. Exemplo: "Só porque faço restrições ao seu comportamento de candidato você já me considera uma inimiga. Muitas vêzes lhe mandei dizer que gostaria de conversar com você e as insinuações que recebo são de ódio. Aninhou-se um certo rancor em seu coração difícil de ser rompido e êsse rancor já se estendeu aos seus amigos que também são meus amigos. Ah! Demagogia, demagogia!"*

● *Geir Campos aconselha Thiago de Mello: "Ousaríamos uma sugestão, esta: que depois da brincadeira (o sr. Thiago de Mello declarou-se, com justiça, um empinador de papagaios...) enquanto o barbante volta ao novêlo, pense êle também nos problemas sérios dos homens, individuais ou sociais que sejam, problemas a que nenhum poeta verdadeiro poderá fazer vista grossa e cuja solução vai-se tornando cada vez mais difícil arte".*



ALMÔÇO A ERNANI SATYRO — Pela publicação de seu romance de estréia, «O QUADRO NEGRO», amigos e admiradores de Ernani Sátyro ofereceram-lhe um almôço, do qual publicamos dois aspectos. Na foto acima, aparecem Artur Santos, o historiador Octávio Tarquínio de Souza, o homenageado, a senhorita Vera Maria Pereira, Nereu Ramos, o general Nelson de Mello, o romancista José Lins do Rego, o editor José Olympio, Geraldo Pereira, Moacyr de Almeida. Na foto abaixo, o jornalista Francisco de Assis Barbosa, Prudente de Morais Neto, Paulo Sarasate, Afonso Arinos de Mello Franco, Luis Jardim, Amando Fontes, Antonio Olavo Pereira, Athos Gabriel e Daniel J. Pereira. Como se vê, uma festa completa de congraçamento entre as letras e a política



NOTICIÁRIO

Está quase pronta a segunda edição da "Pequena Bibliografia Brasileira", da autoria de Otto Maria Carpeaux, que alcançou tão grande sucesso quando de sua aparição.

•

Três livros brasileiros são comentados com entusiasmo na Holanda: "Braz Cubas" de Machado de Assis, "Os sertões" de Euclides da Cunha e "Lições de Abismo" de Gustavo Corção.

•

Continua o movimento de vivo interêsse em tôrno do aparecimento de "Madrugada sem Deus", o grande romance de Mário Donato que encerrou brilhantemente o ano literário de 54. Mário Donato continua assim a tradição de sucesso dos seus livros anteriores.

•

"Ciranda de Pedra", de Ligia Fagundes Teles, que a "Editôra O Cruzeiro" acaba de lançar, é outro sucesso no momento.

•

Também da Editôra "O Cruzeiro" é o livro de estréia de Acioly Neto "A vida não é nossa" que apresenta um autor já consagrado no palco e que aqui aparece assinando algumas histórias extremamente agradáveis e de estilo perfeito.

•

A Livraria Martins, de São Paulo, acaba de lançar "Meridiano do Silêncio" de Idelma Faria. O volume é ilustrado pelos melhores artistas da terra: Aldemir Martins, Clovis Graciano, Myriam Gamba e Darcy Penteado.

•

Cassiano Ricardo anuncia uma alentada obra: "O tratado de Petrópolis", que será editado pelo Ministério das Relações Exteriores.

•

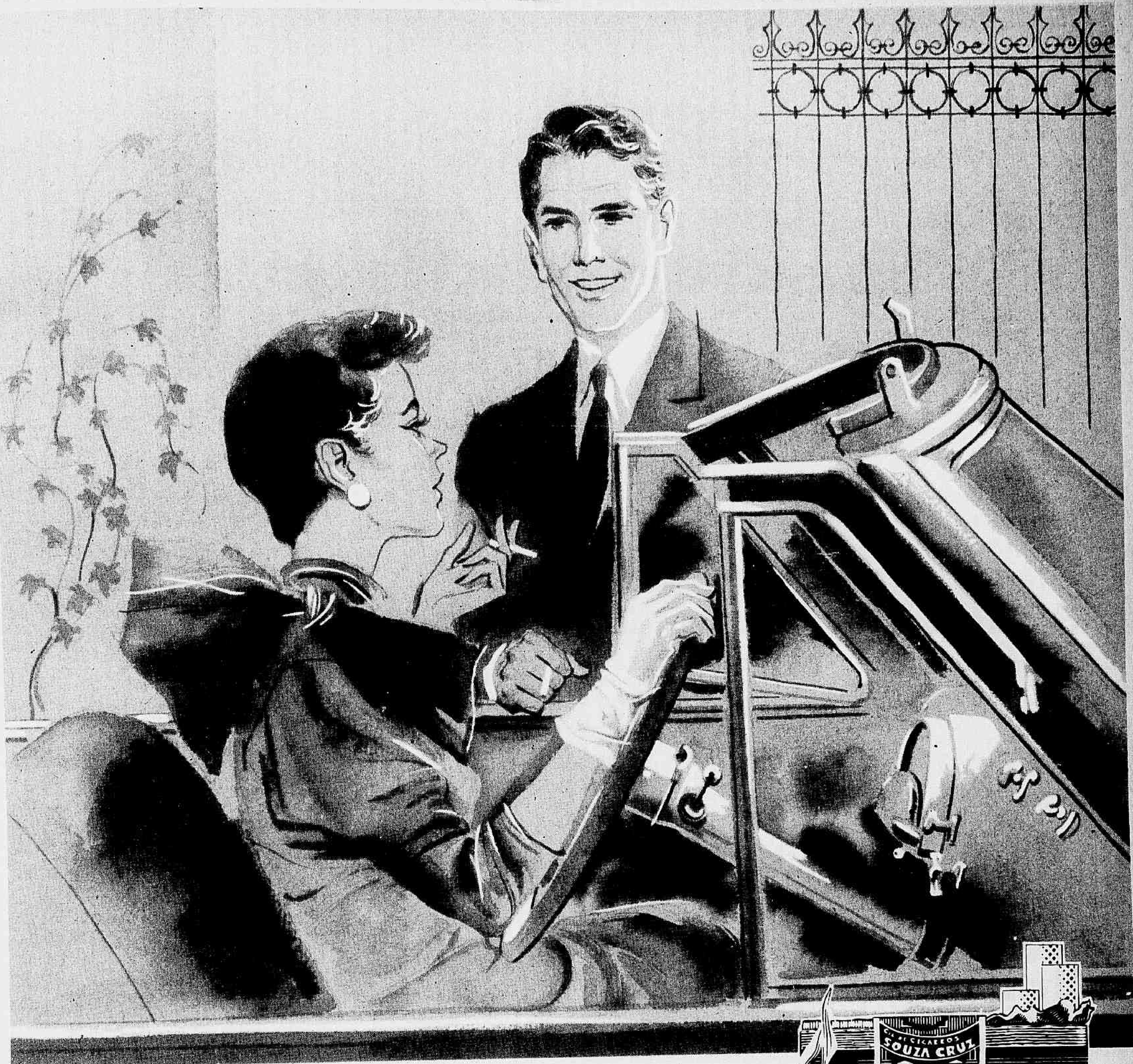
Uma nova tradução do "Hamlet" de Shakespeare: a de Péricles Eugênio da Silva Ramos, que aparecerá em volume ainda êste ano.

•

Um livro recém-chegado de Minas: "Fábula do Encontro", do jovem poeta Otávio de Mello Alvarenga.

•

Jorge Medauar, que já é autor bastante conhecido, retorna com novo livro de poesias: "Prelúdios, Noturnos e Tema de Amor". Após cinco anos de ausência, sua volta marca o reaparecimento de um dos bons valores de nossa poesia moderna.



Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...
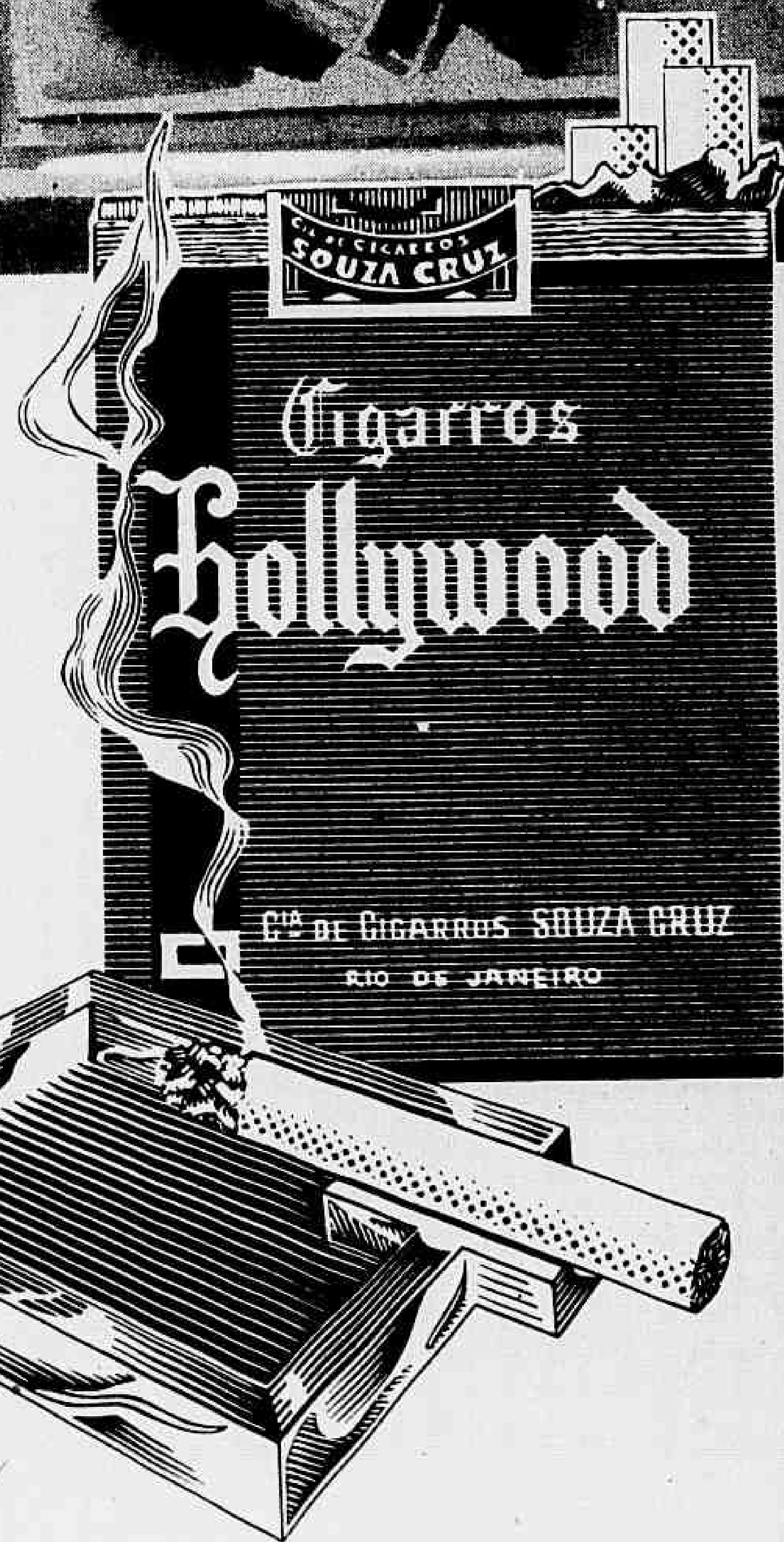
Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.288



JORGE GUINLE FALA DE



Bom cozinheiro, doutor em couve mineira, gosta de preparar os pratos de sua predileção

Quem gostaria de ser, se não fôsse Jorge Guinle — As seis pessoas escolhidas para um jantar — Jane Russel e John Wayne, os mais simpáticos — Observações sôbre os festivais de cinema

Entrevista de PETER

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Ping — Você é bom músico de «Be-bop»?

Pong — Nem de «be» nem de «bop».

Ping — Afinal, o que é o «be-bop»?

Pong — Nova forma de jazz, na qual se introduziram inovações polirrítmicas e harmônicas, conservando-se, porém, o ritmo isócromo de base e o tratamento «sui-generis» da matéria sonora, que, no jazz, se torna expressiva por si própria.

Ping — Quando você viaja tem a impressão de que o Brasil é um país de futuro?

Pong — Desde que comecei a viajar, os países visitados permaneceram os mesmos, para mim; no entanto, quando volto, sempre encontro um Brasil diferente.

Ping — Ficou satisfeito com o resultado de seu trabalho junto aos artistas de Hollywood para trazê-los ao nosso país?

Pong — Fiquei, porque acho que êles voltaram ótimos publicistas do Brasil.

Ping — Quais as mais simpáticas figuras internacionais que conheceu?

Pong — Elsie Mendl (falecida), Aly Khan, «Dizzy» Gillespie, Mervyn Le Roy, o Duque de Windsor e Jack Warner, entre outros.

Ping — Seria possível trazer ao Brasil uma boa orquestra de «Jazz»?

Pong — Sendo o «Jazz» música em que a improvisação coletiva é essencial, as melhores orquestras compõem-se de, no máximo, oito músicos. Por conseguinte, acho que, apesar do «dollar» estar a 80, seria possível mandar vir um conjunto.

Ping — Quais os dois artistas mais simpáticos de Hollywood?

Pong — Entre muitos, Jane Russell e John Wayne.

Ping — Qual a maior virtude e o pior defeito do cinema norte-americano?

Pong — Com notáveis exceções, o cinema norte-americano preocupa-se demasiadamente, com a forma e não tanto com o conteúdo.

Ping — Num jantar de seis pessoas, só para homens, quem convidaria?

Pong — Bertrand Russell, Jean Paul Sartre, Louis Amstrong, Frank Lloyd Wright, Orson Welles e Assis Chateaubriand.

Ping — Quem escolheria para técnico do selecionado brasileiro?

Pong — O preparador do selecionado húngaro.

Ping — Qual a carreira que você escolherá para seu filho?

Pong — Aquela para a qual êle demonstrar inclinação.

Ping — Se lhe incumbissem de formar uma orquestra de «Jazz», quem escolheria?

Pong — Queria que fôssem duas: uma tradicional, composta de Louis Amstrong, Omer Simeon, Kid Ory, Don Ewel e Baby Dodds; outra, moderna, com Miles Davis, Chas Parker, Bud Powell, Art Blakey e Chas Mingus.

Ping — Que acha dos festivais de cinema?

Pong — Estão por demais burocratizados, presos às injunções políticas que impedem um julgamento objetivo dos filmes apresentados. Como propaganda turística são, no entanto, muitíssimo úteis.

Ping — Se você tivesse que escolher 5 artistas para virem a um festival de cinema, que escolheria?

Pong — Tomando em conta a propaganda turística, escolheria Marilyn Monroe, Lollobrigida, Audrey Hepburn, Gregory Peck e Greta Garbo.

Ping — Qual o seu prato preferido?

Pong — Feijão com arroz, farofa, linguiça e couve à mineira.

Ping — Se tivesse que ser outra pessoa, quem gostaria de ser?

Pong — Um mito de Martim Heidegger, Sidney Bechet, Van Gogh e Howard Hughes; estaria mais do que satisfeito.

Ping — Em que época gostaria de ter nascido?

Pong — Quinze anos antes, isto é, 1901.

Ping — Qual é o melhor disco de «Jazz»?

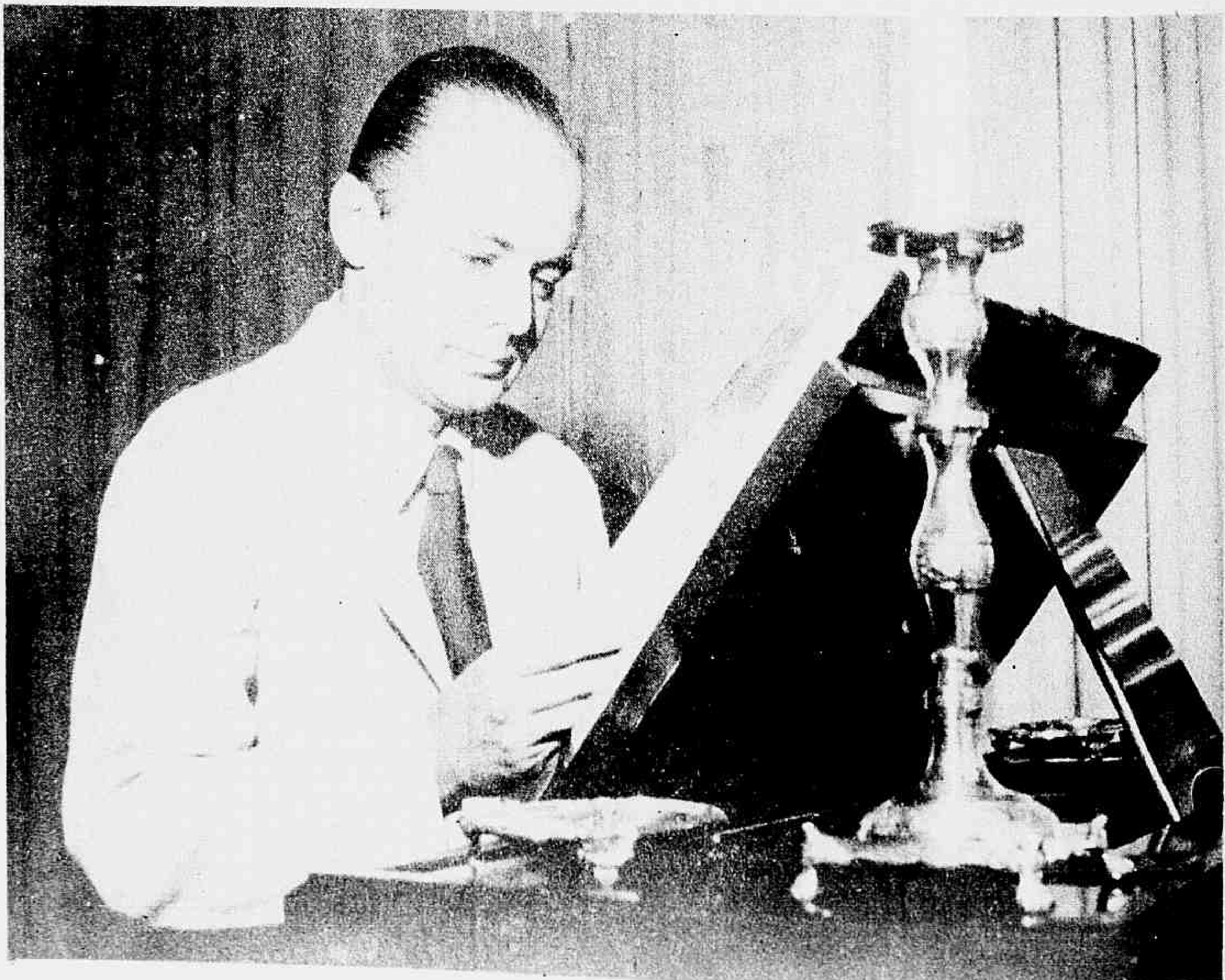
Pong — Entre centenas, citaria o: «Empty Bed Blues», por Bessie Smith.

Ping — Na sua opinião, quais são os maiores vultos da humanidade?

Pong — Platão, Buddy Bolden, o criador do «Jazz», Shakespeare, minha mulher Dolores Guinle, o meu pintor favorito Van Gogh e o inventor Santos Dumont.

Ping — Quais são as coisas que mais detesta?

Pong — A intolerância, o dogmatismo e os lugares comuns que são empregados nas polêmicas políticas.



ARTISTAS, "JAZZ" E COUVE À MINEIRA



Música de «jazz» é o seu grande «hobby». Sua coleção de discos é fabulosa, torna-se difícil escolher o melhor.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



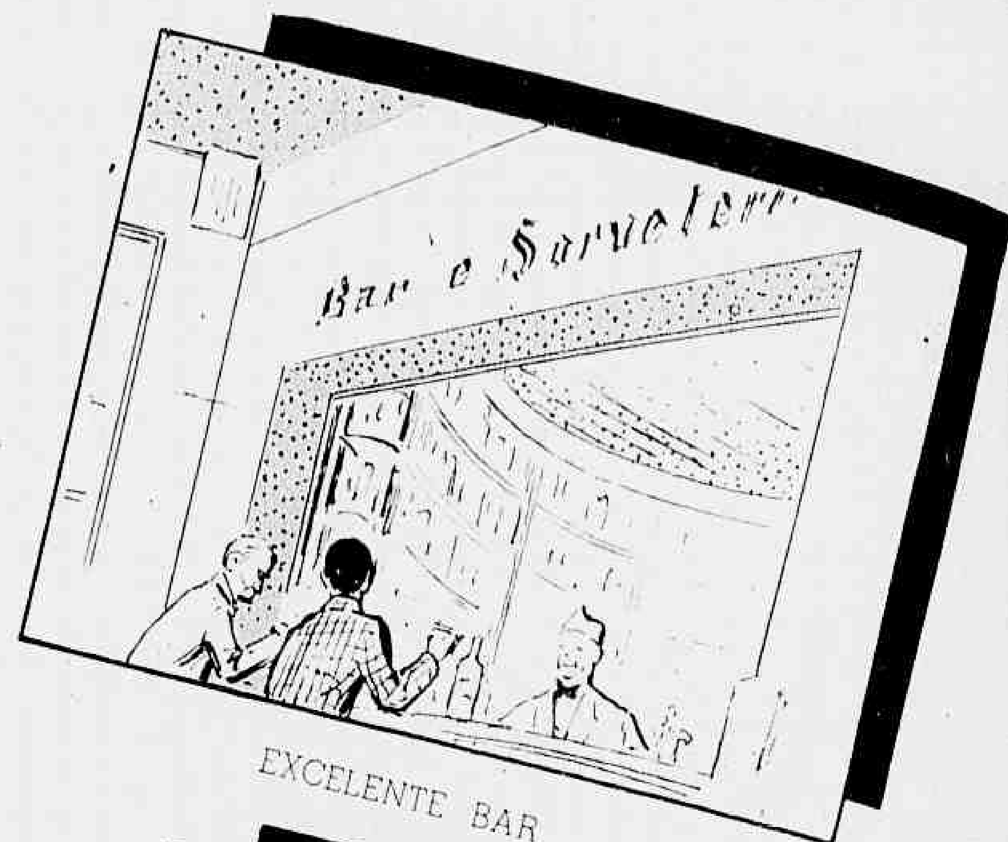
COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO.



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

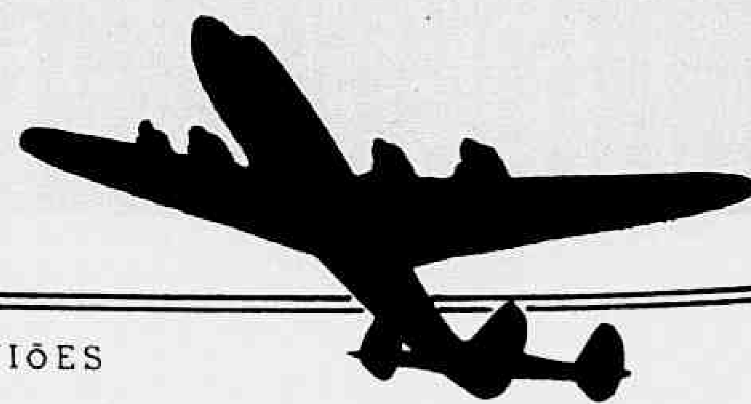




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas via São Paulo.

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

FÁTIMA REVELAÇÃO DOS TRÊS PASTÔRES

(Continuação)

— Donde é que ela vem? Das bandas do nascente?

— Não sei, não a vejo vir de parte alguma; aparece sôbre a azinheira quando se retira é que toma a direção do ponto do céu em que nasce o sol.

— Quanto tempo se demora? Muito ou pouco?

— Pouco tempo.

— O suficiente para se recitar um padre-nosso e uma ave-maria, ou mais?

— Mais, bastante mais, mas nem sempre o mesmo tempo; talvez não chegue para rezar o têrço.

— Da primeira vez que a viste, não ficaste assustada?

— Fiquei, e tanto assim que quis fugir com a Jacinta e o Francisco, mas ela disse-nos que não tivéssemos mêdo, porque não nos faria mal.

— Como é que está vestida?

— Tem um vestido branco que desce quase aos pés, e cobre-lhe a cabeça um manto da mesma côr e do mesmo comprimento que o vestido.

— O vestido não tem enfeites?

— Vêem-se nêle, na frente, dois cordões doirados, que descem do pescoço e se reúnem por uma borla, também doirada, à altura do meio do corpo.

— Tem algum cinto ou alguma fita?

— Não tem.

— Usa brincos nas orelhas?

— Usa umas argolas pequenas.

— Qual das mãos segura as contas?

— A mão direita.

— Eram um têrço ou um rosário?

— Não reparei bem.

— Terminavam por uma cruz?

— Terminavam por uma cruz branca, sendo as contas também brancas. A cadeia era igualmente branca.

— Perguntaste-lhe alguma vez quem era?

— Perguntei, mas declarou que só o diria a 13 de outubro.

— Não perguntaste donde vinha?

— Perguntei donde era e ela respondeu-me que era do Céu.

— E quando foi que lhe fizeste essa pergunta?

— Da segunda vez, a 13 de junho.

— Sorriu-te alguma vez ou mostrou-se triste?

— Nunca sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria.

— Recomendou-te, e aos teus primos, que rezassem algumas orações?

— Recomendou-nos que rezássemos o têrço em honra de Nossa Senhora do Rosário, a fim de se alcançar a paz para o mundo.

— Mostrou desejos de que no dia 13 de cada mês estivessem presentes muitas pessoas durante a aparição na Cova da Iria?

— Não disse nada sôbre êsse assunto.

— E' certo que te revelou um segrêdo, proibindo que o descobrisses a quem quer que fôsse?

— E' certo.

— Diz respeito só a ti ou também aos teus companheiros?

— A todos três.

— Não o podes manifestar ao menos ao teu confessor?

A esta pergunta guardou silêncio, parecendo um tanto enleada, e julguei não dever insistir repetindo a pergunta.

— Consta que, para te veres livre das importunações do senhor administrador no dia em que fôste prêsa, lhe contaste, como se fôsse o segrêdo, uma coisa que não o era, enganando-o assim e gabando-te depois de lhe teres pregado essa partida: é verdade?

— Não é; o senhor administrador quis realmente que eu lhe revelasse o segrêdo, mas, como o não podia dizer a ninguém, não lho disse, apesar de ter insistido muito comigo para que lhe fizesse a vontade. O que fiz, foi contar tudo o que a Senhora me disse, exceto o segrêdo, e talvez por êste motivo o senhor administrador ficasse julgando que eu lhe tinha revelado também o segrêdo. Não o quis enganar.

— A Senhora mandou-te aprender a ler?

— Mandou, sim, da segunda vez que apareceu.

— Mas, se ela disse que te levaria para o Céu no mês de outubro próximo, para que te serviria aprenderes a ler?

— Isso não é verdade; a Senhora nunca disse que me levaria para o Céu em outubro e eu nunca afirmei que Ele me tivesse dito tal coisa.

— Que declarou a Senhora que se devia fazer ao dinheiro depositado pelo povo ao pé da azinheira na Cova da Iria?

— Disse que o devíamos colocar em dois andores, levando eu, a Jacinta e mais duas meninas um dêles, e o Francisco, com mais três rapazes, o outro, para a igreja da freguesia. Parte dêsse dinheiro seria destinado ao culto a festa da Senhora do Rosário e a outra parte para a ajuda duma capela nova.

— Onde quer a Senhora que se edifique a capela? Na Cova da Iria?

— Não sei; ela não disse.

— Estás muito contente por Nossa Senhora te ter aparecido?

— Estou.

— No dia 13 de outubro Nossa Senhora virá só?

Vem também São José com o menino e pouco tempo depois será concedida a paz ao mundo.

— Nossa Senhora fêz mais alguma revelação?

— Declarou que no dia 13 de outubro fará um milagre, para que todo o povo acredite que ela realmente aparece.

— Por que razão não raro baixas os olhos, deixando de fitar a Senhora?

— E' que ela às vêzes cega.

— Ensinou-te alguma oração?

— Ensinou e quer que a recitemos depois de cada mistério do rosário.

— Sabes de cor esta oração?

— Sei.

— Dize lá...

— «O' meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas».

(Continua no próximo número)





VISÃO PANORÂMICA DE COPACABANA DESTACANDO-SE, NO CÍRCULO, A PRAIA DO ARPOADOR, QUE PRETENDEM TRANSFORMAR EM PORTA

O que vamos relatar representa um autêntico sonho das mil e uma noites, pois é difícil crer que possa acontecer no Brasil, esta terra fértil e promissora, que tão pouco tem sido aproveitada pelos brasileiros. Apesar de tudo o que os nossos diversos governos têm feito, ùltimamente, nossa pátria continua a ser um gigante adormecido. Mas, comecemos a sonhar, pois é bem possível que êste sonho corresponda à realidade, numa época não muito distante, para gaudio e suprema satisfação de todos nós.

Em fins de 1953, o govêrno federal encaminhou ao Congresso um projeto de lei relativo a novas medidas que visassem o desenvolvimento do turismo no Brasil. Constava do referido projeto que seriam despendidos, no primeiro triênio da vigência da lei, para aquela finalidade, **pelo menos, 250 milhões de cruzeiros**, em conformidade com as discriminações orçamentárias para cada exercício.

Ao ter conhecimento de tal iniciativa, o Touring Club do Brasil, especialmente o Dr. Chagas Dória, Secretário Geral da organização, idealizou a criação de um cento balneário e turístico, em Copacabana (que aqui designaremos pelas iniciais C.B.T.C.), no intuito de dotar o Rio de Janeiro de um centro de turismo e diversões realmente condizente com a sua denominação de «Cidade Maravilhosa». Os estudos realizados pelo Touring, tendo a colaboração do arquiteto Darcy Alfredo Mitczuk, visavam ainda proporcionar magníficos rendimentos ao país, mediante a obtenção de dólares, a moeda que domina o mercado internacional.

Desta forma, em maio de 1954, foi enviado um memorial ao então Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, assinalando as vantagens de tal realização e explicando minuciosamente como poderia ser feita a construção da gigantesca obra, além de apresentar a distribuição dos diversos pavilhões e prédios que comporiam o C.B.T.C.

Ante as grandes possibilidades que oferecia tal projeto, todos aquêles que dêle tiveram conhecimento, examinando os planos e detalhes do mesmo, não deixaram de reconhecer que êle representa justamente o que falta ao Rio de Janeiro, para se tornar o principal centro de atração turística do mundo. Assim, começou o trabalho do Sr. Chagas Dória, em obter o voto das principais figuras administrativas do país e do Distrito Federal, pois que o ousado plano incluía os terrenos ocupados pelo Exército, e os que seriam destinados à Marinha, junto ao Arpoador.

Aa par disso, as principais organizações que lidam com o trânsito de passageiros internacionais mostraram-se entusiasmadas com o arrojado plano e enviaram um memorial ao Touring, cujo «fac-simile» apresentamos nestas páginas. Os arquitetos do Rio, também, não



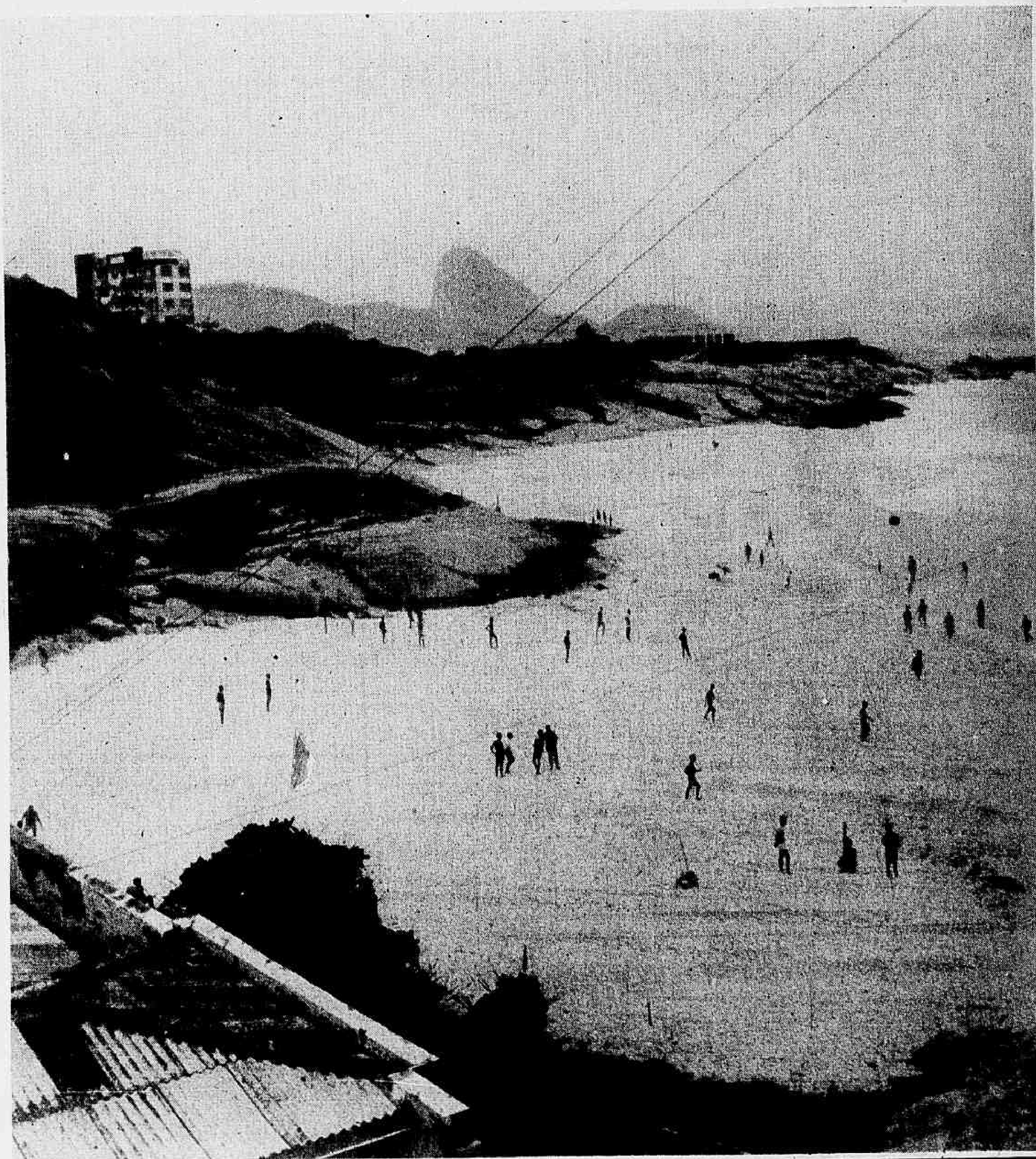
ARPOADOR

PORTA DE OURO DO TURISMO NACIONAL

OITENTA MIL METROS QUADRADOS DE MARAVILHAS NATURAIS E ARTIFICIAIS — RENDA: TRINTA MILHÕES DE DÓLARES ANUAIS — O CARIOCA, O PRINCIPAL BENEFICIADO — ADESÃO DOS ARQUITETOS E DAS CIAS. DE TURISMO

Reportagem de SAMUEL ALVERBACH

Fotos de ALBERTO FERREIRA



A praia do Pinto também será aproveitada pela iniciativa do Touring Clube do Brasil

DE OURO DO FUTURO TURISMO NACIONAL.

deixaram de demonstrar a sua admiração pelo projeto, enviando outro memorial, àquela organização turística.

Dentre as muitas pessoas e altos funcionários federais e municipais que se mostraram encantados com o plano, podemos citar o atual Presidente da República, Sr. João Café Filho, o Prefeito Alim Pedro, o Dr. Alfredo Pessoa, diretor do Departamento de Turismo, o Sr. Levy Neves, Presidente da Câmara Municipal, o General Canrobert Pereira da Costa, o General Juarez Távora, o Ministro da Marinha, Almirante Waldemar Mota, o Ministro da Guerra.

Após alguns meses de «démarches» a respeito da cessão dos terrenos que seriam necessários à execução da vultosa obra, o Touring conseguiu a liberação dos mesmos, mediante permutas que seriam efetuadas entre a Prefeitura, Marinha e Exército.

Mas, nesse ínterim, começaram as críticas a respeito, e uma onda de protestos foi levan-

Arpoador



Com praias como essas, e com tanta beleza natural, o Brasil se tornará o mais importante centro de turismo da América e passará a ter divisas fortes.



tada, inclusive por elementos da imprensa, uma vez que se julgava ter a obra, como principal objetivo, **tomar** a praia do Arpoador e parte da de Copacabana ao público, que delas fizera o seu recanto adorado, nos fins de semana.

Julgamos pois oportuno ouvir o próprio secretário do Touring, para que nos esclarecesse, e aos nossos leitores, definitivamente, sôbre o que ocorrerá realmente com as referidas praias, uma vez iniciada a construção do balneário. E êle informou:

— O plano do Centro não cogita, de maneira alguma, do fechamento da praia do Arpoador ou de restrições ao seu gôzo por parte do público; ao contrário, visa realçar a beleza daquele local, assegurando aos seus freqüentadores maior confôrto e segurança. O plano que apresentamos é um estudo preliminar, sujeito a modificações, inclusive na parte arquitetônica. E' fora de dúvida que êsse empreendimento é de interêsse da cidade e, também, do país, pois contribuirá para uma grande propaganda do Brasil e fortalecimento da sua economia, com o advento de um novo fluxo de divisas fortes. A obra será, por conseguinte, vantajosa para os próprios cariocas, especialmente os que residem em locais distantes da zona sul e que poderão passar um dia inteiro na praia, trocando de roupa à vontade, nas cabinas do balneário.

* * *

ANTEVISÃO DO C.B.T.C.

A monumental obra deverá ocupar a praia e o pontal do Arpoador, os terrenos do govêrno federal ao nível do mar e na elevação ali existente, até as proximidades da entrada do Forte de Copacabana. Os terrenos e praias seriam ainda acrescidos de outras áreas de particulares, a desapropriar. O plano de construções compreende:

— Um estabelecimento hoteleiro com capacidade para 1.550 leitos, erguido em quatro blocos interligados.

— Uma série de pequenas construções: auditório, teatro, teatro de bôlso, cine-teatro, coletivos (capacidade de 30 leitos para homens, e de 20 leitos, para mulheres), destinado ao turismo universitário.

— Agências bancárias e de câmbio, delegacia especial de polícia, «bureau» de propaganda e assistência turística do Touring.

— Uma galeria oceânica elevada (sôbre pilotis), envidraçada, numa extensão de 500 metros, **com terreno utilizável pelo público,** ligando, pela orla do mar, o núcleo social do Centro à estação marítima, comportando no seu interior: lojas para venda de artigos turísticos, restaurantes com culinária típica, escritório de propaganda econômica do Brasil, com exposições correspondentes; aquário e viveiro de pássaros e pequenos animais silvestres; estufa de plantas ornamentais; cabinas telefônicas, instalações de «toilette».

O Balneário disporá de uma estação marítima com serviço de lanchas e embarcações para excursões e pesca, situada em Copaca-

Os signatários do presente - certos de que tôdas as providências serão tomadas para a realização de uma grande obra arquitetural e urbanística - manifestam o seu aplauso à iniciativa da criação do CENTRO BALNEÁRIO E TURÍSTICO DE COPACABANA, considerando-o empreendimento de alta relevância, pelos seus aspectos de ordem econômica, política e social.

As extraordinárias condições do local escolhido e o programa organizado, prestam-se à elaboração de um projeto arquitetônico de interêsse excepcional, permitindo prever-se plena consecução dos objetivos visados.

Iniciativa tão oportuna - que, se malograsse, representaria para esta Capital perda irreparável - resultará, ao mesmo tempo, num expressivo monumento do grau de cultura do povo brasileiro, e, como fonte copiosa de divisas fortes, um valioso fator de enriquecimento do País.

Rio de Janeiro, D.F., 27 de outubro de 1954.

«Fac-similes» dos memoriais enviados **pelos** principais arquitetos do Distrito Federal e **pelas**

bana. O morro, o pontal e a praia serão transformados em parque e jardim, e a iluminação local será convenientemente dirigida, de modo a realçar a beleza natural e artificial do Centro. Haverá ainda instalações para fisioterapia e serviço médico, à disposição dos banhistas.

* * *

CUSTO E RECEITA PROVÁVEL DA OBRA

O C.B.T.C. integrará o patrimônio da União. O custeio das obras será de 400 milhões de cruzeiros, executadas em 4 anos, e será atendido mediante dotações no orçamento federal, no valor de 50 milhões de cruzeiros para cada um dos quatro exercícios, e dotações da Prefeitura e da Caixa Econômica Federal, cada uma delas contribuindo com 25 milhões de cruzeiros para cada exercício.

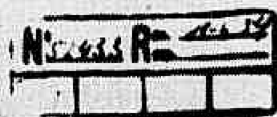
A renda líquida apurada pelo Centro reverterá para a Artilharia de Costa, destinada ao reaparelhamento de suas instalações no Distrito Federal.

A receita provável do Centro está calculada da seguinte forma: 16.200.000 dólares anuais por turistas ali hospedados; 8.100.000 dólares anuais por gastos feitos por êsses turistas, em visita a outros centros do país; 5.400.000 dólares, como valor dos investimentos em conseqüência da propaganda junto aos turistas (calculando-se que 1 em cada 1.000 invertam, em média, 100 mil dólares, em negócios no Brasil); 29.700.000 dólares anuais será o total apurado pelo C.B.T.C.

ORGANOGRAMA GERAL

A área total ocupada pelo Centro será de 81.200 metros quadrados, assim distribuídos:

10.200 m2 — área de terreno ocupada pelos edifícios.
70.000 m2 — área do parque.
1 000 m2 — área da praia.



Rio de Janeiro, 20 de maio de 1954.

Ilmo. Sr.
Ten. Cel. [illegible]
M.D. Presidente em exercício do TOURING CLUB DO BRASIL.

Temos a satisfação de manifestar a Vossas Senhorias nossos vivos aplausos à sugestão no sentido de ser criado, pelo Govêrno Federal Brasileiro, o Centro Balneário e Turístico de Copacabana, empreendimento que, no plano do turismo internacional para o Brasil, pode ser considerado como fundamental.

A estimativa de 23 milhões e 300 mil dólares anuais, como resultado provável da criação do Centro, na balança de pagamentos do País, está elaborada em bases objetivas e poderá ser, mesmo, fàcilmente excedida.

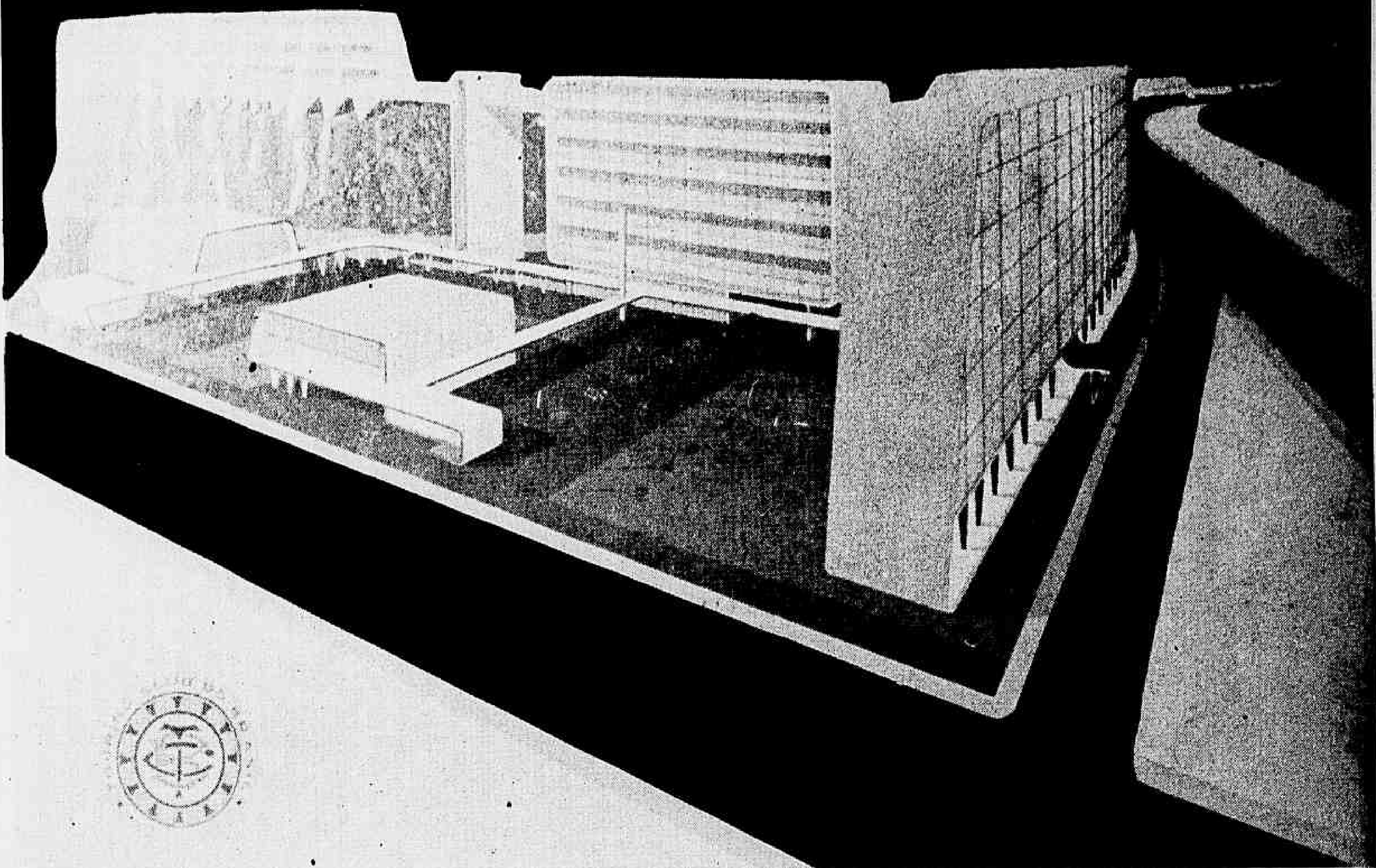
Com o Centro Balneário e Turístico de Copacabana, terá o Govêrno assegurado ao Brasil, não só um poderoso fator de engrandecimento econômico, como de propaganda, do maior alcance, pela variedade e extensão do programa elaborado, sem símile em outra parte do Mundo.

Será o aproveitamento, inteligente e feliz, da beleza e dos atrativos da incomparável Copacabana, para o desenvolvimento e progresso dêste grande País.

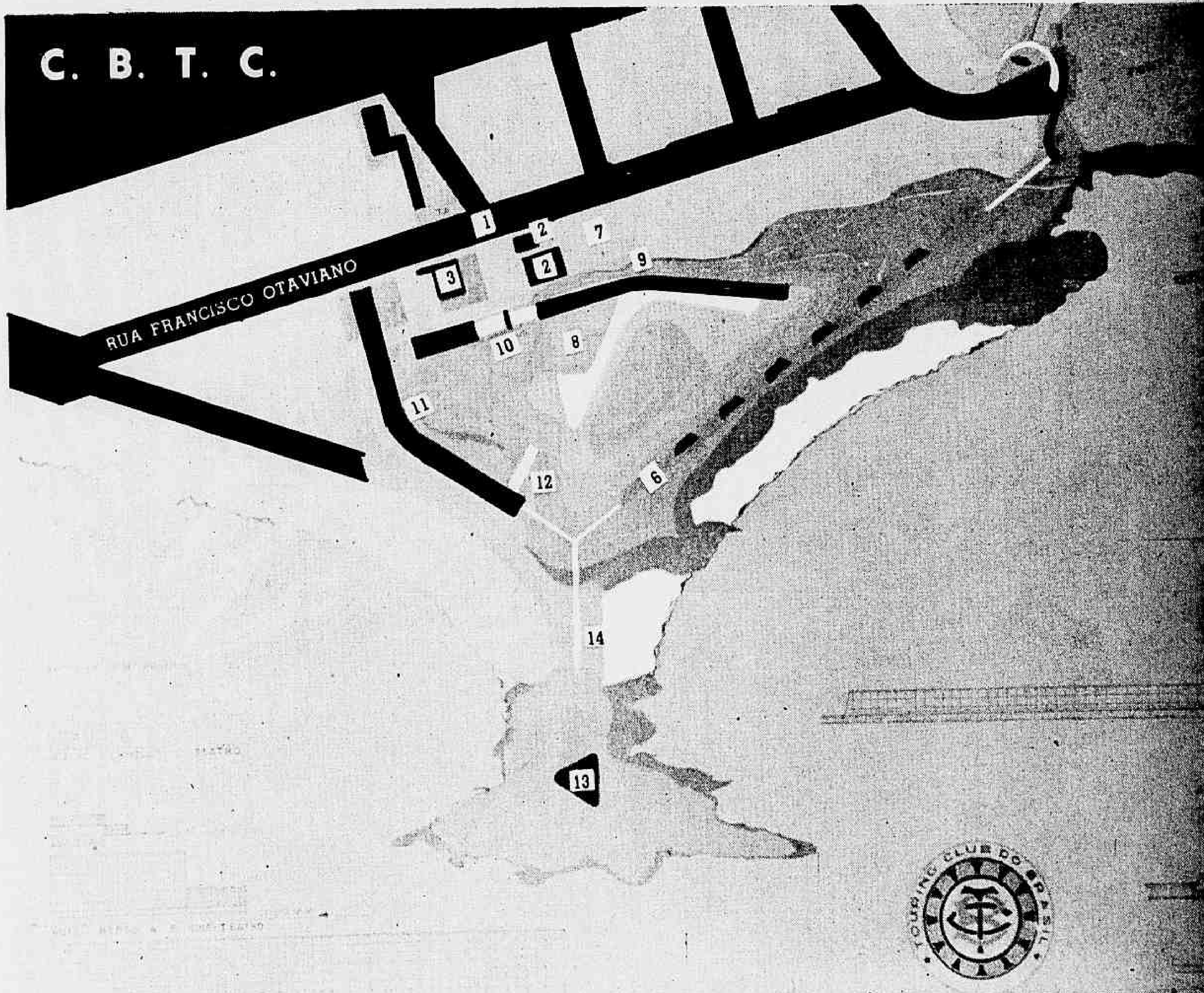
Queiram Vossas Senhorias aceitar a expressão da nossa estima e da nossa mui distinta consideração.

BRANIFF AIRWAYS INC.
Charles S. South
Representante Geral
no Brasil

companhias de turismo que se interessam pelo desenvolvimento da Cidade Maravilhosa.



Maquette do conjunto arquitetônico projetado pelo Touring Clube do Brasil para ser construído na Praia do Arpoador, em Copacabana.



Planta do que será o futuro Centro Brasileiro de Turismo, destacando-se os seguintes pontos: 1 — passagem sob a rua Francisco Otaviano, ligando o hotel (bloco A) e o cine-teatro aos demais elementos do conjunto; 2 — o teatro maior e o de bôlso; 3 — auditório; 6 — galeria oceânica; 7 — estacionamento para automóveis e garagem subterrânea; 8 — piscina; 9 — hotel; 10 — tôrre de elevadores; 11 — hotel; 12 — rampa elevada; 13 — restaurante e boite do Pontal; 14 — estação marítima.



Adorei milhões!



Morou?



Tem paciência, essa não!



São de fritar bolinhos...



Depois eu conto!



Pronto, "seu" sarja!

CARMEM MIRANDA RECOLHE NOVAS GÍRIAS CARIOCAS PARA HOLLYWOOD



Tem nêgo bêbo aí!



É a vovozinha!



P'ra mamãe, chegou!



Eu quero é me badalar!



Depois mamãe resolve!



Essa encheu!

NADA mais triste do que encontrar brasileiros em outros países, que procuram mostrar o seu interêsse pelas nossas coisas, recordando frases feitas, têrmos de gíria e anedotas já arquivadas, de quando viviam ao nosso lado. Em Nova York há um cidadão pernambucano do princípio do século e de quem ouvimos esta belezinha: — "Tá bom deixa, quando papai vier mamãe faz queixa..." Em Chicago, outro patrício, êsse de São Paulo, era o primeiro a rir desopiladamente quando repetia esta gracinha: — "Êta, ferro, nunca vi tanto aço!"

Para usar de franqueza, diga-se que desde quando foi para os EE. UU., Carmem sempre ficou em dia com a gíria carioca. Através das revistas, da correspondência com os amigos e das assíduas visitas que recebe, em Hollywood, da gente brasileira, Carmem sabe o que se diz e o que já foi arquivado na terminologia pitoresca do Rio.

E agora, para reforçar o vocabulário, veio ela mesma, em pessoa, recolher um manancial que saberá utilizar quando de volta ao cinema e ao rádio norte-americanos. Aqui estão algumas frases que ela vem de incluir ao seu vocabulário, depois de seus assíduos contactos com a gente bem e às vêzes mal (humorada).

O CAJU AMIGO É NOSSO, É NOSSO, É NOSSO...

● CAJU AMIGO — Em nome de todos os paus-de-arara desta cidade protesto contra o uso do «caju amigo» pela gente de bem. Isso é coisa nossa, criação de gente boa do Nordeste e importada pelos flagelados cariocas. Das 700 mil maneiras de se beber cachaça, misturada com caju representa a nona maravilha, porque a oitava é xamêgo em rêde... Agora vejo que o nosso humilde e leal «caju amigo» está trocando a camisa de algodãozinho e a simplicidade dos botecos de sétima classe pela gravata preta e o escurinho bem pago das boites. Assim não pode ser. Nós, gente boa, estamos sempre explorados. Por uma questão de capricho de classe não bebemos whisky nem champanhotas. Nosso copo de resistência era o «caju amigo». Agora a gente boa adere ao cajuzinho, arrebata o pobre coitado da guela dos seus legítimos donos.

Isso não pode ficar assim. Precisamos protestar, precisamos organizar um movimento para reparar essa deslealdade. Que vamos beber agora se a gente boa está bebendo tudo? Precisamos descobrir outra fórmula e conservá-la em segrêdo, sob o contrôle de uma Comissão de Energia Alcoólica.

"BLACK BEER"

Barão de Bangu

CASAMENTO À FANTASIA — Na residência de verão do Senhor e Senhora Malaquias Boa Pinta, no Morro do Pinto, realizou-se (esqueci de escrever «aconteceu») uma animada festa à fantasia, havendo uma brincadeira muito original e muito inocente que todos toparam com grandes aplausos. Cada qual se «casaria» com a dama cuja fantasia formasse par. No fim, deu tudo certinho, porque o «Rosadinho», de Madureira, foi fantasiado de Colombina... Por hoje é só. Vou fugir do Carnaval em minha casa de campo de Itaguaí, que está com duas fôlhas de zinco novinhas.



ESTA É A DAMA DE ROXO

Num absoluto furo de reportagem de meu correspondente na Pavuna, êste colunista pode respirar aliviado porque já descobriu quem é a Dama de Roxo. Agora está identificada e revelada aos meus admiradores quem é a criatura que durante tanto tempo me perseguia...

ÊLES QUEREM É MOVIMENTO

O senhor e senhora J. Marques chegaram quinta-feira da Pavuna e foram passar o fim de semana na raiz da serra.

★

Fugindo do Carnaval o senhor Joãozinho Gomalina (um dos dez mais...) foi para sua casa de campo nas montanhas da Mangueira Estação Primeira.

★

A senhorita Joaninha Silva (uma das 10 Cabrochas Mais Distintas desta Praça) já deixou o emprêgo de cozinheira em Copacabana. Está em disponibilidade para o Carnaval, não pode desonrar o pôsto de porta-estandarte das "Caprichosas de Braz de Pina".

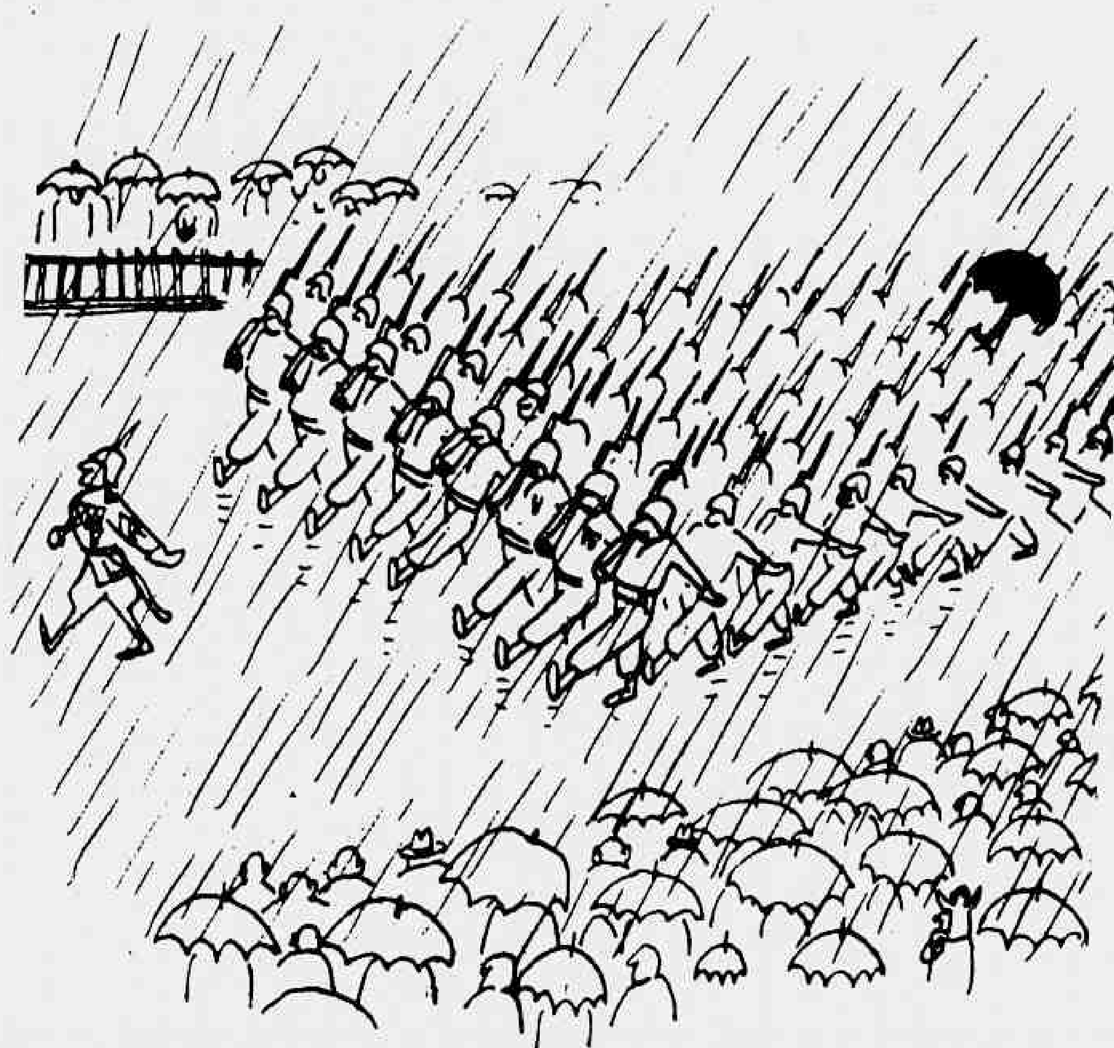
★

O senhor Chico Cabeção, presidente da Escola de Samba "Remexe Mulata" vai conceder ao Barão de Bangu uma sensacional entrevista sôbre a degeneração do "Caju Amigo". Para firmar os pontos básicos das declarações do conceituado cidadão vai reunir-se logo depois do Carnaval o Conselho Deliberativo da referida Escola. Depois eu publico o negócio.

OS OLIVEIRA RECEBEM

Num baile à fantasia sem máscara porque todos são mascarados o ano inteiro, o Senhor e Senhora Manuel Oliveira receberam sábado passado os seus amigos para uma farrinha íntima em que houve muita alegria, num ambiente esquentado e de camaradagens violentas. Muita fartura, cêrca de 20 sanduíches, 14 cachorros-quente, 400 litros de timbuca (a tal que torna o caju amigo) 20 dúzias de cerveja preta e outras raridades.

A FRASE DA SEMANA: — Como não tenho pijama listado para rasgar, sem querer, rasguei um exemplar da revista «Raio Mazagão".





A chuva no RISO DOS OUTROS





Flagrante da cerimônia, quando o Prefeito Alim Pedro proferia o discurso inaugurando a placa.



Um contingente da Aeronáutica participou da cerimônia numa homenagem à memória do Major Vaz.

Vibrante de civismo a solenidade inaugural

INAUGURADA A RUA MAJOR RUBENS VAZ

COM a presença do Prefeito do Distrito Federal, dos três ministros militares, senadores e deputados, oficiais das fôrças de terra, mar e ar e inúmeras pessoas de tôdas as camadas sociais, realizou-se a cerimônia de inauguração da placa da Rua Major Rubens Vaz, antiga 12 de Maio, no Jardim Botânico. Muito emocionada ao lado dos seus três filhos, a sra. Lígia de Figueiredo Vaz, viúva do homenageado, descerrou ao som do Hino Nacional o pavilhão que cobria a placa com o nome de Rubens Vaz.

PALAVRAS DO PREFEITO

Falando na ocasião o Prefeito Alim Pedro, entre outras coisas, afirmou: «Os filhos do major Vaz, ao lado da natural mágoa dos que sofrem uma irreparável perda, terão no nome desta rua o confôrto permanente e o orgulho legítimo da reverência cidade àquele que tão moço nela tombou. E o bronze desta placa será sempre um comovido toque de silêncio pela memória do bravo, leal e dedicado major».

FALAM OS REPRESENTANTES MILITARES

Falaram, a seguir, representantes dos clubes de Aeronáutica, Militar e Naval, respectivamente, coronel Adil de Oliveira, major Adolfo Rocha Dieguez e capitão de corveta, Paulo de Castro Moreira da Silva, todos ressaltando as qualidades cívicas e militares de Rubens Vaz e salientando a significação do seu sacrifício para os destinos da Democracia no Brasil.

A PALAVRA DE CARLOS LACERDA

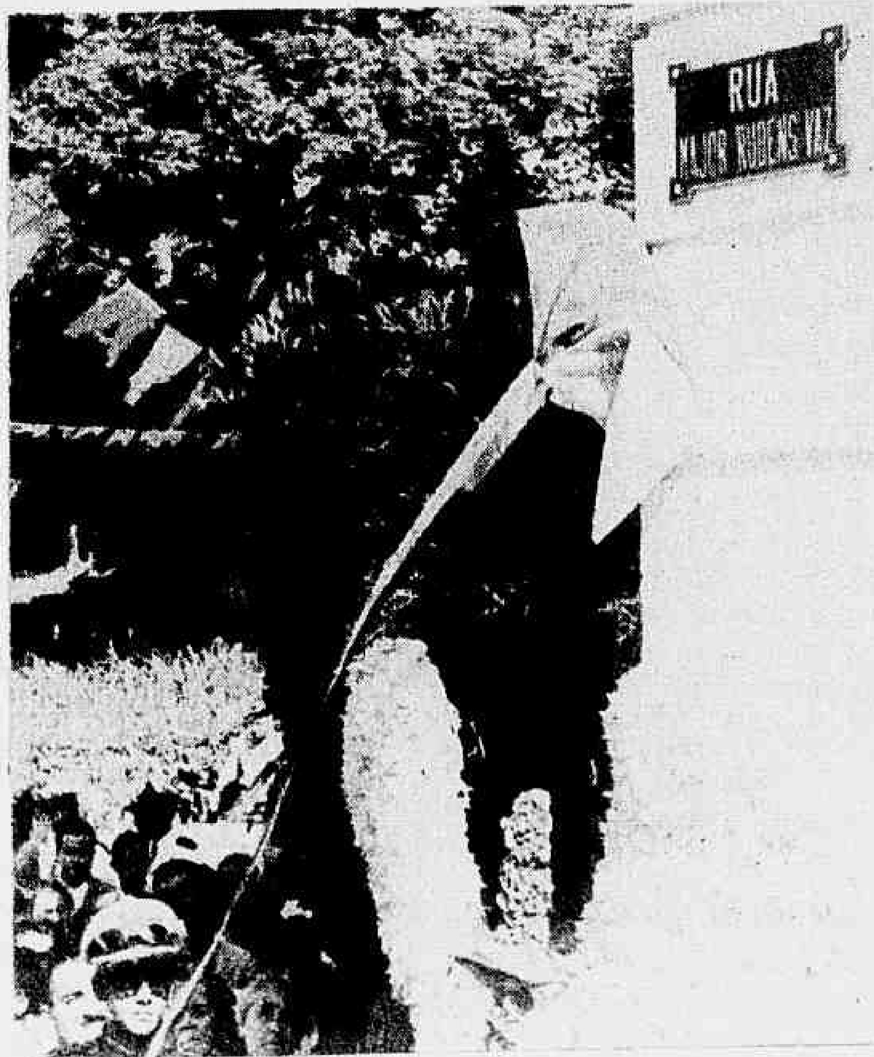
Seguiu-se a palavra do deputado Carlos Lacerda, que ressaltou o idealismo do Major Vaz, acentuando a certa altura: «O que nos animava, o que nos aproximou, o que deu razão à jornada que juntos passamos e, ainda hoje, há seis meses apenas, daquela madrugada, aqui nos reúne, foi o sentimento de que a Democracia no Brasil era e é ainda uma contrafação, pretexto dos fortes para devorarem os fracos, razão do lôbo, escusa de desordem dirigida, campo em que a cobiça semeia a fraude e colhe os frutos de um poder maldito».

ORAÇÃO DE OTÁVIO MANGABEIRA

Finalmente, falou o deputado Otávio Mangabeira fazendo uma breve análise da situação política nacional, tendo oportunidade de afirmar: «Não quero que nem de longe se suspeite venha eu tomar proveito dessa cerimônia de tanta grandeza cívica para fazer política. A situação nacional me tem atormentado de tal maneira que evito, tanto quanto possível, sôbre ela pronunciar-me. Saúdo, comovido e agradecido, a memória do Major Vaz. Repito, com uma frase que devemos levar conosco que o seu sacrifício não foi em vão. Juremos que não o será. Saúdo nas fôrças armadas, no Exército, Marinha e Aeronáutica, os altos sentimentos de civismo que inspiram esta cerimônia e neste sentimento de civismo confio, tranqüilamente, para que nos ajudem a arrancar, se fôr preciso, da lama, as instituições nacionais e da desgraça, o Brasil.



A viúva Lígia de Figueiredo Vaz descerrando o pavilhão que cobria o nome do homenageado.



Flagrante feito logo após o ato inaugural vendo-se a placa da nova Rua Major Rubens Vaz.

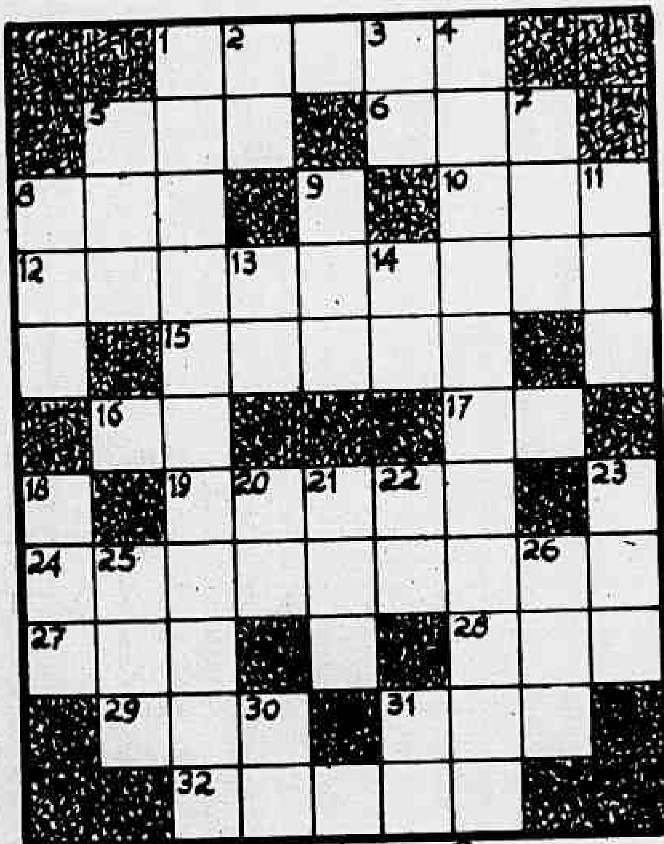


O deputado Carlos Lacerda que falou na cerimônia como «companheiro do major R. Vaz».

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 54

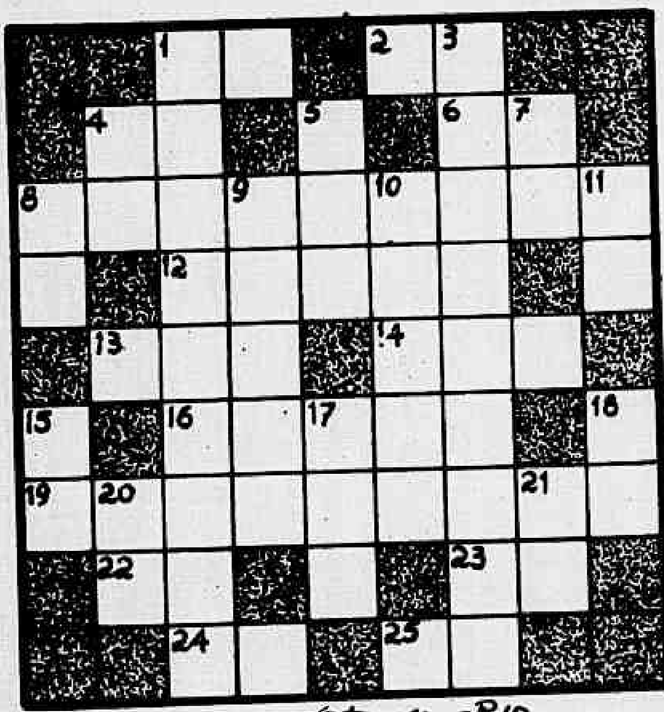
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Obrigação de cumprir penitência dada pelo confessor — 5. Espécie de aguardente — 6. Nome de mulher — 8. Presente — 10. Masca de fumo — 12. Peixe, espécie de atum, porém muito menor (pl.) — 15. Inferno — 16. Deusa egípcia da verdade e da Justiça — 17. Ùnicamente — 19. Herdeiro, em Goa — 24. Habituados — 27. Terra natal — 28. Espécie de sapo — 29. Boi — 31. Nome de mulher — 32. Quantidade considerável.

VERTICAIS: — 1. Que se orientam através dos campos — 2. Preposição — 3. Uma das sílabas de que se serviam os gregos para solfejar — 4. Encargo — 5. Catálogo — 7. Dona de casa — 8. Cesto de bambu para medir cereais, usado na Índia portuguêsa — 9. Levante — 11. Expansão de certas sementes ou frutos — 13. Divindade greco-romana 14. Prefixo que traz a idéia de posição fronteira — 18. Cinzas — 20. Símbolo do metal de pêso atômico 26,97 — 21. Jornada — 22. Símbolo do gálio — 23. Cidade do Japão, na Ilha de Hon-Shu — 25. Imensidão — 26. Medida grega de comprimento — 30. Embora — 31. Gemido.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Perversa — 2. Ali — 4. Poeira — 6. Despido — 8. Notícias; coisas novas — 12. Cheia de ira — 13. Quer bem — 14. Jornada, partida — 16. Comestível — 19. Hospital para tuberculosos — 22. Donaire. distinção — 23. Seguir — 24. Brisa — 25. Aqui

VERTICAIS: — 1. Põe em movimento — 3. Cargo de andador — 4. Polvilho — 5. Milho torrado, reduzido a pó e temperado — 7. Interjeição de espanto — 8. Laço apertado — 9. Colérica — 10. Abrigo; estabelecimento para indigentes — 11. Isolado — 15. Artigo masculino plural — 17. O mesmo que outa — 18. Pena — 20. Grito de dor — 21. Andar.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 53

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: corticoso — oriá — adir — rasgadela — Sr — are — Od — arino — aférese — Elate — am — inisi — cascalvos — ácie — halo — russianas.

VERTICAIS: côrso — orar — ris — tagarelices — cadenetilha — ode — silo — orada — arirana — afe — ose — nacar — Risos — macu — sola — Sis — Van.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cama — mata — ore — rir — modelagem — ilota — adi — imo — ótica — arremêsso — baé — Sul — assa — casa.

VERTICAIS: como — aro — medidores — argamassa — tié — arma — alô — elite — atice — taba — imã — solaras — sus.

CORREIO DA REVISTA

● **MAIS TRANSPORTE PARA O CAFÉ — Do Diretor-Gerente da Ricafé S/A, recebeu nosso Diretor a seguinte carta:**

Saudações Ricaféanas:

Após a visita de seu repórter sr. Hélio Abreu a Cornélio Procópio, e aos estabelecimentos da nossa Matriz, ficamos na expectativa da reportagem sôbre aquela cidade e a respeito do principal produto daquele município, e que o é também do Brasil: o café. Realmente, destacamos no número 2, do ano 55 da popular «REVISTA DA SEMANA», a reportagem tão anciosamente aguardada não só por nós, mas também por todos, os que trabalham com o produto magno brasileiro, naquela próspera cidade do Norte Paranaense. Lemos com tôda atenção o texto redatorial do sr .Hélio Abreu, bem como as fotografias que documentam e ilustram aquela reportagem, damos o nosso testemunho de que a reportagem aludida é fidelíssima e explora um assunto que é do interêsse geral dos brasileiros e em particular dos cafeicultores: a falta de transportes para os produtos daquela vasta região e a ausência de assistência por parte do nosso govêrno.

Desejamos, ainda, deixar lavrada nossa gratidão pela simpatia com que os diretores da Revista da Semana, têm para com o interior brasileiro, especialmente o Norte do Paraná, e auguramos que os efeitos apareçam logo, pois Cornélio Procópio, necessita realmente de mais atenção, por parte de quem cabe obrigação velar, pelos interêsses do país. Em particular apresentamos também nossos agradecimentos pelas referências à nossa firma, bem como pela atenção que dispensaram ao nosso titular, sr. Márcio Tavares de Menezes. Com elevada estima e permanecendo sempre ao seu inteiro dispor, apresentamos nossas cordiais saudações

ATENCIOSAMENTE

Cássio Tavares de Menezes

● **O CRIME DE NOVA CAMPINAS**

Notícias de Campinas, falam da ampla repercussão que teve no interior paulista, e principalmente naquela cidade, a reportagem de Alderaban Cavalcanti publicada em nossos números 1 e 2 do corrente ano.

Um dos nossos leitores, Carlos Lopes, informa que Paulo Gonçalves, acusado de haver assassinado o alto funcionário da Secretaria da Fazenda de São Paulo, Irineu Bernardo Agostinho, dentro do Opel bege da própria vítima, foi absolvido. Embora sem recursos pessoais para pagar a um advogado, o acusado teve em seu favor tôda uma população que acredita estar êle inocente. E foi essa população que através de subscrição popular, pagou à um advogado para defender o pobre páric campineiro, vítima de erros da polícia, que, com um processo falho, deteve nas grades um inocente. O julgamento, dos mais concorridos, prendeu a atenção do povo. Depois de acalorados debates, o promotor não se conformou com a decisão do júri que absolveu o pobre homem, apelando para o Tribunal de São Paulo para que novo julgamento seja feito.

REVISTA HÁ 50 ANOS

(19 de Fevereiro de 1905)

● **CONSELHEIRO M. DA SILVA MAFRA**

Partiu no dia 17 do corrente para Florianópolis o Sr. Conselheiro dr. Manuel da Silva Mafra, advogado do Estado de Santa Catarina na questão de limites com o Estado do Paraná. No seu embarque, que foi bastante concorrido, teve S. Excia. ocasião de receber manifestações de estima e consideração dos seus amigos e admiradores.

● **MARECHAL CONRADO JACOB DE NIEMEYER**

Faleceu no dia 14 do corrente o Marechal Conrado Jacob de Niemeyer, ministro do Supremo Tribunal Militar e um dos vultos proeminentes do Exército Nacional. Durante o período quase ininterrupto de meio século prestou os mais relevantes serviços à pátria desempenhando, com ilustração pouco comum, as mais importantes comissões.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro e contava 74 anos de idade, quando a morte veio roubá-lo ao carinho da família que o amava extremadamente.

● **CLUBE INTERNACIONAL DE PELOTA**

Conquanto fôsse interrompida a função íntima de domingo passado na cancha de Vila Isabel, por causa do grande aguaceiro, ela estêve bastante concorrida e animada, sendo jogadas pelos amadores diversas quinielas interessantes e partidas renhidas. Hoje, às mesmas horas, os amadores jogarão, também, em função íntima, com o habitual entusiasmo.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME ....

RUA .... Nº. ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

O EX-TENENTE BANDEIRA ROMPE O SILÊNCIO:

"Esta é a minha última chance. Não darei um passo sem o consentimento do dr. Serrano Neves" — Magro e pálido, num xadrez da Base Aérea de Santa Cruz com sete outros condenados — Na faxina da Penitenciária Central, Bandeira, vestido com o uniforme de prêso comum, fala manso, cabeça baixa e triste, ao repórter da REVISTA DA SEMANA, não obstante a proibição de seu advogado

Reportagem de VINÍCIUS LIMA



VOLTOU novamente ao cartaz o mais discutido crime já ocorrido no Brasil, e voltou forte em matéria de publicidade. E' que o novo patrono do réu, dr. Francisco de Assis Serrano Neves, advogado dos mais famosos e competentes, ajudado por alguns jornalistas dos «Diários Associados», pretende, antes de tudo, tornar simpática perante a opinião pública a figura do ex-tenente Alberto Jorge Franco Bandeira, natural do Pará, acusado como autor da morte do bancário Afrânio de Lemos, ocorrida na ladeira do Sacopã, na lagoa Rodrigo de Freitas.

Está o dr. Serrano Neves empenhado numa luta ingrata, pois difícil será a êsse causídico provar a inocência de Bandeira, agora recolhido à Penitenciária Central onde o autor da presente reportagem conversou durante algum tempo com o mesmo, na presença do juiz da 20ª Vara, dr. José Gomes Bezerra Câmara. Antes, graças ao empenho do mesmo repórter, foi possível à «REVISTA DA SEMANA» ficar, durante

Bandeira ao dar entrada na Penitenciária. A propósito do fato, disse o Juiz da 20ª Vara de Execuções: «Não sou supersticioso, Vinícius, porém, não entraria com o pé esquerdo numa cadeia como o fêz o ex-tenente Alberto Bandeira.

"NÃO DESEJO MAIS



[illegible] no semblante, (notar a ex- [illegible] de seu rosto), Bandeira caminha- va a passos largos, procurando esconder [illegible] a emoção que o dominava.

DUAS CONVERSAS DEMORADAS COM BANDEIRA

O dr. Serrano Neves, usando de excessiva prudência, proibiu Alberto Jorge Franco Bandeira de falar à imprensa, exceto a certos jornalistas (Associados) que o estão ajudando na causa. Por isso mesmo, difícil se tornou aos demais jornalistas avistar-se com o réu, inicialmente recolhido à Base Aérea de Sta. Cruz, e, agora, na Penitenciária Central localizada à rua Frei Caneca. Mas, apesar dêsse prejudicial monopólio, «REVISTA DA SEMANA» conseguiu avistar-se com o ex-tenente, ouvindo dêle frases muito significativas, ao mesmo tempo que constatou a mudança que se operou na personalidade do rapaz.

O primeiro encontro do repórter com Bandeira, deu-se graças à boa-vontade do juiz da 20ª Vara, que deu ao repórter um ofício dirigido ao comandante da Base de Sta. Cruz, no qual declarava permitir que o réu se avistasse com o repórter, tomadas as precauções de praxe. Na referida Base Aérea, o jornalista, na presença do sub-comandante em exercício, (o cel. Pamplona estava ausente) ouviu de vários oficiais a afirmativa de que Bandeira não receberia ninguém. Mas, diante da insistência do repórter, o próprio sub-comandante nos levou até o Corpo da Guarda, em cujo xadrez estava o ex-tenente.

Uma das exigências de Bandeira para falar ao repórter foi deixar do lado de fora a máquina fotográfica, exigência que tinha que ser aceita. Dentro do xadrez, Bandeira aparentemente calmo, mas um pouco trêmulo em virtude da importuna visita, trocou as seguintes palavras com o jornalista:

— Não, não posso conceder entrevista.

— Conversemos um pouco, então.

— Não, só com a presença do dr. Serrano.

20 minutos em palestra com Alberto Jorge, no xadrez em que estava recolhido na Base Aérea de Sta. Cruz.

INOCENTE OU CULPADO?

O ex-tenente Bandeira é um rapaz cujos antecedentes o comprometem sèriamente. No Ceará espancou um repórter, rapaz fraco fisicamente, mas para o qual Bandeira achou necessário levar tôda uma escolta para surrá-lo. Também negou paternidade a uma criança cuja mão implorou por justiça. Além disso, Bandeira andou fazendo outras coisas pouco recomendáveis que muito calaram na consciência de seus julgadores.

Não obstante o seu passado pouco recomendável, acusar Bandeira como autor do «Crime do Sacopã» constitui temeridade, embora já tenha sido julgado e condenado pela Justiça. Isto porque, na noite dos acontecimentos, não só Bandeira estava naquele local, mas muitos outros casais, muitos outros «citroens», mùitas outras pessoas, porque o Sacopã é o local favorito daqueles cujos romances necessitam ser escondidos da sociedade.

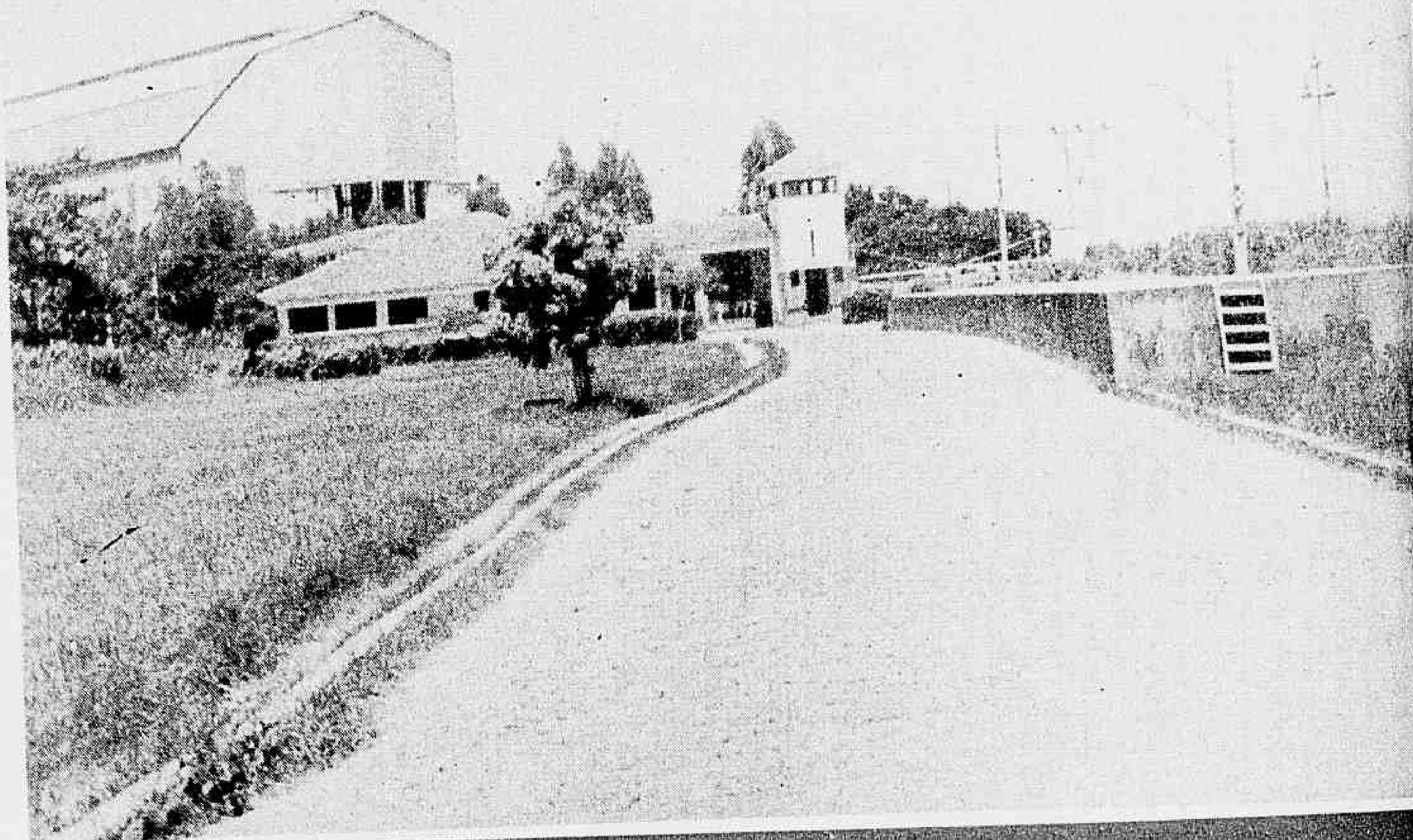
Por tudo isso, é o caso de se perguntar: Bandeira é inocente ou culpado?...

Se é inocente, na opinião dêste repórter está encobrindo o verdadeiro criminoso, se é culpado, conseguiu iludir seu próprio advogado muito conhecido do autor destas linhas e que está absolutamente certo da inocência de Bandeira. Resta-nos estudar a personalidade do réu nestas duas fases distintas do crime: a primeira quando, arrogante, enfrentava os tribunais com ar desafiador; e, agora, humilde, magro e tristonho, prefere não falar com receio de perder a última chance que lhe resta.

A PALAVRA DE ROMEIRO NETTO

De um modo geral, a opinião pública se divide entre os que creem e os que não creem na culpabilidade de Bandeira. As mulheres, embriagadas pelo porte do ex-oficial, são em sua quase totalidade (principalmente as mulheres fúteis) favoráveis ao ex-oficial, o que não acontece com os homens cuja maioria acredita que Alberto Jorge é o culpado. Desta maioria, porém, há divergências, e uma delas, muito natural aliás, é a do dr. Romeiro Netto, que foi o advogado cuja atuação levou Bandeira a condenação. Substituído por Serrano Neves, explica agora (em breve entrevista a êste repórter) as razões que determinaram seu afastamento do caso:

— Deixei a causa por razões políticas. Continuo acreditando na inocência de Bandeira e espero que o meu substituto seja bem sucedido. Não continuei com a causa porque meus afazeres políticos não mais o permitiram



Uma vista parcial da Base Aérea de Santa Cruz, onde Bandeira perdeu seus galões de oficial da Fôrça Aérea, em dezembro de 1954.



O carro que discretamente conduziu Alberto Jorge. Ao ser feita a foto, Bandeira agachou-se dentro do veículo, evitando os fotógrafos.

SABER NOTÍCIAS DE MARINA"

— Mas, Bandeira, você não precisa ficar nervoso. Já perdi bastante tempo para chegar até aqui, onde só encontro hostilidade.

— Eu sei, você perdeu dois dias, e eu vou perder 15 anos...

Bandeira estava abatido, um pouco pálido e bem mais esguio. Seu rosto aparentava sofrimento, muito sofrimento em mistura com revolta. Mas mesmo isso, não obstante o tom de cordialidade da entrevista, prosseguimos:

— Bandeira, sei que você será transferido na próxima semana para a Penitenciária. Diga-me uma coisa, você prefere ficar aqui?

— E' natural, aqui estou melhor, ou pelo menos estou entre os meus ex-camaradas que me tratam bem, e se me botam num xadrez como êste é porque são obrigados. Se pudessem me tratariam melhor. Se fôsse possível preferiria ficar aqui mesmo.

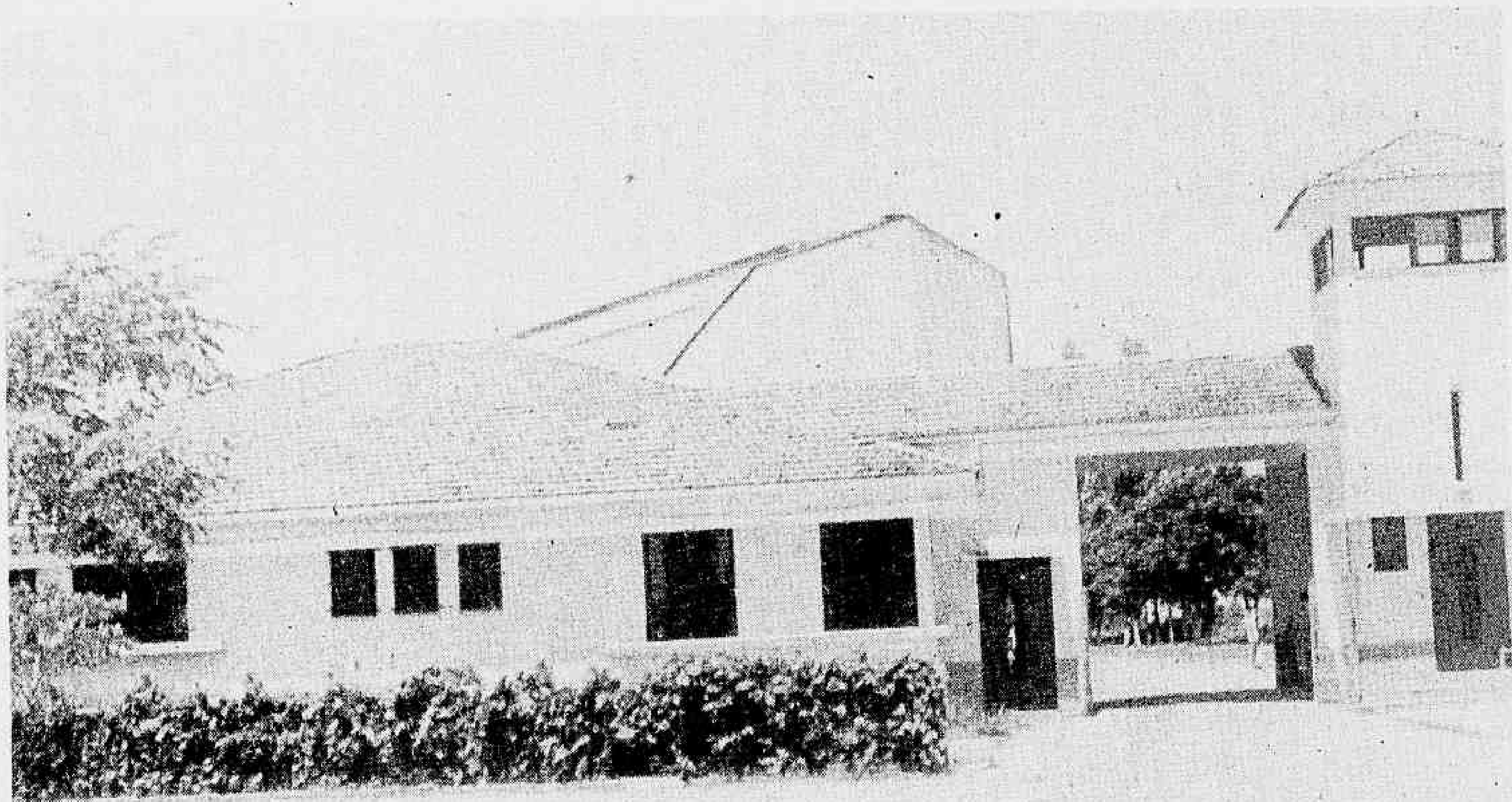
— Mas... você já leu os jornais de hoje?

— Já.

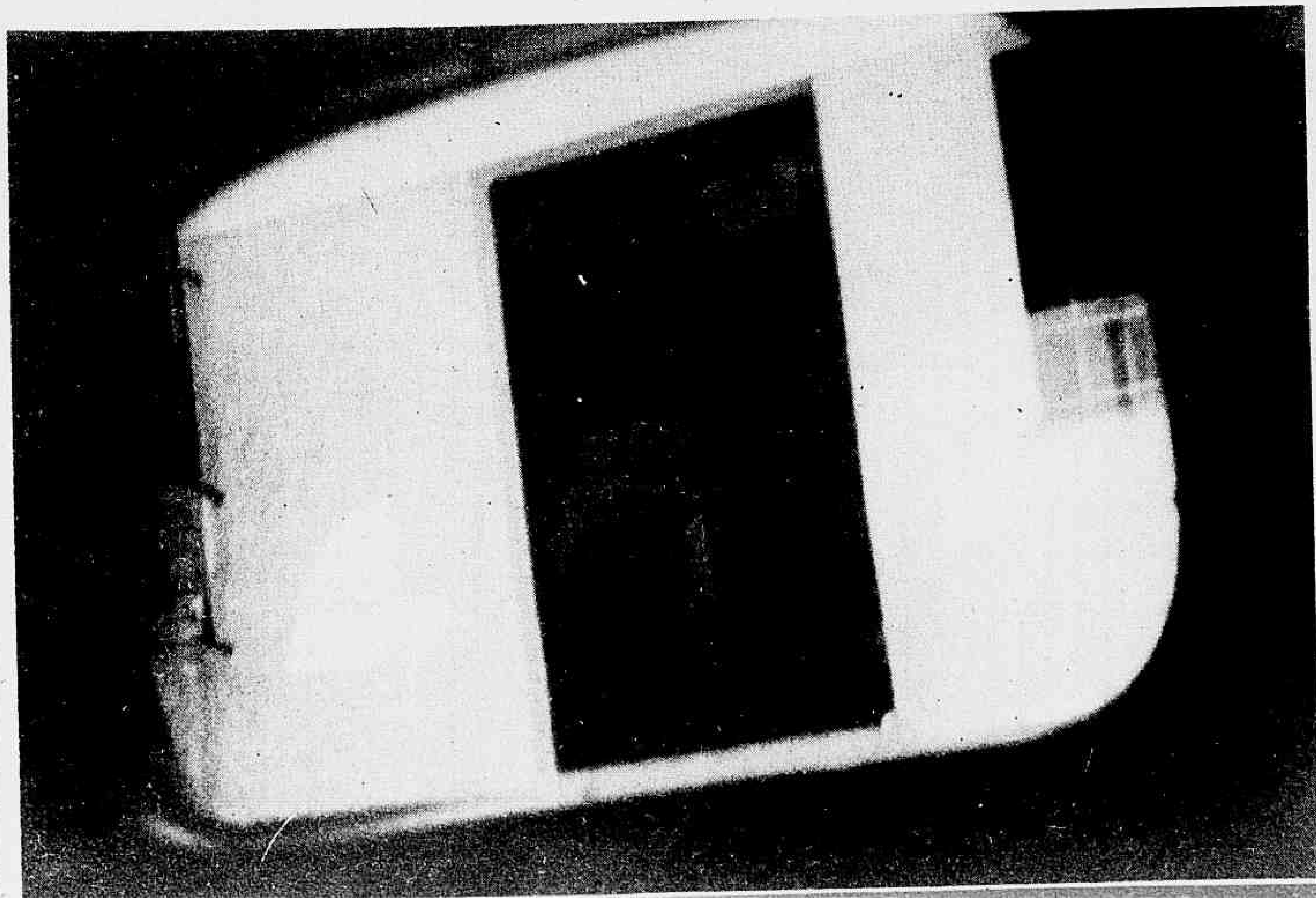
— Acredita na revisão de seu processo, ou melhor, acredita num bom desfecho de sua causa?...

— Se Deus quiser, mas já não creio muito na justiça dos homens. Condena-se uma pessoa porque tira fotografias tocando violão para satisfazer a vontade de um repórter? Condena-se um homem sem se ter certeza de que é o verdadeiro culpado?

— Você quer dizer que é inocente?...



O Corpo da Guarda da Base de Sta. Cruz, vendo-se as três pequenas janelas correspondentes ao xadrez do ex-tenente Bandeira.



O xadrez em que Bandeira permaneceu mais de 6 meses, na Base Aérea de S. Cruz. 7 outros presos, em camas comuns ali dormiam.

Bandeira não respondeu. Franziu a testa contrafeito como a dizer:

— Você ainda pergunta?...

Não obstante o acabrunhamento de alguns oficiais que sentiam naquela demora do repórter a quebra de um princípio pré-estabelecido de Bandeira sòmente falar aos «associados» e publicar sòmente aquilo que fôsse de conveniência de sua defesa, continuamos:

— Vamos fazer algumas fotos, Bandeira?

— Não posso.

— Por quê?

— Só com a presença de meu advogado.

— Nem uma, umazinha?...

— Só se você vier aqui com um repórter «Associado», ou com o dr. Serrano...

— Quer dizer que isto é um monopólio feito por elementos da imprensa, contra seus próprios colegas?

Bandeira não disse nada. Mas honestamente não procurou esconder o êrro de seu advogado, que o vem afastando da imprensa com a qual o está incompatibilizando. Depois de algum tempo, quando já se queria afastar, o repórter voltou à carga:

— E sôbre Marina, Bandeira... Você desculpe tocar em tal assunto, mas tem alguma notícia de Marina?

— Não e nem desejo tê-las...

Diante do estado de espírito do rapaz, resolvemos deixá-lo em paz, mesmo porque os oficiais (exceto o comandante e o sub-comandante da Base) ali presentes, de maneira indireta, pasaram a fazer ameaças veladas ao repórter que foram mais ou menos assim:

— A ordem é tomar qualquer máquina fotográfica que entre aqui.

— E tirar o filme se alguém bater fotografias aqui dentro.

— Táxi não pode entrar aqui. Isto está ficando avacalhado. Os paisanos já entram aqui da maneira que entendem e até de máquina fotográfica...

Enquanto isso, o comandante da Base, muito cavalheirescamente, mostrava ao jornalista as fabulosas instalações da Base de Sta. Cruz. Desejamos ressaltar que tais ameaças foram feitas na ausência dos oficiais superiores da Base Aérea de Sta. Cruz.

NA PENITENCIÁRIA

Transferido antes do dia previsto para a Penitenciária, Alberto Jorge, não obstante a discrição das autoridades, não conseguiu fugir às objetivas dos fotógrafos. De tudo isso, o que mais revoltou o patrono de Bandeira foi o jornal «O Globo» estar entre os poucos que conseguiram fotografar o ex-tenente, que chegou precisamente às 16,30 horas do dia 3 do corrente, ao velho casarão (agora modernizado) da rua Frei Caneca, indo diretamente para a Enfermaria da Prisão até o dia seguinte, quando foi submetido aos exames de praxe, ficando depois às ordens de um ex-soldado da aeronáutica que foi seu comandado, agora funcionário da Penitenciária.

NOVA CONVERSA COM O EX-TENENTE

Diante da proibição por parte do dr. Serrano Neves para que Bandeira não fôsse fotografado por outros jornais que não fôssem aquêles que assumiram compromisso de defender sem restrições o seu constituinte, novamente esta Re-

Bandeira

Caminhando para a enfermaria da prisão, pouco depois de ter estado perante o dr. José Gomes Bezerra Câmara, na presença de quem ficou em posição de sentido.

vista recorreu ao dr. Juiz da Vara de Execuções criminais que foi pessoalmente com o repórter à presença de Bandeira, a fim de provar que se o ex-tenente não deseja fotos de outra imprensa, não era por vontade da Justiça nem tão pouco por proibição do Diretor da Penitenciária, mas que tanto a Justiça como os dirigentes da prisão, não desejavam coagir o réu, deixando por isso a critério do mesmo a decisão de fazer ou não fazer fotografias.

Bandeira, na presença do Juiz, repetiu o que já havia dito em Sta. Cruz ao repórter:

— Só tiro fotografias com ordem do dr. Serrano. Também não concedo entrevistas, a não ser para os jornalistas que vierem aqui com o dito advogado.

Ao contrário da aparência que tinha na prisão militar, na Penitenciária, apesar da farda umilhante, o ex-tenente parecia mais alegre pois durante o dia não tinha sido recolhido à cela, estando adido à Secretaria onde uma vassoura o esperava. Mais tarde, possìvelmente irá trabalhar como datilógrafo ou como professor de educação física, mas, por enquanto, na Penitenciária o ex-tenente é mesmo recruta, e todo recruta aprende antes de tudo ordem unida...

Aproveitando a presença de Bandeira, fizemos-lhe novas perguntas, a maioria das quais não foram respondidas:

— Bandeira, como vão as coisas por aqui?

— Melhor do que eu esperava. O pessoal é bom e me está tratando com decência.

— Alguma reclamação?...

— Não, se houvesse alguma a fazer aqui está o juiz...

— O que você está fazendo por enquanto?

— Serviços comuns, quase nada, além disso ainda estou a espera dos resultados dos «tests» feitos ontem (dia 4) e depois é que irão decidir o que fazer comigo.

— Você acredita que êsse rapaz de S. Paulo acusado pelo seu advogado, o jovem Milton, é o culpado?...

— Não sei, não quero acusar sem saber. Sei o que me aconteceu e não quero que aconteça com os outros o que me aconteceu. O criminoso terá que aparecer, **pois eu não vou pagar por um crime** feito por outro.

Diante de nova negativa de Bandeira de se deixar fotografar, (as fotos em sua maioria já estavam feitas) nos desculpamos pela insistência, e nos despedimos de Bandeira que muito cordial deu pela primeira vez um leve sorriso.

— Obrigado, sr. Vinícius, e desculpe-me por não poder fazer mais nada. Mas acontece que estou cumprindo ordens. Assumi um compromisso e tenho de cumprí-lo, desculpe-me!...

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 8 — Rio de Janeiro — 19-2-55

Redatores e corretores... S. L. Guimarães, A. Mendes.

ANO 55 — Nº 6 — RIO DE JANEIRO — 5-2-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente........................Gratuliano Brito
Diretor-Comercial........................Ivan Guimarães
Diretor-Gerente........................Wenceslau Quintais
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



M. F.

Um romance de amor no
[Festival
Com o ator de Hollywood ela
[viveu.
Mas na hora da pose especial
Velou o filme e desapareceu.

FORTUNA
(completamente mascarado)
APRESENTA

Fantasias p



SE ME DÃO

● Paletó com diversas aplicações de rótulos dos mais variados maços de cigarros, desde os mais comuns aos nunca dantes imaginados, sugerindo que seja qual fôr a marca que você fume, êle terá prazer em compartilhar. As mangas são em forma de cigarros — uma lisa, outra com ponta — demonstrando que também quanto a êsses detalhes não há preferências. Para a confecção desta fantasia, o nosso mui querido filante só tem que pedir emprestado o paletó.



BAR-MAN

● Especialmente idealizado para garçons que se encontrem de serviço em bailes carnavalescos, êste travesti permite cair no brinquedo sem descurar do trabalho. De fato, após deitar as doses necessárias nas duas batedeiras laterais, se o garçon tiver o traquejo que se espera de uma boa rumbeira, o coquetel estará pronto em 5 minutos.



SEREIO

● As sereias, figuras lendárias, metade mulher, metade peixe, estavam a pedir uma réplica masculina, que nos apressamos em idealizar: o homem do rabo de peixe. E atualisando o mito do canto das sereias, que faziam os homens ir nas suas águas, temos a buzina do sereio, cuja melodia irresistivel aos ouvidos femininos, possui as mesmas propriedades para iguais finalidades.



BON VIVANT

● Fantasia sem camisa, para proporcionar aos homens de negócios, a sensação de felicidade. O cabelo crescido pode ser conseguido com uma peruca de teatro; os olhos fundos, com baton azul de caracterização; as faces encovadas, fazendo um pouco de regime; a ponta do charuto, cortando um havana. O saquinho, para ser franco, não leva nada, o que é um alivio. E se parecer difícil a confecção da roupa, basta pedir uma, a qualquer um de nós, que não estamos nos negócios.

para Homens



TÂNTALO

● Inspirada no personagem mitológico — cujo suplício consistia em ouvir novelas num rádio que não tinha o botão de des- (ligar — esta fantasia acha-se provida de um pára-choque curvo, na extremidade de longo braço, cuja função é precisamente fazer com que as foliãs fiquem fora do alcance dos seus. Para sermos francos, a não ser que ao cavalheiro agrade o jôgo platônico, esta nos parece uma fantasia fora de cogitações.

(Sugestão remetida pela Associação das Senhoras Casadas).

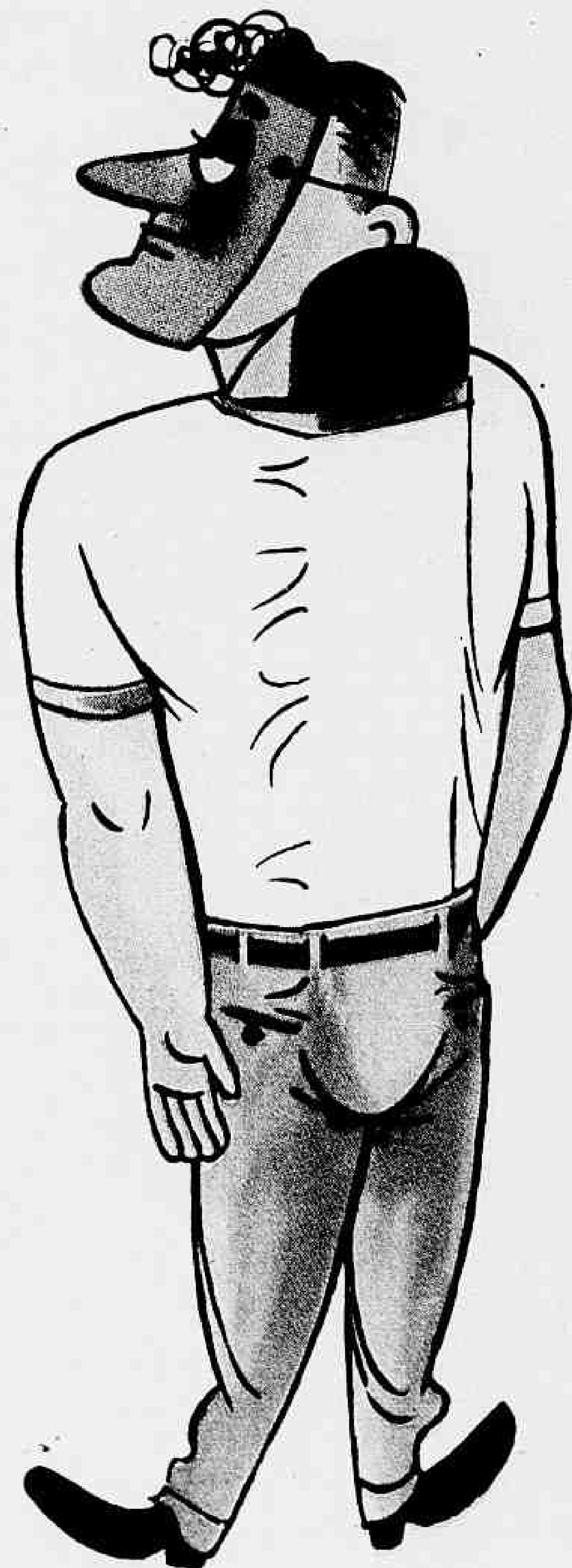


ACIDENTADO

● Braço na faixa, cabeça enfaixada, perna enfaixada, pé enfaixado. A originalidade está em que as ataduras não são simples faixas de gaze ou esparadrapo, mas faixas coloridas, bordadas, repinicadas, com dizeres os mais bonitinhos. Pois esta fantasia não é de um acidentado comum, e sim de um cantor de rádio acidentado. Morou?

GALÃ

● Ideal para boas pintas, boas praças, boas bôcas, dêsses dos topetes a Tyrone Power. A tábua de engomar, metida nas costas, não só os fará mais desempenados, como também proporcionará um andar absolutamente rígido, sem a mínima chance de naturalidade. A máscara deverá ser escolhida entre as mais paradas e inexpressivas, a fim de impossibilitar a exteriorização de suas preciosas emoções. Com isso você terá uma bela fantasia de galã — do cinema nacional, claro.

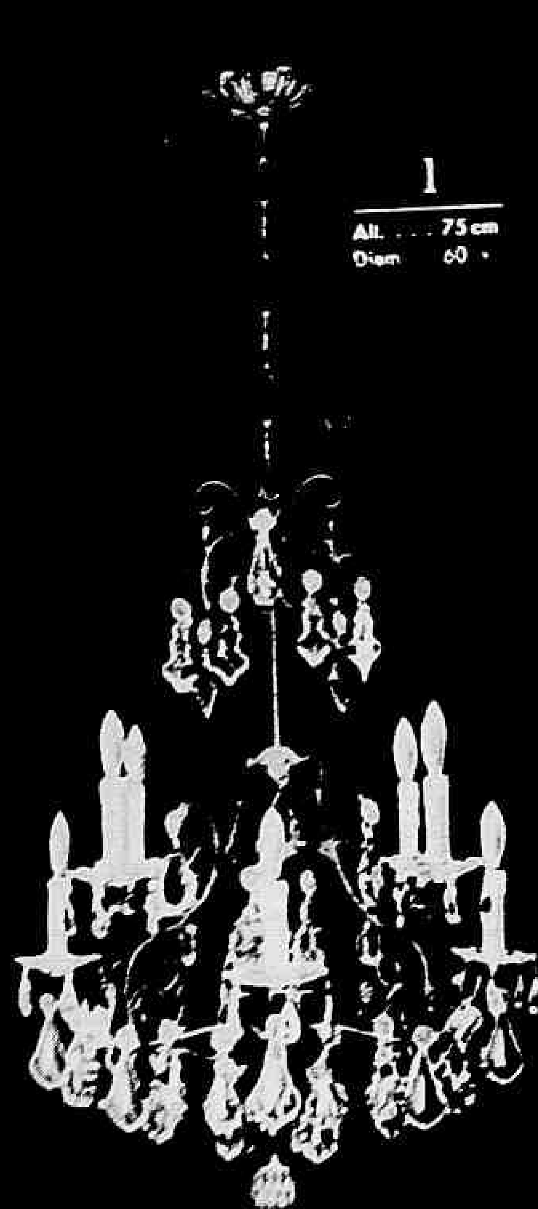


O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

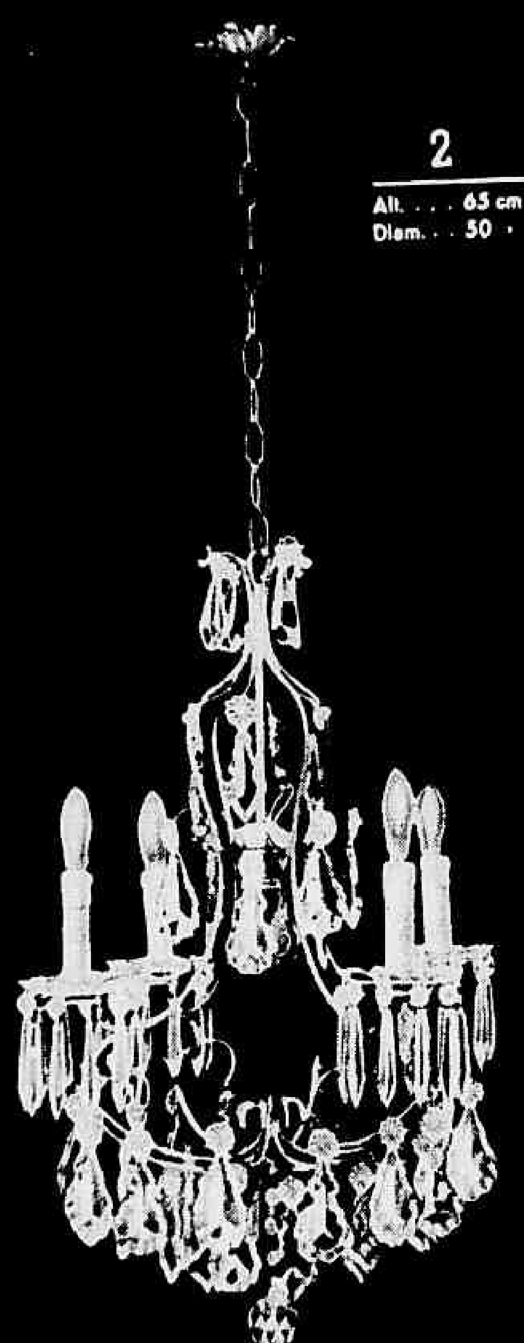
Escolhido da produção de vinte e seis das melhores fábricas européias. Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação direta, o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126
(Junto ao Túnel Novo)
Tel.: 37-1200 — 37-3428



1
Alt. . . . 75 cm
Diam 60 »



2
Alt. . . . 65 cm.
Diam. . . 50 »



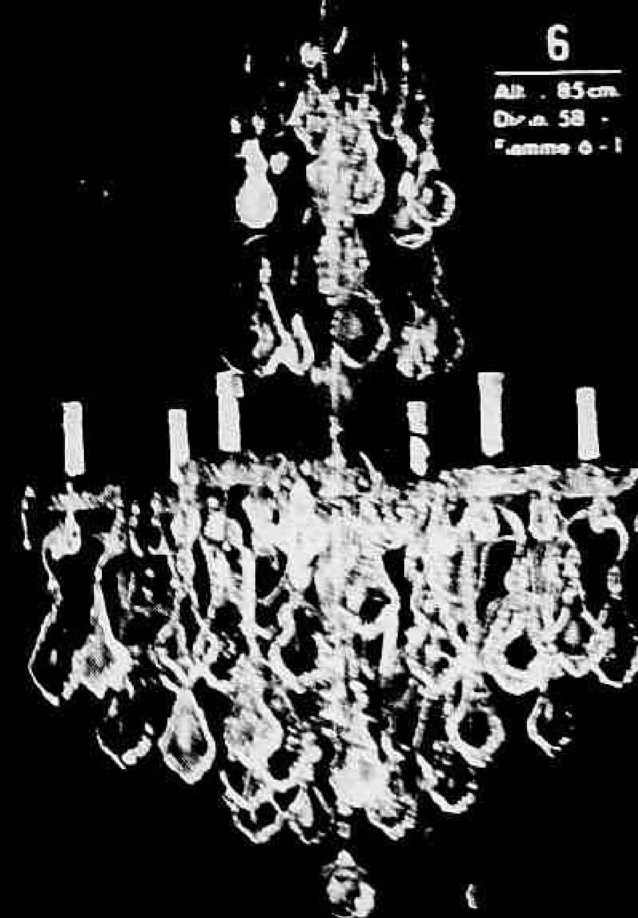
3
Alt. . . . 90 cm.
Diam. . . 62 »



4
Alt 80 cm



5
Alt. . 97 cm.
Diam. 64



6
Alt. . 85 cm.

Tamanhos especiais para «hall» de edifícios, hotéis, etc. — Execução sob encomenda.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA SÃO PEDRO, onde encontrará técnicos e decoradores com mais de 15 anos de prática

FACILITA-SE O PAGAMENTO **EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 22 HORAS**